



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

TATIANA BRANDÃO GOMES

"É NÓS POR NÓS":

Escrevivências dos encontros de produção de cuidado entre mulheres pretas vizinhas em
Belford Roxo - Baixada Fluminense (RJ)

RIO DE JANEIRO

2022

TATIANA BRANDÃO GOMES

"É NÓS POR NÓS":

Escrevivências dos encontros de produção de cuidado entre mulheres pretas vizinhas em
Belford Roxo - Baixada Fluminense (RJ)

Plano de defesa de dissertação de Mestrado apresentado como requisito final para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Área de concentração: Psicossociologia da saúde e comunidades (Linha III).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kathleen Tereza da Cruz.

Coorientador: Prof. Dr. Tiago Braga do Espírito Santo.

RIO DE JANEIRO

2022

REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Denise Pires de Carvalho

COORDENADORA DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÕES

Paula Maria Abrantes Cotta de Mello

CIP - Catalogação na Publicação

GG633" Gomes, Tatiana Brandão
"É NÓS POR NÓS": Escrivências dos encontros de produção de cuidado entre mulheres pretas vizinhas em Belford Roxo - Baixada Fluminense (RJ) / Tatiana Brandão Gomes. -- Rio de Janeiro, 2022.
177 f.

Orientadora: KathleenTereza da Cruz.
Coorientador: Tiago Braga do Espírito Santo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2022.

1. Escrivências. 2. Pandemia. 3. Ancestralidade. 4. Psicossociologia de comunidades. 5. Redes comunitárias. I. Tereza da Cruz, Kathleen , orient. II. Braga do Espírito Santo, Tiago , coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

TATIANA BRANDÃO GOMES

"É NÓS POR NÓS":

Escrevivências dos encontros de produção de cuidado entre mulheres pretas vizinhas em
Belford Roxo - Baixada Fluminense (RJ)

Plano de defesa de dissertação de Mestrado apresentado como requisito final para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Área de concentração: Psicossociologia da saúde e comunidades (Linha III).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kathleen Tereza da Cruz.
Coorientador: Prof. Dr. Tiago Braga do Espírito Santo.

Aprovada em ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Kathleen Tereza da Cruz (Orientadora) - UFRJ

Prof. Dr. Tiago Braga do Espírito Santo (Coorientador) - UFRJ

Prof. Dr. Emerson Elias Merhy - UFRJ

Prof.^a Dr.^a Fátima Lima - UFRJ

Prof.^a Dr.^a Silvia Santiago - Unicamp

RIO DE JANEIRO
2022

Dedico este trabalho a minha ancestralidade, a espiritualidade, a todas as mulheres pretas que produzem cuidado a outras mulheres pretas através de seus encontros com afeto e permanente escutatória. Em especial, Ana Maria, minha mãe, nesta existência, a Vovó Bernardina, querida preta velha que zela e conduz o meu ori e as queridas amigas irmãs Carla Jeremias e Ana Claudia Theodora que constroem exemplos incentivadores de enfrentamento ao Câncer de Mama.

AGRADECIMENTOS

Gratidão as vozes com energias de amor que vêm do infinito, as vozes da ancestralidade africana, as vozes das amigas/os espirituais que me acompanham antes de eu ser corpo físico aqui na terra. Vozes que me orientam a fazer o bom uso da palavra e do lugar de produtora de conhecimento.

Gratidão aos espíritos de sensibilidade e abnegação, Ana Maria e Edinaldo que estão meus pais nesta existência cumprindo com o seu papel educador e de guias de luz. Aos meus filhos, Olívia e Vicente que me impulsionam a ser uma essência melhor, mais amorosa e empática.

Gratidão à família do Centro Espírita Santa Catarina, em nome de sua Zeladora Olinda Soares, Márcia Soares, Jorge Soares, Antônio Soares, Elza Soares, Lohanna Soares e todas as entidades e orixás que lá coexistem harmoniosamente e amorosamente. Em especial, a Vovó Bernardina, preta-velha que me permitiu ser sua parceira na sementeira da esperança e do acolhimento. Até aqui, aos 42 anos de idade, a porta deste Centro sempre esteve aberta para o encontro com a minha fé e as necessidades e continuará sendo um ponto de luz entre as sombras do caminho por várias gerações. É o meu desejo.

Gratidão ao incentivo constante a apoio para o meu retorno à academia da Profa. Dra. Lourdes Luz, a Ma. Sandra Coleman, a Ma. Nélide Capela e a Dayse Valença. A Leilane Fidelis, parceira profissional que sempre providenciou tranquilidade nas horas que havia tensão de tempo entre a academia e a vida profissional. A Sandra Rodrigues, explicadora escolar dos meus filhos e cuidadora da minha mãe que tem um lugar especial em nossa vida familiar. A Thainar Xavier por sua companhia incentivadora e tranquilizadora nesta intensa travessia escreviente.

Gratidão ao companheiro Abner Salustiano que vem com muita sabedoria, respeito, gentileza, elegância, criatividade, arte e espiritualidade lidando com as minhas fases lunar. Nosso reencontro e convivência vem me proporcionando um lugar de deslocamento na vida para um lugar mais sensível e afetivo que foi se somando ao percurso da pesquisa.

Gratidão ao Prof. Dr. coordenador da Educafro-Rio e amigo Joelson Santiago que sempre acreditou e incentivou o meu caminho intelectual acadêmico. Em uma de nossas conversas, recebi a seguinte orientação que fez muito sentido no decorrer do caminho desta pesquisa: “aproprie-se de seu mestrado”.

Gratidão aos antigos amigos desta travessia que é a vida e aos amigos que conquistei diretamente e indiretamente através dessa pesquisa, pois pesquisar e viver é uma só coisa.

Gratidão aos amigos do JAVI: Brenda, Bianca, Dani, Malu, Sandrinha, Rodrigo, Sammy, Sebastião pelo apoio durante toda a travessia.

Gratidão aos amigos conquistados no EICOS e que foram suportes em muitos momentos de altos e baixos neste período em contexto pandêmico. A colega mestranda Itamara Keualambo que sempre me lembrou que o nosso “mestrado é coletivo”. Ao colega mestrando Murilo Lannes que estava sempre disposto e disponível para as trocas e reflexões necessárias.

Gratidão incomensurável ao colega, hoje, doutorando Geraldo Bastos. Foi ao final de uma reunião profissional, onde expus o meu desejo de voltar à academia que recebi o seu convite para participar da qualificação de sua pesquisa como mestrando e conhecer o grupo de pesquisa - LABMEMS no EICOS. Geraldo em nenhum momento largou a minha mão e sempre esteve disponível, mesmo em meio aos desafios que a vida ofertou pelo caminho. Ele incentivou, explicou, mostrou o caminho das pedras, ajudou presencialmente e a distância sem medir esforço não só como voltar para a academia como permanecer com saúde no universo acadêmico.

Gratidão à Profa. Dra. Samira Costa da Lima e à Profa. Dra. Bia Taikedi que me acolheram no grupo Labmems - Laboratório de Memória do EICOS. A minha porta de entrada na academia e todos os colegas participantes deste grupo, onde recebi atenção e conheci outras perspectivas de mundos.

Gratidão, infinita a Orientadora Kathleen Teresa da Cruz que com muita sabedoria, sensibilidade e paciência me guiou por essa travessia que é esta pesquisa e ao Coorientador Prof. Dr. Tiago Braga do Espírito Santo que foi sempre muito cirúrgico e sensível em suas colocações e propostas de reflexões.

Gratidão a todas e todos os participantes das bancas de qualificação e de defesa, agregaram significativamente na pesquisa, em especial a Prof^a Dr^a. Fátima Lima que trouxe perspectivas impulsionadoras e revigorantes que conduziram o meu fazer científico.

Gratidão as escritoras desta pesquisa, mulheres pretas que produzem e produziram cuidados através dos encontros entre si e que compartilharam comigo as suas histórias, trajetórias e sentimentos. A constituição da mulher que sou hoje, vem desses potentes encontros.

Por fim, gratidão aos contribuintes do Estado do Rio de Janeiro e aqueles que lutaram para estabelecer uma política de cotas para que mais pessoas pretas tenham acesso às

universidades, ao ensino de qualidade e que possam continuar sonhando e agindo de forma científica contribuindo para um planeta melhor, um mundo mais justo e com mais equidade racial e de gêneros, por comunidades mais unidas e sadias e ao CAPES pelo aporte financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Os encontros entre mulheres pretas vizinhas são práticas potentes de empoderamento coletivo que acontecem no cotidiano na região do Município de Belford Roxo na Baixada Fluminense (RJ). Encontros esses que ocorrem a partir da perspectiva da dororidade, mostra a importância da rede de apoio comunitário que exerce o “Nós Por Nós”, como forma de resistência e luta para continuarem vivas frente às várias formas de violência presente na vida das mulheres pretas moradoras da Baixada Fluminense que são atravessadas interseccionalmente de forma direta e indireta pelo racismo estrutural. Este trabalho valoriza os encontros entre essas mulheres pretas vizinhas, como produtores de cuidado. Descreve as experiências e os atravessamentos vividos que as levam a cuidar e serem cuidadas entre si, bem como as ações de trocas que as potencializam individualmente e comunitariamente; relaciona os elementos e fatores que ocorrem nos encontros comunitários que configuram produção de cuidado e descreve o modo como isso se deu durante a Pandemia Covid 19. Utiliza a escrivência como metodologia, enunciando como coletiva a história de seis mulheres pretas vizinhas, incluindo a pesquisadora e a sua mãe no decorrer da dissertação que apresenta as suas estratégias de criação de novos modos de viver, sabedoria adquirida pela constante reinvenção da vida mediante a existência da nossa atual sociedade racista. Esta pesquisa “escurece”, ou seja, traz luz em vários sentidos e relevâncias pelo ponto de vista da sensibilidade para sulear, africanizar e espiritualizar o pensamento através de sua proposta em valorar a temática a partir da vivência da pesquisadora como mulher de axé e ativista antirracista na Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO) e em diversas outras organizações pela equidade de direitos para que mulheres pretas ocupem lugares de influência e exercício de poder pessoal, coletivo, social, profissional, acadêmico e espiritual. As escrivências de todas as mulheres pretas partiram das lembranças e do olhar micropolítico dos encontros ocorridos e vividos na varanda da casa da pesquisadora onde fica nítido a indissociabilidade da relação intrínseca entre a comunidade e as mulheres pretas vizinhas da cidade de Belford Roxo.

Palavras Chave: Escrivências. Pandemia. Ancestralidade. Psicossociologia de comunidades. Redes comunitárias.

ABSTRACT

The meetings between neighboring black women are powerful practices of collective empowerment that occur in everyday life in the region of the Municipality of Belford Roxo in Baixada Fluminense (RJ). These meetings that occur from the perspective of dorority, show the importance of the network of community support that exercises the "Nós Por Nós", as a form of resistance and struggle to remain alive against the various forms of violence present in the lives of black women residents of the Baixada Fluminense that are intersectionally crossed directly and indirectly by structural racism. This paper values the encounters between these neighboring black women as producers of care. It describes their experiences and the crossings that lead them to care for and be cared for by each other, as well as the actions of exchange that empower them individually and communally; it relates the elements and factors that occur in community encounters that configure the production of care and describes how this occurred during the Covid 19 Pandemic. It uses *escrevivencia* as methodology, enunciating as collective the story of six neighboring black women, including the researcher and her mother in the course of the dissertation that presents their strategies for creating new ways of living, wisdom acquired by the constant reinvention of life through the existence of our current racist society. This research "darkens", that is, brings light in several senses and relevancy from the point of view of sensitivity to soften, africanize and spiritualize the thought through its proposal to value the theme from the experience of the researcher as a woman of axé and antiracist activist in Education and Citizenship of Afro-descendants and Needy (EDUCAFRO) and in several other organizations for the equity of rights for black women to occupy places of influence and exercise personal, collective, social, professional, academic and spiritual power. The experiences of all the black women were based on the memories and the micro-political look of the meetings that took place and were lived on the balcony of the researcher's house where it is clear the inseparability of the intrinsic relationship between the community and the neighboring black women of the city of Belford Roxo.

Keywords: Writings. Pandemic. Ancestry. Psychosociology of communities. Community networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Proposta guarda-chuva da preservação elaborada a partir da análise de Lisa Fox (1996).....	26
Ilustração 2 - Baobás da Praça da República.....	27
Ilustração 3 - Em conexão com a ancestralidade e a espiritualidade através da árvore baobá	28
Ilustração 4 - Catando flor de baobá no gramado.....	28
Ilustração 5 - Eu e Abner Salustiano com as flores de baobá catadas no gramado.....	29
Ilustração 6 - Baobá da Escrevivência.....	30
Ilustração 7 - Samambaia do meu quintal.....	39
Ilustração 8 - Transplantando planta de vaso menor para um vaso maior.....	40
Ilustração 9 - Transplantando da terra para o vaso.....	40
Ilustração 10 - Caramujo na Açucena.....	41
Ilustração 11 - Açucena-de-água.....	42
Ilustração 12 - Marimbondos cuidando do ninho na parte lateral do quintal (no teto).....	42
Ilustração 13 - Galinhas japonesas.....	43
Ilustração 14 - Ovos no mato.....	43
Ilustração 15 - A galinha e seus pintinhos.....	44
Ilustração 16 - Pannel pintado na parede do Centro Espírita Santa Catarina em homenagem aos pretos velhos e pretas velhas.....	54
Ilustração 17 - Pannel pintado na parede do Centro Espírita Santa Catarina em homenagem aos caboclos.....	54
Ilustração 18 - Imagem representativa da Vovó Catarina do Centro Espírita Santa Catarina .	55
Ilustração 19 - Terreiro do Centro Espírita Santa Catarina - Dia de Gira para Pretos Velhos.	55
Ilustração 20 - Ana Maria, minha mãe, na varanda.....	72
Ilustração 21 - A Varanda (entrada).....	73
Ilustração 22 - A varanda (vista a partir da sala).....	73
Ilustração 23 - A varanda (vista a partir da sala).....	75
Ilustração 24 - Boletim.....	88
Ilustração 25 - Decreto.....	88
Ilustração 26 - Decreto 2.....	89
Ilustração 27 - Casos acumulados.....	89
Ilustração 28 - Situação Epidemiológica da Covid-19 no Brasil (29/12 às 17:55).....	91
Ilustração 29 - Lado a lado - Montagem do Retrato da “Escrava Anastácia” com a máscara do silenciamento e o retrato da Tatiana Brandão com a máscara de proteção contra à Covid-19	94
Ilustração 30 - Circularidade do infinito.....	105
Ilustração 31 - Tempo espaço.....	107
Ilustração 32 - Corpo no encontro em ato.....	108
Ilustração 33 - Campo relacional do encontro em ato.....	109
Ilustração 34 - Competências, habilidades e atitudes.....	110
Ilustração 35 - Propaganda antiga, 1879. Venda da ama de leite escrava.....	111
Ilustração 36 - Retrato de uma Mucama do Rio de Janeiro.....	114
Ilustração 37 - Tatiana Brandão.....	114

Ilustração 38 - Lado a Lado - O Retrato da Mucama e o retrato de Tatiana Brandão	115
Ilustração 39 - Montagem de aproximação: O retrato da Mucama e o retrato de Tatiana Brandão (sem fundo).....	116
Ilustração 40 - Montagem de aproximação: O Retrato da Mucama e o retrato de Tatiana Brandão (sem fundo). Mais o retrato de Ana Maria, mãe de Tatiana Brandão.....	117
Ilustração 41 - Casos acumulados.....	138
Ilustração 42 - Casos acumulados.....	139
Ilustração 43 - Casos acumulados.....	139
Ilustração 44 - Casos acumulados.....	140
Ilustração 45 - Bananas do quintal da Vera.....	143
Ilustração 46 - A goiabeira do quintal.....	143
Ilustração 47 - Alguns livros que restaram da antiga biblioteca de casa	146
Ilustração 48 - Círculo do livro.....	146
Ilustração 49 - Coleção plantas que curam.....	147
Ilustração 50 - Gertrudes em nossa cozinha, nos preparativos da ceia de 1996.....	151
Ilustração 51 - Momentos antes da ceia de 1996. Da esquerda para a direita: Ana Maria, minha mãe, Gertrudes e Otília, minha madrinha	152
Ilustração 52 - Anastácia Livre.....	155
Ilustração 53 - Oração a Anastácia Livre	157
Ilustração 54 - Açucena-de-água da Praça da República, o Campo de Santana	175
Ilustração 55 - Esquema Ilustrativo da pesquisa:	176
Ilustração 56 - Baobás da Praça da República, o Campo de Santana no RJ	177
Ilustração 57 - Frutos dos baobás do Campo de Santana, RJ.....	177

LISTA DE MAPAS

Mapas 1 - Mapa de Caracterização da área Urbana / Habitacional	77
Mapas 2 - Divisão regional de Belford Roxo	77
Mapas 3 – Habitação: população negra	80
Mapas 4 – Emprego: diferença salarial entre homens e mulheres.....	80
Mapas 5 – Saúde: raça e idade média ao morrer	80
Mapas 6 – Habitação: população feminina	81
Mapas 7 – Segurança: pessoas negras assassinadas pelo Estado	81
Mapas 8 – Transporte: peso da tarifa do transporte público	81
Mapas 9 – Saneamento básico: tratamento de esgoto.....	82
Mapas 10 – Segurança: violência contra a mulher	82
Mapas 11 – Saúde: leitos hospitalares	82
Mapas 12 – Educação: matrículas em creches	83
Mapas 13 – Transporte: violência sexual no transporte público	83
Mapas 14 – Segurança: tiroteios registrados.....	83
Mapas 15 – Assistência Social: atendimento à mulher.....	84
Mapas 16 – Assistência Social: bolsa família	84
Mapas 17 - Mapa da América invertida.....	124
Mapas 18 - Pangéia.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das Mulheres Pretas	84
---	----

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ASPLANDE	Assessoria e Planejamento para o Desenvolvimento
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COLYMAR	Círculo Olympio Marques – Sociedade de Informação e Promoção do Negro
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
COVID-19	Coronavirus Disease 19 (do inglês)
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
EDUCAFRO	Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano
LABMEMS	Laboratório de Memória, Territórios e Ocupações da EICOS/UFRJ
MAR	Museu de Arte do Rio
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização não Governamental
PSF	Programa Saúde da Família
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
SARS-COV-2	Coronavirus 2 da síndrome respiratória aguda grave
SUNY	Universidade do Estado de Nova York
SUS	Sistema Único de Saúde
TEDX	Technology Entertainment Design

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.2 Objetivos	24
2 ESCREIVIVÊNCIAS – CAMINHOS DE UMA INVESTIGAÇÃO PRETA	25
2. 1 Dororidade	34
2.2 Racismo estrutural	35
2.3 Interseccionalidade	35
2.4 A bússola cartográfica	36
2.5 Travessia	38
3 ESCREIVIVÊNCIAS – É NÓS POR NÓS	50
3.1 Sou essência espiritual esse é o meu lugar de partida	50
3.2 Desliga as panelas	69
3.3 De Nova Iguaçu a Belford Roxo - Cidade dormitório para quem?	75
3.4 As produtoras de cuidados, as encontrantes, as criadoras de novos modos de viver	84
3.3.1 Pandemia - um atravessamento, na vida de uma mulher preta da Baixada Fluminense	85
3.3.2 Há uma comunidade intrínseca no cronograma de cada mulher preta	95
3.4 Mulheres pretas, sociedade racista, comunidade, a micropolítica do encontro e a produção de cuidado entre si	98
3.4.1 Mulheres pretas, sociedade racista e comunidade	98
3.4.2 A micropolítica do encontro entre as mulheres pretas a partir da circularidade da vida no infinito e no tempo espiralar	104
3.4.3 A produção de cuidado entre as mulheres pretas	110
3.4.4 Escuta cosmointerseccional	120
3.4.5 Cuidados produzidos, cuidados recebidos, fuga e reinvenção da vida	123
3.4.5.1 <i>Maria Mendes, a nossa doutora</i>	128
3.4.5.2 <i>Vera, a andarilha</i>	140
3.4.5.3 <i>Ana Carla</i>	144
3.4.5.4 <i>Gertrudes, sua gratidão e os rolos de papel higiênico</i>	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153

REFERÊNCIAS	158
ANEXO I	165
ANEXO II	166
ANEXO III	167
ANEXO IV	168
ANEXO V	174
ANEXO VI	175
ANEXO VII	176
ANEXO VIII	177

1 INTRODUÇÃO

*"Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo absolutamente tudo que nós tem é
Tudo que nós tem é isso, uns ao outro,
Tudo o que nós tem é uns ao outro, tudo."
(Emicida)*

A escolha deste tema para a pesquisa é o acúmulo de muito tesão pela vida e dos atravessamentos de várias emoções, sentimentos, afetações e afetos que me acompanham no presenciar a minha mãe, Ana Maria ou Dona Ana, como é conhecida no Vale do Ipê, bairro da cidade de Belford Roxo, onde moramos, desde a minha infância, em nossa casa, atendendo e acolhendo muitas mulheres, maioria pretas, que sempre a procuraram para terem um momento de refúgio em seu cotidiano, através do diálogo, acolhimento e aconchego, físico e/ou mental. Soma-se a isso a percepção das tensões e invisibilidade da produção dos modos de resistências, resiliências e reexistências, a partir da potência do encontro no momento em que ele ocorre, para simplesmente e/ou complexamente, permanecermos vivas, em contínua luta, contra as crônicas formas de dizimação pelas violências dos colonizadores que são atualizadas sofisticadamente e aplicadas sobre nós contra-colonizadores¹.

Quando a dor de uma mulher preta excede a extensão da pele, da derme, da epiderme e dos órgãos de seu corpo, ela passa a habitar a sua alma, ativando o desejo de liberdade que nunca deixou de estar presente na trajetória ancestral diaspórica de nosso povo. É a busca incessante do desejo de bem viver e da liberdade da realidade que não produz o cuidado. Produz sofrimento, tristeza, adoecimento e conseqüentemente a sua morte pelas vias de fato, diretamente pelo feminicídio e pela violência doméstica que cresceu na pandemia. Ou, subjetivamente, a cada dia ao adoecer ao ser cuidadora de um familiar doente permanente ou temporariamente; no sofrimento da violência emocional e física na rotina conjugal, na exaustão dos momentos de choro porque o companheiro deixou o salário no bar antes de chegar em casa no dia do pagamento e não se tem o que comer em casa e a luz será cortada, pois vai vencer a segunda; na dura realidade e constrangimento de admitir que perdeu o filho para o tráfico; na indiferença do patrão as suas dores; a perplexidade de ter o seu dinheiro ou objetos subtraído por um familiar ou parente sem a sua permissão; ser pautada pela cor de sua

¹ Termo apresentado por Antônio Bispo dos Santos no livro "Colonização, Quilombos - Modos e Significações". Brasília: INCTI, 2015.

pele e preterida no processo de vacina contra a Covid-19². "Há dor. dói e ponto", como diz Vilma Piedade através do seu conceito e livro "Dororidade" (2017), interseccionando a dor, a cor e o gênero de quem a sente.

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. É a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados...

A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor - mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor (PIEADADE, 2017, p.17).

Os caminhos percorridos por cada encontro ocorrem dentro dos vários campos existenciais de cada mulher, a partir da convocação em função da necessidade que cada uma traz, ao bater em nosso portão, ao efetuar o contato pelo celular de minha mãe para ser escutada, recebida ou, simplesmente, ter atenção, refugiar-se um pouco. Buscam auxílio para escapar um pouco das demandas da vida que são expressas através das questões familiares, violências, discriminações, preconceitos, pressões culturais-religiosas-sociais-familiares, vulnerabilizações que não são vivenciadas por homens e por mulheres brancas.

Fanon considerava o gesto de prestação do cuidado como uma prática de ressimbolização na qual sempre se imbricava a possibilidade de ressimbolização e mutualidade (o encontro genuíno com os outros). Nas tradições africanas antigas, por exemplo, o ponto de partida da interrogação sobre a existência humana não é a questão do ser, mas a da relação, da implicação recíproca, isto é, da descoberta e do reconhecimento a uma outra carne além da minha. É a questão de saber como sempre me transportar a lugares distantes, simultaneamente diferentes do meu lugar e implicados nele. Nessa perspectiva, a identidade é uma questão não de substância, mas de plasticidade. É uma questão de co-composição, de abertura para o outro lugar de uma outra carne e seus múltiplos nomes e lugares.

² Mulheres negras morrem mais de Covid-19 do que todos os outros grupos (mulheres brancas, homens brancos e negros) na base do mercado de trabalho, independentemente da ocupação, aponta pesquisa realizada pela Rede de Pesquisa Solidária e descrita em nota técnica lançada no dia 20 de setembro de 2021. (No Brasil, mulheres negras têm maior mortalidade por Covid-19. Jornal da USP, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/29/no-brasil-mulheres-negras-tem-maior-mortalidade-por-covid-19.htm>>. Acesso em 30 Out. 2021).

O tema é de relevância para a academia, sociedade e psicossociologia, pois tem como objetivo principal reconhecer e valorar os encontros presenciais e virtuais entre essas mulheres pretas como experiência de produção de cuidado. Com o compromisso de dar relevo a essa potência e beleza de construção do viver que acontecem todos os dias.

Nesse sentido, esta pesquisa fornecerá subsídios para contribuir na formulação de ações de um melhor enfrentamento do cotidiano de resistência, resiliência, produção de cuidado, autocuidado e novas formas de existências. No aumento da potência dos encontros entre nós, mulheres pretas a partir da consciência sobre a importância desses encontros em nosso cotidiano pela necessidade de produzirmos cuidado e redes comunitárias de apoio. No âmbito acadêmico a contribuição que se estabelece é a partir da estratégia de desconstrução da posição da mulher preta dentro da academia, produzindo conhecimento e o reconhecimento da vida de outras mulheres pretas, através da voz de suas narrativas ou da anunciação via a escrevivência, criada por Conceição Evaristo para literatura e que foi deslocada também para esta produção científica.

Aqui, ainda que não seja o momento de explicar cuidadosamente o que é a escrevivência, cabe um trecho curto sobre o tema, uma vez que ele é apresentado ao leitor/à leitora.

Trago na pesquisa o ar que eu e todas as mulheres pretas dessa pesquisa respiram, de acordo com Grada Kilomba, em Memória da Plantação que:

Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico (KILOMBA, 2019, p.58 e 59).

Na minha concepção de vida e dessa pesquisa a periferia, aqui é o centro de potência, vida, criatividade, transcendência e onde os deuses coexistem pacificamente de forma ativa. O lugar onde “a gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2016) e utilizamos a nossa tecnologia ancestral para permanecermos vivas. Quando uma ou mais mulheres pretas estiverem em encontro ou encontrando-se com elas mesmas, está com elas em sua constituição a força de um hipocentro, foco de liberação de energia subvertendo sobre o que é centro e periferia. Centro para quem? Periferia para quem? Assim como nos faz pensar Kimberlé Crenshaw sobre como:

Mulheres de comunidades que são racial, cultural ou economicamente marginalizadas têm se organizado ativamente, em pequena ou grande escala, a fim de modificar suas condições de vida. Para isso, enfrentam não só alguns obstáculos que as mulheres de elite também enfrentam como também outros problemas que lhes são exclusivos (CRENSHAW, 2002, p.181).

Direcionar a minha força energética para essa pesquisa faz parte do meu enfrentamento, renunciei muitas coisas, me coloquei em estado de permissão, pois não tinha como avançar sem me deslocar internamente a partir da generosidade ofertada pela vivência e desafios do contexto de pesquisa e das pessoas envolvidas. É um momento único. Cada pesquisa é um novo coração, novos comportamentos e novas peles. Até descobri que, assim como Manoel de Barros, tenho um quintal maior do que o mundo, a minha pressa hoje é de uma tartaruga, a importância de escutar o canto dos passarinhos, conversar com as galinhas, aprender com a família de marimbondos e simplesmente observar o cotidiano dos caramujos.

Tanto me permiti que fui, sem perceber, transmutando-me de um estado de ativismo visceral para o lugar do sensível, de forma que “esse movimento produziu um estranhamento” (CRUZ, 2016, p.90), quando dei-me conta estava vivendo sentimentos nunca antes percebidos, alguns ainda sem nomeação. Porém, sinto bem estar e momentos de conforto com eles. Compreendi que o exercício e a partilha de minha sensibilidade além de um ato político em defesa da vida é um posicionamento de gentileza para com todas as formas de vida também.

A cartografia que está em curso, parte dos encontros potentes com a minha mãe, das narrativas que escuto desde a infância dos encontros entre a minha mãe com as mulheres pretas aqui do bairro, nossas vizinhas, mais as narrativas dos encontros potentes das mulheres pretas moradoras do bairro com outras mulheres pretas. Todos esses encontros são escritos através da ótica da produção de cuidado interseccional entre as mulheres pretas na busca de abordar o que nos une, as singularidades e as diferenças em nosso dia a dia. Especificidades que faz Crenshaw (2012, p. 9) afirmar que “uma das razões pelas quais a interseccionalidade constitui um desafio é que, francamente, ela aborda diferenças dentro da diferença”. Continuando com ela:

These days, I start with what it's not, because there has been distortion. It's not identity politics on steroids. It is not a mechanism to turn white men into the new pariahs. It's basically a lens, a prism, for seeing the way in which various forms of inequality often operate together and exacerbate each other. We tend to talk about race inequality as separate from inequality based on gender, class, sexuality or immigrant status. What's often missing is how some people are subject to all of

these, and the experience is not just the sum of its parts. She Coined the Term ‘Intersectionality’ Over 30 Years Ago (CRENSHAW, KIMBERLÉ. Here’s What It Means to Her Today. [Entrevista concedida a] Katy Steinmetz. Time.com, 20 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://time.com/5786710/kimberle-crenshaw-intersectionality/>> Acesso em: 04 jun. 2021).

A trajetória da cartografia será revisitada e aprofundada em momentos oportunos deste texto, pode ser inicialmente apresentada como um movimento contínuo de encontros entre aquelas que estão envolvidas no processo de produção do cuidado, tornando visível e criando linguagens à vida que acontece no cotidiano (KULPA; BADUY, 2016).

Neste caminhar aconteceu um processo de severa desconstrução da sabida que habitava em mim para o curvar, de minha essência e corpo em reconhecimento e reverência a minha constituição como humana e humanidade a partir dos encontros com todas essas mulheres pretas. Uma tensão me acompanha desde o início na produção dessa pesquisa que é a da convivência das três Tatianas: A Tatiana instituída, que se pega reproduzindo consigo aquilo que foi instituído pelos colonizadores, a questionadora que se pergunta a todo o instante: porque eu estou seguindo esse caminho e onde ele dará? Faz sentido essa pesquisa? Será útil de fato? Estou produzindo ciência? Meu saber orgânico está em choque com o saber sintético da academia? Mas, se eu estou agora, novamente, dentro da academia, em uma universidade pública federal, ela é também a minha responsabilidade. A pesquisa é o meu legado de dois anos de um período histórico em contexto pandêmico. Há o suor, o custo emocional, o custo físico e o dinheiro de impostos de muitas mulheres pretas como eu, patrocinando a minha presença aqui. A segunda é a Tatiana que percebe que rompe com o que lhe é instituído, é a contra-colonizadora, a corajosa, com olhar no futuro e no passado, o pé no presente. Que mais uma vez dribla o sistema e se vê produzindo conhecimento com sensibilidade e cuidado ao acessar as lembranças individuais e coletivas. A que se adaptou e se sente à vontade em escrever de forma rizomática através dos sentimentos e afetações (estou aprendendo a canalizar os sentimentos e a energia das afetações na junção de palavras com sentido), sem filtro, que é levada pela espiritualidade e nela confia. A terceira Tatiana é a mais confortável no lugar de observadora. Ela olha e analisa as duas Tatianas anteriores sob a guarda da lua e a sabedoria das estrelas, acolhe as duas, as coloca em harmonia e em alteridade. Ao reconhecer e aceitar as minhas próprias ofertas de alteridades, sinto que relaciono com mais empatia com as ofertas de alteridades humanas e de humanidade.

Convido as/os a me acompanhar pelos caminhos dos potentes encontros da nossa pesquisa, através das minhas inquietudes e fluxos de afetações trazidas de outras vidas, das

sentidas e produzidas nesta existência como mulher preta sentinte³. Ela é nossa por vários motivos: é uma contribuição pública financeira, intelectual, emocional e espiritual de várias pessoas. A pesquisa foi construída de forma rizomática, intensa, intuitiva, em um processo de uma rígida desconstrução interna, em meio ao desafio doméstico em contexto pandêmico, na união das minhas lembranças e as da minha mãe e das narrativas dos encontros com as escrevintes.

1.2 Objetivos

Este trabalho tem como **objetivo geral** valorar os encontros entre as mulheres pretas da Cidade de Belford Roxo, Baixada Fluminense (RJ), como experiência de produção do cuidado.

Objetivos específicos: (I) Descrever a experiência de produção de cuidado entre as mulheres através de seus encontros presenciais e virtuais. (II) Relacionar os elementos e fatores que ocorrem no momento do encontro no ato da produção de cuidado. (III) Apresentar a perspectiva de potência dos encontros entre mulheres pretas pela dororidade.

³ “Um sentinte é aquele que para conhecer sente, vibra enquanto corpo.” (CRUZ, 2016, p.100). Essa citação de Kathleen Teresa da Cruz nomeia a perspectiva pela qual me vejo enquanto mulher preta nesta pesquisa através de meus corpos: físico e espiritual.

2 ESCRIVIVÊNCIAS – CAMINHOS DE UMA INVESTIGAÇÃO PRETA

O meu comprometimento em reconhecer, valorar e desinvisibilizar as mulheres pretas da Baixada Fluminense e as suas experiências de produção de cuidado através dos encontros entre si, confirmando o seu lugar de sujeitas e contribuindo com a não reprodução das histórias únicas me levou a optar pela escritvivência, primeiro de forma inconsciente, ou seja, estava escrevivendo, mas não percebia e não tinha muitos parâmetros e conhecimento suficiente como discente do poder da escritvivência. Ao compreender esse poder enunciativo em relação às mulheres pretas de uma metodologia criada por outra mulher preta, eu fiz uma nova-mesma escolha, pela escritvivência, dessa vez consciente.

A busca de exemplificar melhor as estratégias de investigação e por uma necessidade visual de transformar palavras em desenho para facilitar a minha própria compreensão, inspirei-me no guarda-chuva da preservação de Lisa Fox (1996) que conheci através da Brenda Couto de Brito Rocco, minha amiga de infância, ao ler a sua tese de doutorado do programa de pós-graduação em ciência da informação da UFRJ, intitulada: “A preservação de documentos em ambiente digital: contribuições da Teoria Social na ampliação da abordagem técnica” que contém a figura 7 “proposta de guarda-chuva da preservação” (2021, p. 60). O conceito de preservação é como um grande guarda-chuva que intersecciona outros conceitos. E era isso que eu precisava para resolver as conexões das abordagens em minha cabeça.

Ilustração 1 - Proposta guarda-chuva da preservação elaborada a partir da análise de Lisa Fox (1996)

Figura 7: Proposta guarda-chuva da preservação



Fonte: o próprio autor, com base na análise de Lisa Fox (1996)

Fonte: Brenda Couto de Brito Rocco (2021).

O meu raciocínio é em grande parte visual e há 17 anos, desde a faculdade de design de interiores costumo representar através do desenho técnico, como plantas baixas, vistas, perspectivas e etc., as necessidades dos clientes. O eu-designer de interiores, colabora para que o eu-pesquisadora faça essas transferências a partir da minha necessidade de solucionar um desconforto interno intelectual, traduzir o meu pensamento para mim mesma para que eu melhor me entendesse. Neste caso, ao olhar a figura 7 na tese de minha amiga, algo se encaixou em meu raciocínio. Mas, junto com o encaixe no decorrer dos pensamentos veio também o questionamento daquilo que eu via e enxergava naquela figura para além da simbologia universal de um guarda-chuva. De imediato, mentalmente, fiz logo o exercício do perspectivismo e, em seguida, em minutos, o afrocentrismo. Através desses exercícios mentais, dentro de minha cartografia sentimental, eu trouxe a estrutura de raciocínio da figura acima para a realidade dessa pesquisa e substitui o guarda chuva pelo baobá (árvore africana) por vários motivos. Como um processo de resistência e identidade, através de nosso símbolo africano, sendo utilizado em pesquisa científica e pela própria simbologia da cultura africana tradicional referenciada ao baobá⁴, por Geledés (2011):

⁴ O baobá é uma árvore de grande porte advinda das estepes africanas e regiões semi-áridas de Madagascar. O seu nome científico é *Adansonia digitata*. Esta árvore pode atingir até trinta metros de altura e possui a capacidade de armazenar, em seu caule gigante, aproximadamente 120.000 litros de água. Em países como o Senegal, o baobá é considerado sagrado, inspirando poesias, ritos e lendas. Geralmente, o baobá floresce durante uma única noite, entre os meses de maio a agosto. Antes de 1500, o baobá não existia na floresta brasileira. Existem várias hipóteses para sua presença no Brasil. Uma delas é que tal árvore foi trazida para o Brasil através dos escravos africanos (LUCENA, 2009).

A árvore é um dos símbolos fundamentais das culturas africanas tradicionais. Os velhos baobás africanos de troncos enormes suscitam a impressão de serem testemunhas dos tempos imemoriais. Os mitos e o pensamento mágico-religioso yorubá têm na simbologia da árvore um de seus temas recorrentes. Na sua cosmogonia, a árvore surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material. As árvores “[...] estão associadas a *ìgbá ì wà ñû* – o tempo quando a existência sobreveio – e numerosos mitos começam pela fórmula ‘numa época em que o homem adorava árvores’[...]”.

Uma das versões do mito cosmogônico relata que foi através do *Òpó-orun-óun-àiyé* – o pilar que une o mundo transcendente ao imanente – que os deuses primordiais chegaram ao local aonde deveriam proceder o início do processo de criação do espaço material. Este pilar – muitas vezes simbolizado pela árvore ou por seu tronco – é uma figura de origem, é um signo do fundamento, do princípio de todas as coisas, elemento de conexão entre a multiplicidade dos “mundos”. Mircea Eliade vai chamá-la de “Árvore do Mundo”, “Axis Mundi”, “Árvore Cósmica”, cuja função é a de elidir as diversas regiões do cosmo. Para boa parte das tradições místicas e religiosas, os “mundos” dividem-se nos espaços inferiores ou infernais, intermediários ou terrestres e superiores ou celestes. A concepção católica cristã ainda compreende a existência de outros “territórios” como o purgatório ou o limbo (Baobá - árvore símbolo fundamental das culturas africanas tradicionais. Geledés, 2011).

A árvore do baobá está presente em minha vida cotidiana. Visito com frequência os três baobás que estão no Campo de Santana, parque localizado na Praça da República, no centro do Município de Rio de Janeiro, no Brasil.

Ilustração 2 - Baobás da Praça da República



Fonte: Tatiana Brandão (2022).

Converso com elas enquanto seres da natureza e me reporto a minha ancestralidade através delas. Abaixo seguem três fotos de um desses momentos:

Ilustração 3 - Em conexão com a ancestralidade e a espiritualidade através da árvore baobá



Fonte: Abner Salustiano (2021).

Ilustração 4 - Catando flor de baobá no gramado



Fonte: Abner Salustiano (2021).

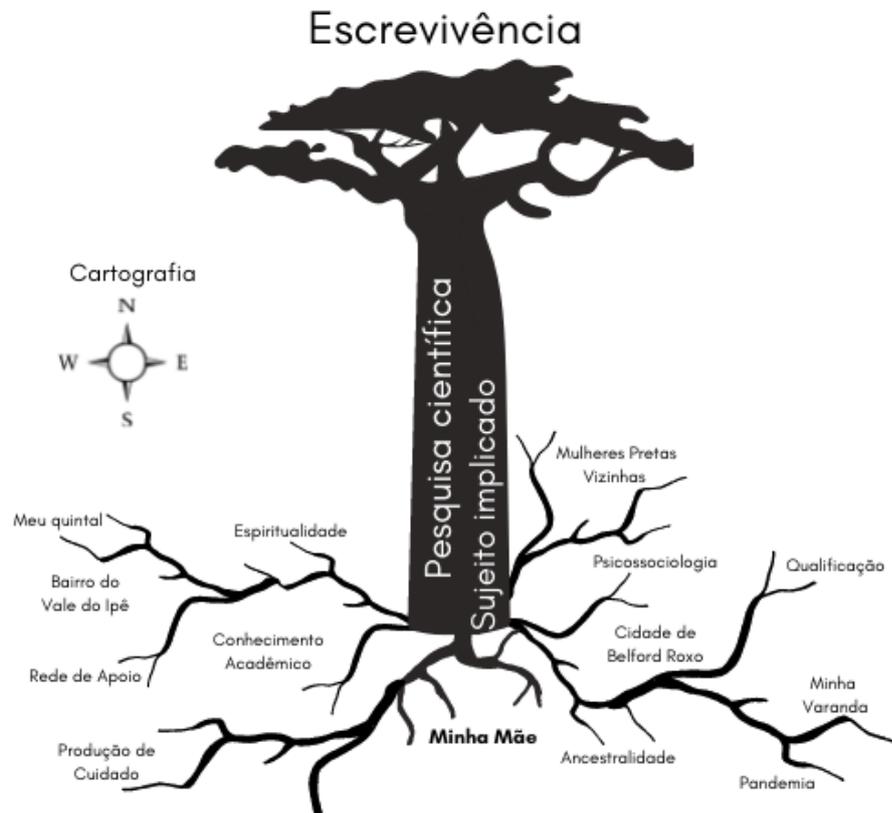
Ilustração 5 - Eu e Abner Salustiano com as flores de baobá catadas no gramado



Fonte: Abner Salustiano (2021).

Na figura, a escrevivência é representada pela grande copa, conexão com o cosmo, que agrega e também intersecciona, abaixo de seus galhos a pesquisa científica junto com o sujeito implicado é o caule gigante e oco que armazena água. Por analogia a água representa o conhecimento, a absorção da água é a sabedoria através do conhecimento que com o tempo o sujeito implicado espera obter. É o tornar do sujeito em “sujeito epistêmico” (MERHY, 2004, pág. 02). E, em conexão com a terra, meus sentimentos e afetos são representados pelos rizomas que têm uma ligação direta com o sujeito implicado, eu. A cartografia sentimental entra como bússola que me orientou pelos meus afetos e sentimentos.

Ilustração 6 - Baobá da Escrevivência



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

A decisão de utilizar a escrevivência como método veio por vários motivos: inicialmente, a partir da percepção e do autoconhecimento pela forma ou estilo como escrevo, trazendo em minhas palavras as dores, as lembranças, o cotidiano de outras mulheres pretas. Não sei explicar como ele é. Mas sei que não se enquadra nas formas tradicionais dos textos acadêmicos que encontrei antes de entrar no EICOS-UFRJ. Essa era uma das minhas preocupações e autoquestionamentos em pré-retorno à academia e, ainda continuam, ao escrever. Aqui é a Tatiana instituída buscando um acordo interno com a Tatiana corajosa, não instituída. Elas estão em harmonia, mas as interrogações "do" e "no" processo são constantes.

Posteriormente veio a constatação de que algumas das mulheres que eu e minha mãe havíamos listado, que compartilharam as suas vidas aqui na varanda junto à minha mãe, produzindo cuidado através do encontro, não poderiam participar de forma direta mesmo que distantes. Devido à ausência de contato com boa parte delas, em função de se mudarem e não atualizarem o número de celular, algumas fecharam o ciclo de vida física aqui na terra e

retornaram a continuação da vida em outro plano, algumas que já viviam desafios em relação à presença de determinadas doenças crônicas estão passando por situações delicadas de saúde pessoal, com familiares e parentes em função das consequências da Covid-19, entre outras situações do viver de uma mulher preta.

O sentimento de comprometimento em valorar, reconhecer e desinvisibilizar essas queridas mulheres da pesquisa também é atribuído ao misto de necessidade de reverenciar e agradecer pela constituição da mulher que me tornei, o meu apoderamento e empoderamento como mulher preta, o “eu somos”, através do presenciar do compartilhamento de suas histórias de vidas, em minha varanda, por isso mesmo que os seus nomes não serão expostos diretamente em função da preservação de suas identidades.

Ao compreender, através de discussões acadêmicas e não acadêmicas que a escrevivência, estilo literário de Conceição Evaristo que se deslocou da literatura para a metodologia de produção de conhecimento científico, iniciei a minha busca usando vários termos: “escrevivência como metodologia pdf” e “escrevivência como ferramenta metodológica” entre outros, usando sempre as palavras escrevivência e método ou metodologia no mesmo termo de busca do Google, no DeCS, não encontrei. A partir dos resultados, acessei alguns artigos, dissertações, ensaios e programas em áudio e vídeo. Ao longo das leituras e das visualizações dos conteúdos audiovisuais entendi que seria a melhor opção complementar a metodologia da pesquisa para resolver o hiato que senti em não poder encontrar com as mulheres pretas e não deixar de reverenciá-las.

A escrevivência de Conceição Evaristo nos une, representa e incentiva a apropriarmos de nossas histórias e vivências. Ao escrever emancipamo-nos das histórias únicas. É uma forma prática, porém profunda de como nós, mulheres pretas, conectamos com a alma de outras mulheres pretas, ao olharmos e ou simplesmente lembrarmos das nossas mães com os “olhos d’água” (EVARISTO, 2006). Para saber mais acesse o anexo IV - Bibliografia temática sistematizada.

A docente Ângela Maria de Souza, em sua fala no seminário “Escrevivência como metodologia acadêmica” realizado online pelo Youtube no canal do PPG IELA UNILA (2021), nos explica que: “[...] É um conceito por essência interseccional pressupõe questões referentes à raça, gênero e classe, entre muitas outras, que atravessa e é atravessado pelos pertencimentos de quem escreve, pesquisa e analisa”(10'53"). A perspectiva interdisciplinar é

uma das características da escrevivência. No vídeo⁵, pelos participantes, a escrevivência é considerada como conceito e metodologia.

A partir dos motivos anteriores senti-me confortável e na compreensão que a escrevivência deveria fazer parte da metodologia, contemplava-me pessoalmente e ia de encontro às necessidades de solução e forma para apresentar as mulheres pretas na pesquisa. Com outro olhar compreendi que eu já estava escrevivendo e nem sabia. Foi por esse caminho que assumi a escrevivência que já existia no processo de pesquisa.

A proposta e o objetivo da escrevivência é anunciar de forma coletiva as expressões das experiências e vivências pessoais e coletivas do cotidiano da comunidade preta, no caso aqui da pesquisa, é tornar em conhecimento o exercício das memórias e lembranças das mulheres pretas que produzem e produziram cuidados através do encontro entre si em minha varanda, hoje mais ativa virtualmente.

O termo escrevivência foi cunhado por Conceição Evaristo no fazer de sua literatura, a vida que se escreve na vivência através de suas memórias do cotidiano, no acesso às suas lembranças pessoais e do seu povo preto. Em entrevista, Conceição explica o termo:

Quando eu usei o termo é... escrevivência (...) se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico é que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: é quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres pretas estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vida pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista é... coletivo. E quer dizer... essa vivência das mulheres pretas, não só das mulheres pretas, a vivência dos africanos e seus descendentes no Brasil (EVARISTO, Conceição. Estação plural: depoimentos. TV Brasil, 2017. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/escritora-conceicao-evaristo-e-convidada-do-estacao-plural>>).

⁵ O programa de pós-graduação interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG IELA-UNILA) promove o ciclo de debates “Identidade IELA – como fazer pesquisa e pós-graduação hoje?” com o intuito de dialogar sobre os desafios e as perspectivas de investigação interdisciplinar. No dia 17 de setembro de 2020 o tema do encontro foi a “Escrevivência como metodologia acadêmica”. Participaram da live as professoras Ângela Maria de Souza (IELA – UNILA), Diana Araújo Pereira (IELA – UNILA) e os egressos Izabela Fernandes – Ewebela e Jonas Mateus. O objetivo era debater a construção metodológica a partir do conceito de “escrevivência” desenvolvido por Conceição Evaristo. Deste modo, refletimos sobre os desafios da interdisciplinaridade em perspectiva intercultural, como abertura para inovações no âmbito epistemológico e metodológico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iphXcc5eoTw&ab_channel=PPGIELA> Acesso em: 17 de set. de 2020.

Dias depois da minha qualificação, no dia 12 de Agosto de 2021, senti momentos de paz, alegria durante alguns dias, que foi logo acompanhado por momentos ao telefone com vários estudantes, mulheres e homens, pretas e não pretas, pretos e não pretos, perguntando se a escrevivência poderia ser utilizada por todos.

Participei de conversas acaloradas no EICOS, em aulas da linha 3 e fora dela onde o ponto principal de desconforto era: se quem não é mulher preta poderia utilizar a metodologia?

Caso você que está lendo esta pesquisa tenha essa mesma dúvida, trago aqui a resposta de Conceição Evaristo a seguinte pergunta realizada em entrevista concedida a Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli, ao portal Itaú Social Notícias, São Paulo em 9 de Novembro de 2020:

Como surgiu o termo escrevivência?

- É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, **a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (grifo da autora) (EVARISTO, CONCEIÇÃO. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>> Acesso: 10 de out. 2021.).**

Mesmo essa resposta sendo dada por Conceição Evaristo aliada a toda contribuição de conhecimento relevante que ela, mulher preta, traz em sua biografia reconhecida internacionalmente. A estrutura racial se faz presente e viva em forma de pessoas que se colocam em posição de legitimadores do termo. Coisa e comportamento que não vejo acontecer com Ailton Krenak, Antônio Bispo e Fanon. É um processo legitimador que ocorre de forma orgânica, extensão do exercício de poder da branquitude e sua avaliação meritocrática da vida.

Amplio a proposta de reflexão também a escritora Vilma Piedade, autora do livro e conceito Dororidade, que da mesma forma, presencio passando por legitimadores sociais não pretos e não mulheres.

A exposição aqui do meu desconforto é sobre a contínua forma de captura epistemológica presente na academia e seu processo de legitimação e deslegitimação de conhecimento criado por mulheres pretas. Fruto, entre tantas coisas, da não diversidade e inclusão a partir da composição do corpo docente e das bases epistemológicas que regem as disciplinas.

Esforços individuais docentes são nitidamente vistos para construir uma educação com mais equidade nos dias atuais, pois os lados estão bem definidos e denunciados na linguagem, na forma de perguntar e propor as atividades. Mas, não é suficiente.

Interessante refletir e observar a força da escrevivência que vem mediante sua existência, incomodando a casa-grande. Por que mulheres pretas não podem criar, elaborar e usar as suas próprias metodologias? Será talvez muita autonomia para mulheres pretas em um estado democrático de direito com estrutura racista? Será a extensão da liberdade do cativo, hoje, cativo urbano?

Nesta pesquisa, eu compartilho as vivências de experiências de mulheres pretas em produção de cuidado em ato. Utilizar a metodologia criada por Conceição Evaristo é também uma forma de produção de cuidado, a partir da utilização de um método. Ao escrever essas histórias eu produzo cuidado, acolho suas vozes que ecoam no universo, ao mesmo tempo, que se desuniversaliza e ganha singularidade de raça e gênero, em interseccionalidade.

Nesse caminho, “Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p. 11). Envolve de todo um cuidado, ética, respeito importante e necessário em qualquer pesquisa somado a compreensão da potência da dororidade, fraternidade, sinergia de corações, pois é de mulher preta com e por mulheres pretas produzem cuidado em intimidade a partir do encontro entre si.

2. 1 Dororidade

A interseccionalidade de Dororidade desinvisibiliza a dor das mulheres pretas criada pelo racismo estrutural. Ele dá nome ao que acontece no fluxo de nosso cotidiano não incluído no feminismo que traz em seu exercício o desenvolvimento da Sororidade que é a irmandade entre as mulheres (brancas). A Sororidade não contempla a denominação das nossas dores, pretitude e identidade, por ser reflexo da exclusão estrutural e de direcionamento a um não lugar como mulheres pretas dentro de uma sociedade com regime de vigência colonial, base da democracia atual.

Nesse sentido, em seus quatros anos de existência, dororidade visibiliza as consequências das feridas do machismo e da “dor cunhada pela escravidão. A escravidão deixou marcas profundas, marcas que ainda vivenciamos. E, séculos depois da “Abolição”, sentimos” (Piedade, 2017. p.18).

Dororidade nasce e se amplia, dentro e em paralelo ao processo de resistência e reexistência de apropriação de nossa identidade preta, nos permeando pela sua potência de iluminar os sentimentos, as dores registradas e nosso corpo e mente, “[...] pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta” (Piedade, 2017. p.16).

2.2 Racismo estrutural

A abordagem do racismo estrutural é relevante para os estudos que abordam a raça, pois traz para o debate a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, transcendendo o âmbito da ação individual ou institucional. Trata-se, portanto, de uma ação de um grupo sobre o outro, sobretudo quando um deles controla, direta ou indiretamente, os aparatos institucionais, políticos, econômicos e jurídicos. Destarte, conclui-se pela não limitação da compreensão da questão ao campo estrito das instituições, visto que estas são reprodutoras de um ordenamento social. Desta forma, compreender o racismo como estrutural e estruturante é distanciar-se, sem excluir, do racismo individual ou racismo institucional, pois nesta guinada conceitual, ambos passam a ser compreendidos como materializações de uma sociabilidade que intenta o resguardo da imposição de regras e padrões racistas (ALMEIDA, 2019).

Nessa direção, compreende-se que o racismo estrutural, enquanto um processo histórico, é a causa e a consequência de uma configuração social que normaliza a reprodução sistêmica das desigualdades nas relações políticas, econômicas, jurídicas, culturais, criando condições para que grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistêmica (ALMEIDA, 2019).

2.3 Interseccionalidade

O termo, com gênese epistemológica no feminismo negro, demarca as condições estruturais sob as quais o racismo, o sexismo e cisheteropatriarcado, as opressões de classe e o

capitalismo e as violências correlatas, enquanto tecnologias de exercício de poder, se sobrepõem, permitindo enxergar a colisão e a interação destas estruturas na criação de fardos específicos às mulheres negras como forma de modernização da matriz colonial. Neste sentido, pensar interseccionalidade é elaborar instrumentalizações conceituais de raça, classe, nação e gênero, desviando-se assim do equívoco histórico dos vieses analíticos que acentuam apenas um eixo de opressão, construindo teorias e práticas contra coloniais e contra o monopólio epistêmico ocidental (AKOTIRENE, 2019).

Crenshaw, contudo, destaca que o debate interseccional não se esgota na identificação das sobreposições, sendo necessária uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e jurídicos. Destarte, urge a necessidade de considerar, no mesmo patamar de importância, tanto a identidade quanto a estrutura, buscando capturar suas consequências e dinâmicas de interação entre os eixos de subordinação e sistemas discriminatórios que criam desigualdades condicionantes às posições sociais das mulheres, das raças, das etnias, das classes, entre outras. Só assim é possível alcançar a gênese das opressões em seus âmbitos políticos que constroem os aspectos dinâmicos e ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002).

2.4 A bússola cartográfica

Quando utilizamos uma bússola, geralmente ela nos acompanha entre as nossas mãos ou no pulso, como um relógio. Necessário olhar em constância para baixo e para frente no campo geográfico. A cartografia sentimental fez-me olhar para dentro, desvendando, compreendendo ou não, os meus sentimentos. Caminhei, caminhei e caminhei até chegar no coração desta pesquisa, a escrevivência, que bate junto com o meu coração, de muitas mulheres pretas e onde os sentimentos estão vivos e presentes.

Precisei de ajuda para compreender o que ainda não estava totalmente “escurecido dentro de mim”, pois se está escuro também brilha como o sol. E toda luz confunde, ofusca quem não está preparada para ela, queimando as vistas que trazemos em nós do plantio que a casa grande que nos fez e continua a querer a se reproduzir por séculos. Isso não é “mi-mi-mi”. É fato.

A minha bússola cartográfica direcionou-me a partir das minhas afetações e práticas, descritas no caminho teórico-metodológico. Foi um transbordamento das minhas experiências e vivências, de percepção do que se passava e transpassava por mim, antes e durante a

pesquisa, na escrita das escrevivências e também pelas mulheres pretas durante as suas narrativas.

O sentido de bússola vem da cartografia sentimental de Suely Rolnik (2006), em relevo aos afetos, às afetações provenientes das intercessões que ocorrem, em ato, na micropolítica dos encontros. Tatear, dar voz ao coração, escutá-lo com desvelo, respeitar a sua vibração ao ser convocado em momento de sensibilidade, assim como, constatar a olho nu os pêlos eriçados pelo arrepio ao escutar a narrativa de uma mulher preta quando os fluxos energéticos se conectam ou e quando sentimos o deleite de estar, simplesmente, ali, escutando, pesquisando, exercendo ciência com alma. Engana-se quem pensa que a ciência não tem alma e nem coração, são eles que direcionam o olhar. E que a cartografia não tem rigidez e método. Ao seguir a bússola que horas ia para cada eixo, fui capturada pela lente da sensibilidade, viva e aberta para “a quinta dimensão do espaço: o cotidiano” (SANTOS, 1994, p.18), suas sujeitas (as mulheres pretas) e seus modos de existir em potência e na luta por desvulnerabilizar-se. “Um movimento em que o agir vivo de um dispara produção de vida no outro. O que de um certo modo refere-se a processos relacionais eu e tu, nós e os outros.” (MERHY, 2004 p.6). A bússola cartográfica assim como a “[...] cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos [...]” (ROLNIK, 2006 p. 23).

Na prática, a partir das minhas reflexões das análises dos meus desejos e dos desejos provenientes do campo questiono-me: o que o campo em sua conjunção pede a mim, pesquisadora que pisa e participa de sua paisagem geográfica e adentra ao mesmo tempo a paisagem psicossocial nos territórios existenciais ao encontro das mulheres pretas dessa pesquisa? Quais linguagens crio e utilizo para acessar os meus afetos? Ao criar linguagens, crio mundos. Pois, “há uma relação de sustentação entre a língua e a coletividade” (FANON, 2008, p.49). Por isso o “eu somos”.

No decorrer da pesquisa apropriei-me do entendimento da importância que os registros das informações da pesquisa estivessem arrumados dentro do meu processo de organização de forma a facilitar a fluidez de meus passos e conseqüentemente a pesquisa. A forma e o uso do meu diário cartográfico foi realizado de maneira com que faço os registros dos meus projetos na vida pessoal e acadêmica, ou seja, a feitura do diário acompanhou o meu sistema representacional que trabalha de forma alternada e, ao mesmo tempo, para codificar e registrar as informações que considero importantes de serem registradas. Utilizei, primeiramente, o caderno de matérias que comprei especificamente para acompanhar as disciplinas da pós

graduação; um bloco que ganhei da Universidade das Quebradas da UFRJ em virtude da minha participação em um evento pela Universidade; folhas de papel ofício em branco retiradas com a minha mão direita da impressora que está ao lado do meu computador à minha frente; a parte posterior das folhas das várias versões impressas da dissertação e suas fragmentações; pela mensagem escrita e de áudio de WhatsApp enviada para mim mesma, pois tenho dois números, um pessoal e outro profissional; através da plataforma online Canva, pois tive a necessidade de desenhar virtualmente e montar artes específicas para visualizar e compreender melhor os meus pensamentos; e através das marcações com marcadores coloridos e comentários nos livros. Em meio a tudo isso, muitos mapas mentais. Fiz vários ao longo do processo, em sala de aula virtual e nas orientações.

Em função de exercer a profissão de designer de interiores durante muito tempo organizei intuitivamente em minha mente a dissertação como se fosse um projeto de interiores e suas específicas composições e etapas. Por este caminho a minha memória fotográfica foi bem presente no processo do projeto em acessar e selecionar as informações consideradas necessárias para esta travessia.

2.5 Travessia

O caminho teórico metodológico desta travessia, que é esta pesquisa, é construída conceitualmente de forma escreviente, interseccional, rizomática, cartográfica, em respeito a biointeração, aos limites e as fronteiras a partir da minha postura como pesquisadora alinhada no sentimento de respeito ao meu tempo interno, ao tempo da pesquisa, a todos os seres humanos envolvidos e a coisa pública. Esta é a forma mais confortável a partir das sensações de tranquilidade e coerência sentida no meu corpo com relação a proposta de pesquisa. E, desconfortável pela necessidade racional de adquirir mais conhecimento acadêmico sobre os temas, driblando as intempéries deste período pandêmico e assumindo a minha implicação com o tema, ou seja:

O seu problema é que além de sujeito interessado você é um sujeito implicado. Você é o pesquisador e o pesquisado. E, assim, o analisador e o analisado. Você é um sujeito militante que pretende ser epistêmico e os desenhos de investigação que temos como consagrados no campo das ciências não dão conta deste tipo de processo (MERHY, 2004, p.2).

No entendimento que esses conceitos atravessaram-me de tal forma, permito as suas companhias ao meu lado, dentro de mim e em toda a viagem, pois fazem vários sentidos na minha vida, para além da academia e do processo de pesquisa. Considero que são caminhos

dentro de outros caminhos. Fiquei tão imersa na liberdade dos rizomas, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE, 2010, p.15), “tentando conectar-se com as múltiplas dimensões e tentando perceber as constantes modificações da paisagem” (BERTUSSI; BADUY; FEUERWERKER; MERHY, 2015, p. 468), que para onde olho, reconheço e aproximo-me dos rizomas que habitam o meu corpo e os que habitam a natureza externa, ou seja, a minha casa e o meu quintal: o gengibre que ralo na salada, as raízes das plantas, as plantas e suas estruturas, o caminho das formigas na goiabeira e etc.

Ilustração 7 - Samambaia do meu quintal



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 8 - Transplantando planta de vaso menor para um vaso maior



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 9 - Transplantando da terra para o vaso



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

E, assim construo linhas e rotas unindo as minhas lembranças, as da minha mãe, com as lembranças coletivas das vizinhas que sempre estão presentes em nossa varanda produzindo cuidado. Reúno fotos e textos, reflito sobre as informações registradas no corpo, sobre o meu processo de implicação no campo e na pesquisa. Ando sem rumo, me perco várias vezes e reencontro-me tantas outras. Em um desses reencontros, descobri, depois de

grande, pelo fluxo de intimidade com a minha varanda e o meu quintal o quanto eles são maiores do que eu imaginava. Assim como, o quintal de Manoel de Barros é maior do que a cidade, em Achadouros, no Livro Memórias Inventadas (2006).

Pela biointeração e perspectiva de limites e fronteiras (SANTOS, 2019), a minha atenção volta-se para os nossos modos de viver como mulheres produtoras de cuidados, a partir dos modos de viver dos animais e insetos que habitam o meu quintal: as galinhas japonesas, as formigas, as abelhas, as borboletas, os passarinhos, os pombos, os lagartos e as lagartixas. Fico, às vezes, horas “olhando para o nada”, “em outro mundo”, bem concentrada, unindo sentidos em meu corpo e na mente que me levam para uma frase acabada; um início de texto, uma pergunta a ser feita para a minha mãe; a busca por procurar álbum de fotos; a relação de um conceito e aos interesses da pesquisa; a ordem de começar e terminar os textos da forma que vieram à mente, sem culpa; a correlação do acúmulo de entendimentos ocorridos em sala de aula aliados aos encontros com a orientadora Kathleen Tereza Cruz, ao coorientador Tiago e das amigáveis trocas que faço várias vezes com o colega de mestrado Murilo Lanes.

Ilustração 10 - Caramujo na Açucena



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Logo após a chuva os caramujos ficam mais visíveis. Sobem com mais facilidade nas plantas e paredes. Essa planta na qual o caramujo está subindo é a Açucena-de-água, ela é muito especial para a nossa família, minha mãe a plantou e tem muito carinho, através dela

contemplamos vários insetos convivendo seu redor e dentro, inclusive as abelhas, cada vez mais raras em nosso cotidiano.

Esse tipo de açucena tem em grande quantidade na Praça da República, o Campo de Santana, no Centro do Rio de Janeiro, no mesmo lugar onde as imagens do Baobá foram registradas.

Ilustração 11 - Açucena-de-água



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 12 - Marimbondos cuidando do ninho na parte lateral do quintal (no teto)



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 13 - Galinhas japonesas



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

A galinha e o galo ciscando sob a goiabeira na parte do quintal não cimentada.

Ilustração 14 - Ovos no mato



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Em dado momento a galinha sumiu e o galo começou a cantar, procurando por ela. Ao sinal do galo, todo mundo começou a procurá-la com medo dela ter ido para o mato que havia caramujos. Depois encontramos os ovos, no mato sem caramujos. Retirei os ovos do mato e os coloquei dentro do galinheiro. No dia 22 de maio de 2021, na parte da tarde, os pintinhos começaram a nascer de um total de 14 ovos.

Ilustração 15 - A galinha e seus pintinhos



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Inspirada na trajetória pessoal e profissional de muitas mulheres e mulheres pretas que convivo, incluindo a minha mãe e seu legado significativo em construção aqui na varanda com as nossas vizinhas, pela minha atuação como colaboradora há mais de 16 anos no auxílio às mulheres da ASPLANDE; na atuação como ativista em movimentos sociais na busca por nossos direitos a justiça e a equidade social, racial e de ocupação de espaços de poder como mulher e como mulher preta, "foi a partir da convivência com essas irmãs, já no Movimento Negro unificado, que passei a me preocupar e trabalhar sobre a nossa própria especificidade" (GOZALES, 1982, p.36). Adquiri firmeza nos passos, posicionamento em atitude de sensibilidade, pensamento crítico, consciência e ação política dentro do universo de lutas pela desconstrução da permanência desta estrutura racista e fascista da sociedade. Por isso optei pela interseccionalidade através de AKOTIRENTE (2019, p. 152):

Sensibilidade analítica - a interseccionalidade impede reducionismos da política de identidade - elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequências e tipos de discriminações interseccionais.

Nesse contexto, a construção cartográfica da pesquisa é realizada a partir da investigação do cotidiano de encontros de produção de cuidado entre a minha mãe, Ana Maria, e as mulheres frequentadoras de nossa varanda, as escrevintes, e pela perspectiva da

varanda como um ambiente agregador de fluxos cuidadores que ocorrem durante muitos anos no bairro do Vale do Ipê, Município de Belford Roxo, RJ. Do acúmulo do meu cotidiano de acompanhamento, observações, análises, afetações e de atendimentos, de forma profissional e voluntária a muitas mulheres, durante pelo menos 16 anos como educadora social e há 6 anos como coach de liderança, analista comportamental e mentora de líderes com especialidade em mulheres pretas.

Diferente de uma representação estática de um mapa, como explica Suely Rolnik, a cartografia:

[...] é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, neste caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2006, p. 23).

Além de abordagem, para mim, a cartografia se transformou em vivência em andamento no processo de investigar o cotidiano das mulheres pretas que produzem cuidado entre si através da potência do encontro.

Investigar o cotidiano é colocar em análise uma realidade em construção, móvel, sem começo, meio e fim, mas com várias entradas, tratá-lo como um campo de problematização, proporcionando novas possibilidades de apreensão e de produção do real (BERTUSSI; BADUY; FEUERWERKER; MERHY, 2015, p. 472).

O processo de “escrever” os sentimentos, nomeados e não nomeados, presentes no corpo seja pelo acúmulo da essência, pelos registros de um corpo feminino preto com ascendência africana e a partir da minha vivência desde a infância. Ao escrever reverencio às vozes, o barulho do silêncio, as emoções não ditas, a multiplicidade de afetos, os detalhes de seus-nossos territórios geográficos e existenciais de mulheres pretas que passaram e passam por minha varanda através do que nos une, das diferenças que nos igualam e do cuidado mútuo no trato das nossas feridas e curas.

Na obra Becos da Memória (2017), Conceição Evaristo reflete que, em uma escrevivência, "as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas". Isso se dá em um processo em que a autora se coloca no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre

autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. Evaristo (s/d, em Cruz, 2017), refletindo sobre o conceito, considera que "o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si" (SOARES; MACHADO, 2017, p. 206).

A escrevivência aplicada para desinvisibilizar encontros potentes que ocorreram entre a minha mãe e algumas mulheres que juntas produziram cuidados e eu não tenho acesso a elas por vários motivos. Os seus nomes serão trocados e os dados pessoais serão omitidos.

A pesquisa foi realizada, de forma que as produtoras de conhecimento, formadoras de redes de apoio, tivessem o fluir de suas histórias de vida escritas – com atenção para as narrativas que entrelaçam as vivências destas mulheres que produzem cuidado entre si. Foco nas produções subjetivas que ocorrem no ato do encontro de cuidar.

[...] o que se produz na relação entre os ‘sujeitos’, no espaço das suas interseções, que é um produto que existe para os ‘dois’ em ato e não tem existência sem o momento da relação em processo, e na qual os inter se colocam como instituintes na busca de novos processos, mesmo um em relação ao outro. (MERHY, 2002; pág. 51).

Momento intercessão entre vizinha-vizinha e de produção em que os elementos sensíveis e dos pensamentos empenhados no processo do cuidar são ampliados pelas possibilidades de escuta, de fala, de gestos, de odores, de observação, de toques, de sabores, de olhares como salienta Abrahão A.L., Merhy E.E. (2014).

O convite será no sentido de escrever “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p.21).

As histórias “podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2009, p.32). Por isso, um dos objetivos é dar relevo às histórias pelo viés da humanização e do empoderamento.

Mais do que isso, a narração também é uma maneira de reinventar a realidade. O ato de ouvir e contar relatos nos inspira e ilumina estradas desconhecidas, confirmando sentimentos vividos ou antecipando novidades. A vida nunca está dada [...] (NOGUEIRA, 2020, p.55).

Há muitas definições, distorções, incompreensões e complexidade sobre o conceito de empoderamento, atualmente, muito esvaziado na aplicação de seu significado. Na busca de uma compreensão crítica e como ele “se passa em” e “entre” nós, continuo dialogando com Freire no olhar mais amplo, social e coletivo do conceito. Considerado por muitos estudiosos o precursor da Teoria do Empoderamento, o professor Ira Shor, em "Medo e ousadia: cotidiano do professor" (1986), demonstra sua preocupação com o conceito.

Esta é a questão. Não acredito na autolibertação. A libertação é um ato social. [...] Não, não, não. Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global de sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido de *empowerment* ou da liberdade. Deixe-me aprofundar um pouco mais nessa questão do *empowerment*. [...] Enquanto que o *empowerment* individual ou o *empowerment* de alguns alunos, ou a sensação de ter mudado, não é suficiente no que diz respeito à transformação da sociedade como um todo, é absolutamente necessário para o processo de transformação social. [...] Sua curiosidade, sua percepção crítica da realidade são fundamentais para a transformação social, mas não são, por si sós, suficientes (FREIRE; SHOR, 1986, p.71).

Seguindo as considerações de Joice Berth:

Vale dizer que é importante se empoderar no âmbito individual, porém é preciso que também haja um processo no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento estamos nos referindo a um trabalho essencialmente político, ainda que perpassa todas as áreas da formação de um indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade. Do mesmo modo, quando questionamos o modelo de poder que envolve esses processos, entendemos que não é possível empoderar alguém. Empoderamos a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo (BERTH, 2020, p.153).

O outro objetivo é caminhar partindo-se da percepção de que é potente o encontro entre dois seres humanos, seres naturais, essências espirituais ou mais. É um ato da manifestação do existir e reexistir. O fazer-se na existência de outra mulher preta para continuar existindo em si mesma. No caso desta pesquisa, pretende-se mostrar a potência do encontro entre as mulheres pretas acontecendo e criando novas possibilidades para o viver. Os encontros entre nós, constituindo-se como sugere Feuerwerker (2014, p.62) em um: “[...] território das ações cuidadoras”, no qual damos visibilidade “a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica” (FREIRE, 1986, p.105-106). Recolher essas experiências, dessilenciar, fazê-las falar sobre o que nos acontece é o que nos lançamos a fazer em nossa investigação em afetação mútua.

Nesse sentido a minha atenção à intercessão da dororidade estará presente:

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados... A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso,

especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da sua pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor.

Sororidade, etimologicamente falando, vem de sóror – irmãs. Dororidade, vem de Dor, palavra-sofrimento. Seja Físico. Moral. Emocional. Mas qual o significado da dor? Aqui tá no conceito.

A palavra Dor, tem origem no latim, dolor. Sofrimento moral, mágoa, pesar, aflição, dó, compaixão. Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor. Dor dói e ponto (PIEDADE, 2007. p. 17 -18).

A decisão pela não alimentação da base estrutural racial é o motivo pelo qual utilizarei preta e não negra. Com o tempo, em minha pele e corpo, compreendi pelo sentir, o pensamento crítico de Achille Mbembe em não fortalecer a permanente opressão oriunda do racismo:

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada (MBEMBE, 2014, p.11).

Para este autor, a própria ideia de raça, essencialmente, não existe, sendo problematizada historicamente e ressignificada na direção da concepção de pessoas racializadas. Nesta, a raça passa a ser entendida como um conceito inventado pela sociabilidade colonial europeia e utilizada, posteriormente, como um produto do capitalismo, com o objetivo de fortalecer as diferenças. Constrói-se, assim, um sinônimo entre a cor da pele e a subjetivação da negra e do negro, objetificando-os e reduzindo sua humanidade, como um contraponto à humanidade encarnada pelo branco, necessária para a construção do liberalismo (MBEMBE, 2018).

Raça é, portanto, uma ideologia útil para esse modo de produção, ao definir a sociedade e os pensamentos de desumanização e dominação nas políticas ocidentais. A construção ideária do negro está, deste modo, alinhada à humanidade moderna, necessária para a biopolítica e para as técnicas de governo do outro, compreendido como menos humano, primitivo e incapaz, sobre o qual se projeta toda ordem de concepções, preconceitos e racismos (MBEMBE, 2018).

As decisões das andanças metodológicas passam por uma diversificada revisão literária com vários autores que discorrem sobre as temáticas aqui apresentadas tanto no universo da mulher, da mulher preta, do cuidado, quanto na micropolítica do encontro aliada a uma compreensão crítica, “se a compreensão é crítica, a ação também o será. [...]” (FREIRE, 1987, p.18).

Como pesquisadora In-Mundo⁶ existe a intenção de interferir mais, de maneira que eu possa colaborar com esta pesquisa para algo além do que eu conheça no momento e que auxilie no enfrentamento dos atravessamentos provenientes das vulnerabilidades múltiplas do cotidiano. Digo interferir, pois já considero a minha interferência uma ousadia em tempos sombrios do nosso cenário brasileiro, trazer a luz sobre a obviedade da potência do encontro entre mulheres pretas que produzem cuidado entre si. Não vou parar por aqui. A minha não neutralidade já foi devidamente assumida.

As mulheres selecionadas para participarem da pesquisa, vêm por vários caminhos e atalhos. Pelas lembranças da minha mãe em sua trajetória de anos em conexão com as mulheres vizinhas do bairro; análise de seus momentos de produção e recebimento de cuidado na nossa varanda; fizemos uma lista mental das frequentadoras da varanda. E ficamos a refletir, sobre cada uma delas, quais estavam mais próximas fisicamente e quais os laços estejam mais vivos. As que conseguem em meio a este contexto pandêmico se comunicar via celular ou aplicativo de mensagens. Mulheres vizinhas do bairro do Vale do Ipê e adjacências, entre 40 a 70 anos.

Durante esse processo de construção teórico-metodológicas da pesquisa participei como convidada e ouvinte, de alguns eventos remotos, acadêmicos e profissionais, a respeito do universo das mulheres, mulheres pretas, psicossociologia, etc. Furneci entrevistas sobre o tema da pesquisa. Essas movimentações colaboraram para a ampliação da minha perspectiva como pesquisadora In-Mundo.

⁶ Em referência ao texto: O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde (ABRAHÃO; MERHY; GOMES; TALLEMBERG; CHAGAS; ROCHA; SANTOS; SILVA; VIANNA, 2014, p133-134).

3 ESCRIVIVÊNCIAS – É NÓS POR NÓS

Poema Eu Somos

Eu somos caminho
Eu somos passagem
Caminho de passagem
Passagem de caminho

Eu somos o que se passa
Quem passa
Quem não se ver passar
Quem só observa

Partida e destino
Eu somos margem
Eu somos paisagem
Eu somos paragem

Eu somos a sombra da árvore frondosa
que acolhe as (os) andantes ao esmorecer
Eu somos a grama e a flor
que vencem o asfalto e abraçam o orvalho
ao anoitecer
Eu somos a esperança de continuar
a reinventar novos modos de viver
Eu somos

(Tatiana Brandão)

3.1 Sou essência espiritual esse é o meu lugar de partida

Parei de me interrogar sobre o que eu vim fazer aqui na Terra quando percebi que já estava fazendo. Interrogar o meu processo de interrogação era uma das respostas e o sinal de exercício da energia que chamamos de vida. Sempre fui uma criança questionadora, curiosa,

antecipadora de fatos. Muito sensível às questões existenciais. A diferença de hoje em relação à criança que fui é o tempo, a idade, a maturidade em construção e a compreensão que a cada segundo sou uma nova mulher, as pessoas são novas pessoas e o mundo sempre é novo. Ou seja, nunca saberei de tudo, essa é segunda certeza, a primeira é passagem da travessia de vida para vida a partir de uma visão de circularidade. Não há morte!

Sou essência espiritual, antes do meu corpo preto visível. O meu lugar de acomodação nesta existência parte da ótica de conexão de minha essência espiritual para outras essências espirituais, espíritos, antes do sentido de humanos e humanidade. “O Espírito é, para mim, a estrutura invisível de todas as estruturas visíveis e a estrutura visível de todas as estruturas invisíveis” (MARQUES, 2016, p.68). Afirmar isso com tanta segurança é reflexo de ter assumido a minha dissonância em contrariedade a um posicionamento da cultura colonial que legitima apenas o que lhe quer que seja visível, excluindo a espiritualidade e suas mais variadas formas de expressões e epistemologias.

Duas perspectivas de mundo sempre me acompanharam e fazem parte da minha constituição invisível e visível: a dos homens e dos espíritos, a matéria e a fluidez, o físico e o espiritual. Escutar, sentir, cheirar e ver (em alguns momentos) o que a maioria das pessoas que eu convivo não conseguem fazer. Essa característica fez e faz eu tomar atitudes com base espiritual em determinados momentos e ficar em posição contrária a todos, sozinha na matéria e acompanhada, somente, dos invisíveis pertencentes à várias falanges espirituais independentes do que aqui designamos como religião. Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa.

Desde criança efetuo a construção do meu viver a partir de uma forte influência espiritual, de mulheres fortes em minha família ao meu redor. Refiro-me aqui, espiritualmente, a convivência com as essências espirituais, como prefiro chamar, ou os espíritos (termo instituído), de uma forma em geral, eles são ancestrais e não ancestrais: pretos-velhos, pretas-velhas, os encantados da umbanda, os médicos e enfermeiros da caravana do Doutor Bezerra de Menezes, Ana Maria minha mãe, Terezinha Brandão minha tia, entre outras.

Muitos pensamentos me acompanhavam desde criança:

- Esse pensamento é meu ou dos espíritos?
- Por que preciso saber dessas coisas que me vêm à mente?
- Sinto que isso vai acontecer.
- Por que você está rindo por fora com vontade de chorar por dentro?

Sou filha única e nunca me senti sozinha. Sempre fiz essa afirmação na busca por entender o sentimento de solidão de algumas pessoas e os seus agires em individualidade, sem levarem em consideração as suas próprias companhias físicas e espirituais. Sabe aqueles amiguinhos de infância que toda criança tem? Então, os meus cresceram juntos comigo e alguns já eram grandes. Antes dos 7 anos de idade o meu sentimento de comunidade, já era ampliado pelo sentir e viver nesse contexto do “entre”, da mediação, o corpo no meio de dois mundos, várias linguagens e simbologias com materialidades diferentes, em tempo real. Me sentia com superpoderes, tendo o corpo como um portal. A construção de minha subjetividade é composta por estruturas e laços com “essências espirituais”. E como explicar a minha natural conexão espiritual, esse duplo sentir e viver? Como se prova o saber orgânico que supostamente não é legitimado por não existir para o saber clássico sintético? “Só existe a existência. A inexistência não existe” (MARQUES, 2016, p. 46).

Em casa, viver em conexão espiritual e ancestral sempre foi tranquilo e orgânico a partir de uma orientação rígida de meus pais para a cultura do respeito à espiritualidade, à ancestralidade, ao invisível, a nossa verdadeira natureza. Independente de qual lugar ou ambiente religioso ele se manifestasse. Corpo é matéria vibrátil, testemunha do tempo, registradora dos contextos que nos atravessam, é pó moldado e compactado que pisa na terra, para onde voltará. Essência é conteúdo, não morre, se acumula e se liberta na hora de entrar em outra etapa da vida. Ancestraliza-se e circula.

O meu olhar crítico sobre a análise da realidade parte do acúmulo das influências dos encontros com esses/essas protagonistas que me ajudam a compreender o meu próprio protagonismo como essência espiritual em um corpo preto de mulher que vive no ocidente com herança oriental da África.

Hoje, a partir do treinamento efetuado nesta existência, através da necessidade de sobrevivência, consigo naturalmente transitar pelos vários caminhos e mundos com o pilar: da minha essência constitutiva que eu acredito que tem o acúmulo de outras vidas ou existências; do meu corpo preto com genitália feminina, um universo interno com vários conjuntos de órgãos que sente as afetações do universo exterior, filtrado ou não pela minha essência; e pelo resultado do ser humano ou da natureza que sou, interseção da minha essência espiritual com o meu corpo.

Ana Maria, minha mãe e Edinaldo, meu pai, transferem continuamente as suas tecnologias de resistências, reexistências, na/da lida física, material e espiritual. E nesse caminho aprendi a respeitar e a conviver com a adversidade, diversidade, os pontos intercessores das dimensões do visível e do invisível. Essas transferências ocorrem a partir de

encontros, seja através do exemplo ou de suas narrativas, incluindo as práticas de cuidado com o outro de muitas formas: levar os visitantes ao ponto de transporte, colocá-los dentro do ônibus e ligar para ter certeza que chegaram bem; preferir abençoar do que festejar, pois as bênçãos não são mais constantes do que as festas, caso, eu tenha que escolher entre uma a outra; preparar a casa e a ambiência dos espaços da casa para receber as pessoas; manter discricção das ajudas prestadas; respeitar as manifestações espirituais, pois o que nos distingue dos espíritos invisíveis é só o corpo físico; escutar com atenção as mulheres que batem ou chamam ao portão em busca de refúgio, aconchego e paz, entre outros.

A partir da minha escuta as narrativas de pretos-velhos⁷, pretas-velhas, caboclos⁸ e dos participantes das equipes espirituais que fazem parte do meu repertório de aprendizados, há mais de 40 anos, muitos temas e assuntos diversos referentes às vicissitudes humanas permeiam os nossos encontros com muitos diálogos: a busca por liberdade, cuidado com o que se pensa e fala, orientações para o cuidado com as alegrias e dores do corpo, alma e o coração, o respeito necessário com a natureza, o tempo, os astros, os animais. Sobre as potencialidades das ervas, da força do olhar e do orar. A importância da fé e da caridade. Que humildade é diferente de servidão e subalternidade, entre muitos outros assuntos. A engenhosidade desenvolvida para se manterem vivos no tempo do cativo, o poder da água, entre muitos outros assuntos.

As imagens abaixo fazem parte da minha subjetividade e cotidiano, desde a barriga da minha mãe, há mais de 4 décadas, passo por elas ao encontrar com os pretos-velhos e caboclos no Centro Espírita de Matriz Africana Santa Catarina, em Piabetá, distrito da Cidade de Magé, localizado na baixada fluminense.

⁷ Entidades mobilizadoras de um vasto repertório de símbolos cujo potencial abrange múltiplos desdobramentos semânticos, os pretos-velhos revelaram-se entidades complexas, capazes de assumir várias conformações distintas a partir de suas referências essenciais enquanto escravos e ancestrais. Etnopsicologicamente, os pretos-velhos mostraram-se espíritos fundamentalmente mediadores e integradores, subsidiando articulações e processos diacrônicos de significância entre passado e presente; vida e morte; adolescência e vida adulta; emoção e razão; corpo e espírito; ação e consequência (DIAS, 2011, p. 129).

⁸ Termo designativo de certos Guias das linhas de Xangô, Ogum e Oxóssi. Também chamado caboclo de terreiro. Os caboclos são espíritos guias das raças ameríndias, os quais não têm nenhum impedimento em baixar nos terreiros ou tendas de Umbanda. Os caboclos são também espíritos adiantados. Embora não tenham a brandura dos Pretos-Velhos, são muito prestativos e sabem agir com eficiência, nunca se negando a beneficiar ou praticar a caridade. PINTO, Altair (organizador). Dicionário da Umbanda - Anexo pequeno vocabulário da língua yorubá 6. ed. Editora Eco (p.37-38).

Ilustração 16 - Painel pintado na parede do Centro Espírita Santa Catarina em homenagem aos pretos velhos e pretas velhas



Fonte: Tatiana Brandão. Piabetá - Magé/ RJ (2021).

Ilustração 17 - Painel pintado na parede do Centro Espírita Santa Catarina em homenagem aos caboclos



Fonte: Tatiana Brandão. Piabetá - Magé/ RJ (2021).

Ilustração 18 - Imagem representativa da Vovó Catarina do Centro Espírita Santa Catarina



Fonte: Tatiana Brandão. Piabetá - Magé/ RJ (2021).

Ilustração 19 - Terreiro do Centro Espírita Santa Catarina - Dia de Gira para Pretos Velhos



Fonte: Tatiana Brandão. Piabetá - Magé/ RJ (2021).

Através desses encontros fui aprendendo a escutar de forma sensível pela imposição natural e moral da força dos/das narradores (as). Pela busca de palavras-remédios para a diminuição de sofrimento para a alma, palavras-bússolas para seguir os caminhos, palavras-

ânimos para não desistir de caminhar, a importância de saber aproveitar o tempo disponível do outro e, principalmente, o meu tempo de existência, justamente por não saber o seu fim é necessário mais atenção e aproveitamento útil para com ele.

Na esfera do cuidado, recebi muita atenção, através de encontros significativos e potentes, desde a infância, seguindo na adolescência e continuando na vida adulta. Mesmo em companhia dos amigos espirituais a solidão pela perspectiva do corpo é inevitável conosco, seres visíveis. Devido a uma grande esfera protetora em várias dimensões, demorei a entender a realidade desta vida física e material que até hoje não me acostumei. Adaptei-me para sobreviver.

Durante um bom tempo pensei que era mais corriqueira a ótica que tenho em olhar a vida somada com as orientações dos meus pais: “ore, harmonize-se espiritualmente, pesquise bem o que você quer, planeje todas as providências que precisará tomar, organize-se de véspera, acorde cedo e vai”. As minhas tomadas de decisões sempre foram direcionadas por esse caminho. Neste contexto, eu não prestava atenção às questões raciais que vivenciava e presenciava. Não conversávamos sobre preconceito, racismo e machismo em casa. A atenção aos dilemas sociais sempre foram ativos em função dos motivos pelos quais orava e escutava nas orações em meu cotidiano religioso e de moradora de um bairro da Baixada Fluminense. Com estima resolvida o suficiente, sempre gostei e tive orgulho da minha pretiniosidade, acredito que a estrutura familiar foi fundamental para essa construção. Não sentia razões para questionar a sociedade neste sentido e muito menos sabia o que era racismo estrutural. Devido a essa trajetória tornei-me preta, adquiri consciência racial, de forma mais ampliada, em pouco tempo (não mais que 10 anos). Identificando as situações de racismo no passado despertei-me para a minha trajetória de vida acadêmica, profissional e voluntária.

Ao adquirir uma consciência desperta do que isso significava aqui na terra, busquei estar mais atenta e a reforçar a autoanálise. Passei a compreender a construção da minha autoestima através da educação familiar, das influências das minhas redes de apoio, dos processos de construção do viver que aliado a uma sensibilidade bem desenvolvida colaborou para estar presente nos espaços onde decidi estar. Aos poucos fui compreendendo de forma mais racional todo o trabalho daquelas (es) que vieram antes de mim. O compartilhamento de saberes por quais passei a partir da potência dos encontros e das afetações que me permitiu receber das pessoas encontradas.

Reconhecer isso me proporciona segurança em meio aos atuais desafios que é viver aqui na terra. É o exercício de Sankofa⁹, com a simbologia do pássaro de duas cabeças: uma ao passado e outra ao presente. Voltar ao passado e ressignificar o presente.

O meu primeiro contato nesta existência com a produção de cuidado através da potência do encontro foi pelo ventre de minha mãe. Se o ventre é um mundo para um feto, eu, cartógrafa-escreviente in-mundo, recebi aconchego, carinho, amor e nutrição em uma relação de poder inquestionável. Mesmo em posição de recebedora comecei a exercer a interferência em minha mãe que se refletia no mundo externo influenciando em uma construção de ambiência e de ambiente, a minha gestação começou no ano de 1978. Houve aí, a minha primeira interseção nesta existência com uma mulher preta. Depois, no parto, encontrei os profissionais de saúde que me ajudaram a trazer a este mundo via cesariana, posteriormente encontrei com o meu pai. Para eu estar aqui hoje, compreendo que passei por muitas produções de cuidado através da potência dos encontros. E qual encontro entre dois ou mais seres humanos não é potente? Mesmo que o encontro entre dois ou mais seja o encontro entre os vários "eus" que habitam apenas um corpo, a multiplicidade de sujeitos que há em mim. A potência do encontro é inquestionável através da própria constituição de cada eu, e pelas relações de poder que cada um tem sobre o outro. A produção de cuidado sim, é questionável e posto a reflexão sobre o que é cuidado e não cuidado pela forma instituída.

Na trajetória de minha existência até aqui, aos meus 42 anos, tenho mais viva as lembranças das produções de cuidado do que ao inverso. Em família, ambientes religiosos, educativos, nos vínculos de amizade construídos, com vários pares de trabalhos e até mesmo na rua com desconhecidos. A maioria desses encontros foi com mulheres significativas, minhas antecessoras, assim como, minha mãe que traz amor e firmeza em seu exercício de ser quem é, compartilhando-se e integrando-se em meu "eu somos". Minhas tias, professoras, as coordenadoras dos centros espíritas que participei, as catequistas da igreja, muitas vizinhas, as mães de minhas colegas e amigas, etc.

A partir de potentes encontros desde a infância, cultivo as várias redes de apoio de vários lugares pelos quais transitei e me inseri. Elas estão em maior ou menor atividade permanente. Mas, estão presentes, se ativam ou são ativadas quando há algum dispositivo que gera alguma necessidade a partir de nós membros.

⁹ A palavra Sankofa simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado. Esta palavra é proveniente da língua twi ou axante, ela surgiu como provérbio ganês "*Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi*", que significa "Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você esqueceu (perdeu)" (Dicionário de símbolos, 2019).

Me dei conta que meu campo de investigação começa em minha gestação, eu feto, estendendo-se pelo meu nascimento em 1979 e infância. Nessa primeira década acompanhei a minha mãe ao atendimento (termo que venho falando desde a infância) às mulheres em nossa varanda. Conheci os atravessamentos decorrentes da vulnerabilidade da qual estão expostas no cotidiano das vidas dessas mulheres através da escuta, era o que me cabia neste tempo, além das providências de bem-estar delas em minha casa. Nas duas décadas seguintes, me envolvi enquanto jovem na militância do movimento negro pelo COLYMAR¹⁰ que trabalha em prol do empreendedorismo negro e pela EDUCAFRO¹¹ na inclusão dos pretos e carentes nas universidades e no ativismo em causas sociais e de direitos humanos, através de várias instituições, em especial, aos direitos das mulheres através da ASPLANDE¹², onde conheci uma forma sistematizada de atender as mulheres com os mesmos atravessamentos e vulnerabilidades múltiplas¹³ que chegavam em minha varanda. Moradoras de bairros como o meu, onde a potência e os fluxos dos encontros, não são reconhecidos e visibilizados.

Quando eu conheci a ASPLANDE, ao olhar a sala cheia de mulheres eu pensei:

— Caraca, existe uma ONG que faz o que minha mãe faz em casa!

Tornei-me educadora social voluntária da instituição e feminista, posteriormente compreendi que só o feminismo não contemplava o contexto das mulheres pretas, pois não eram levados em consideração a partir da perspectiva do racismo. De acordo com Carla Akotirene:

Sem embargo, às feministas negras não resta alternativa intelectual senão a de abarcar o transatlântico e dar sentidos, além da cosmovisão colonial, às relações de poder reconfiguradas pela modernidade, imbricadas e postas à apreciação analítica da teoria interseccional (AKOTIRENE, 2019, p. 152).

¹⁰ Círculo Olympio Marques – Sociedade de Informação e Promoção do Negro (COLYMAR), fundado em 13 de março de 1991, como uma associação civil, sem fins lucrativos. COLYMAR é em homenagem ao Jornalista Olympio Marques dos Santos, pelos relevantes serviços que prestou à luta pelos direitos dos negros durante toda vida. Ele dedicou-se a lutar por todas as causas da comunidade afro-brasileira (Coordenação do COLYMAR, 2019).

¹¹ Criada em 1987, a EDUCAFRO (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes) foi pioneira na defesa das cotas raciais e a levar o debate adiante, liderando a luta pelo acesso a educação superior de qualidade para oprimidos dos morros e periferias, única ferramenta capaz de transformar os seus sonhos em realidade e pavimentar a sua mobilidade social (Disponível em: <www.educafro.org.br> Acesso em: 17 de maio de 2021).

¹² ASPLANDE – Assessoria & Planejamento para o Desenvolvimento – criada em 1992, tem como missão instrumentalizar as populações de baixa renda – especialmente grupos formados por mulheres chefes de família para o planejamento, implementação e monitoramento de empreendimentos comunitários e cooperativos, voltados para um desenvolvimento integral e harmônico (Disponível em: <www.asplande.org.br> Acesso em: 21 mar.2021).

¹³ Por vulnerabilidades múltiplas refiro-me ao quantitativo de situações de vulnerabilidades que especificamente somente mulheres pretas sofrem, somadas as vulnerabilidades que mulheres não pretas sofrem, ou seja, um acúmulo interseccionado pela raça relativa ao gênero. Recomendo a leitura do “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero” de Kimberlé Crenshaw, 2002.

Como educadora social voluntária, eu traduzia e adaptava os meus recentes conhecimentos acadêmicos de Designer de Interiores para uma linguagem mais acessível, sem o “academiquês”, erudito, excludente para aquelas mulheres. No dia combinado para apresentar o meu plano de aula, recebi a seguinte orientação da colaboradora voluntária Marta (nome fictício): “você precisa traduzir o seu conteúdo acadêmico de 6 páginas em no máximo 1/ ½ página com linguagem de fácil acesso para que todas nós possamos entender. A maioria aqui tem no máximo o ensino básico. O objetivo é agregar, incluir, oportunizar, fazer diferente do que a sociedade já faz conosco e com elas”. Marta (nome fictício), neste momento estava me ensinando várias coisas: pensar a mesma coisa de forma diferente, sintetizar sem perder a essência, efetuar o exercício de trânsito do acadêmico para o popular, a importância de explicar todas as siglas, pois ninguém tem a obrigação e a oportunidade de aprender o que você aprendeu, como ser útil na prática para um coletivo de mulheres em que eu só escutava na varanda de casa de forma orgânica.

Na prática, freiriana, aprendi a ser uma educadora social, facilitadora do conhecimento acadêmico para o popular. Eu estava novamente na posição do “entre”, “da mediação” e “da tradução”. Eu estava buscando diálogo entre o saber orgânico das mulheres e o sintético da universidade, vivendo as fronteiras e os limites do processo de produção de conhecimento e aprendizagem, lembrando Bispo (2019). O saber orgânico é o saber natural que trazemos a partir das tradições de nosso povo ou da comunidade a qual pertencemos. É o que nos é transmitido de forma oral ou no exemplo a partir das singularidades de vivências e experiências individuais e em grupo. É o conhecimento popular adquirido a partir da interação e ou, "biointeração" (BISPO, 2019) mais uma vez. Um exemplo é o conhecimento sobre as ervas para cada necessidade, usa-se como chá ou como banho.

A ampliação do conhecimento técnico para que elas os utilizassem na criação e na elaboração dos produtos artesanais era o objetivo principal das minhas aulas. Estavam ali aperfeiçoando o empreendedorismo por necessidade. Não por escolha. Por necessidade de ter que “se virar”, comer e alimentar os filhos. A busca por autonomia financeira e complemento de renda era também o caminho que elas encontraram para continuar em casa, cuidar dos filhos, os levar para a escola, cuidar do idoso e de alguma pessoa doente na família. Adultas, idosas, chefes de família e todas narram vivências de violência de diversas formas. Este lugar de educadora e escutante¹⁴ foi importante, pois foi nele que aprendi que mulher não gosta de apanhar (cresci ouvindo isso como se fosse normal), compreendi sobre a construção patriarcal

¹⁴ Quem escuta.

da sociedade, entendi porque o trabalho doméstico de minha mãe, das mulheres em nossa varanda são invisibilizados e menosprezados a partir de uma construção machista e da construção coisificada da mulher.

Os encontros com as mulheres aconteciam em aulas organizadas em períodos semanais, quinzenais ou mensais, dependia do projeto do programa, de forma constante e sistematizada eu as encontrava. Através dos exercícios das aulas, nos momentos de plenária ou no canto, na hora do lanche, eu era chamada, por muitas das participantes que expunham-se e confidenciavam as suas angústias. Fui às lágrimas muitas vezes, individualmente e acompanhada por elas. Formávamos juntas um mar, desaguávamos, esvaziávamos e depois estávamos mais fortes. Sempre saímos melhores do que entramos.

Em 2008, casei. Comecei a vivenciar situações e contextos como os das mulheres que minha mãe sempre atendeu em nossa varanda e das mulheres atendidas na rede de mulheres da ASPLANDE. Em um susto de consciência pelo reconhecimento, “a ficha caiu”, percebi que eu era elas e que elas eram eu. Vivendo atravessamentos decorrentes de vulnerabilidades múltiplas similares de um cotidiano invisível à vida pública.

Um fato que lembro-me bem foi quando exausta, cansada pela privação de sono em que eu vivia em função de ficar em alerta todos os dias, de madrugada, cuidando de meu ex-marido que na época, tinha uma diabetes hipoglicêmica não controlada e constantemente passava mal, me vi na frente do espelho, em uma manhã, de forma mecânica, como um zumbi, escovando os dentes com hipoglós da Olívia, em vez da pasta de dentes na escova. Acordei literalmente, despertada com gosto de cheiro de bumbum de neném na boca.

Inicialmente levei na brincadeira, mas isso mexeu muito comigo. Doeu. Não era porque eu queria, eram as condições em que eu estava vivendo entre muitos desafios no cotidiano doméstico. Minha filha operou o esôfago com dois dias de vida. Fui diminuindo a rotina de trabalho como designer de interiores até modificar de profissão, em função de ficar mais próxima a ela e as suas necessidades constantes em aprender a se alimentar no tempo dela. “Não foi escolha. Foi a necessidade”. “Tive que me virar”.

Encontrava-me em uma posição econômica inferior à que estava acostumada, tendo que assumir mais compromissos de cuidado com a minha família e ainda mais trabalhos que estruturalmente são direcionados ao gênero feminino, que mulheres consideradas da elite, não pretas, podem assegurar através do mercado de trabalho onde o pacto de narciso também se manifesta. Vide as situações das mulheres pretas em contexto de pandemia. Esse parágrafo contém violências estruturais possíveis de serem compreendidas através da lente interseccional.

Dessa descoberta pessoal, outras se sucederam. A falta de vaidade e de autocuidado de quem cuida do outro, se preocupa com as outras pessoas e se esquece de si. Eu, em alguns momentos, ia e voltava na varanda, nos momentos de esvaziamento junto às mulheres, na voz de minha mãe e seus conselhos, a imaginava exercendo a sua escuta comigo. Os meus amigos espirituais sempre continuaram presentes em todas as horas, intuindo-me nas atitudes, nos livramentos. Não me sentia sozinha espiritualmente. Mas, na carne, a solidão de uma mulher preta é para além de uma solidão só afetiva, muitas vezes em companhia conjugal, é uma solidão fraterna, racial, doméstica entre tantas outras. Solidão física em território geográfico e existencial, dói. Mais uma vez, “não é escolha”. É uma imposição profunda que atravessa o corpo e penetra no subjetivo. Você já escutou alguma mulher preta dizer que vive em solidude?

Eu olhava para trás para ressignificar e encontrar soluções para o presente. E me perguntava:

— Como se dava o processo de resiliência e resistência das mulheres que escutei, o que minha mãe fazia com elas que as ajudavam tanto? Como tomo forças para eu mesma me ajudar? O que aconteceu comigo? Eu não era assim! Como cheguei a tal ponto?

Muitas perguntas em estado de solidão e em necessidade de receber carinho, atenção, uma palavra de conforto e motivação através da energia emanada pelo corpo de outra pessoa. Eu queria um encontro de produção de cuidado.

Mas, por incrível que pareça, em muitos momentos como esse, eu sempre recebia um pedido de socorro de alguma mulher. Meu telefone sempre tocava nessas horas. Eu enfiava a minha viola no saco, guardava a minha dor no bolso e ia ajudar, cuidar de outra mulher (normal, cresci assim). Por fim, acredito que sempre fui mais cuidada nessas horas do que ao contrário. É antagônico ir cuidar de alguém, ao precisar ser cuidada, mas, é complementar também. A intercessão em prática da nossa essência egocêntrica com a essência altruísta organiza as nossas posições e atitudes de ser o sujeito que somos, “cada um vive para si e para o outro de maneira dialógica, ou seja, ao mesmo tempo complementar e antagônica” (MORIN, 2005. p. 20).

Acredito que quando duas ou mais pessoas se encontram a potência se faz presente. Faz parte da nossa natureza. Trazemos a chama de luz dentro de nós. Se a usamos para produzir cuidado ou sofrimento é uma opção nossa como essências espirituais, humanos ou naturais.

Em meio a esse turbilhão de emoções, comecei a transição de carreira, de designer de interiores, minha primeira formação, para analista comportamental e coaching de liderança.

Naturalmente, logo em seguida, comecei a atender muitas mulheres pretas que até hoje, são 70% do total de clientes atendidas desde 2015. Além de todos os atravessamentos, a questão racial está presente no consultório e só cresceu de lá para cá. Mulheres pretas líderes ou em cargos e posições de poder e influência é o perfil das mulheres pretas que atendo. Todas elas narram situações de vulnerabilidades múltiplas e constrangimentos, de terem o seu poder e resultados questionados seja por seus superiores ou por seus liderados. O exercício de apagamento ou invisibilização de sua voz por aqueles que questionam e não toleram a sua presença no ambiente. Têm as suas formas de vestir e, principalmente, a natureza de seus cabelos indicados como não adequados para o ambiente da empresa, é o “*dress code*” ou o código de vestimenta. A mulher preta líder está sempre em um não lugar. Uma mulher branca e um homem branco estão sempre em conformidade com esse código, entre tantos outros, através do “pacto de narciso da branquitude”¹⁵ que visa proteger o privilégio branco que é “ocupar os lugares mais qualificados. Mas, não é entendido pelo branco como privilégio, mas como mérito. Estamos aqui porque merecemos”, como nos explica Maria Aparecida Silva Bento em entrevista à Lia Vainer Schucman¹⁶, professora do departamento de Psicologia da UFSC. Não há encontro com produção de cuidado onde há racismo! Há o frequente abuso dos direitos humanos e um misto de discriminações vivenciadas por mulheres pretas, além da discriminação racial direcionada ao gênero de forma diferente aos homens e das mulheres brancas. É verdade que a condição de sermos mulheres nos elegem estruturalmente a uma discriminação de gênero, mas é verdade também que questões como “ (...) as suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são “diferenças que fazem diferenças” na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação” (CRENSHAW, 2002, P.179).

Em 2017, ao final do processo de transição profissional, fui convidada, por Sandra Coleman¹⁷ para participar com a minha biografia profissional junto com outras 38 mulheres pretas, na Exposição Mulheres Negras Brasileiras: Presença e Poder, na Universidade Estadual de Nova York - SUNY New Paltz que “mostrou um Brasil que passava despercebido

¹⁵ Termo criado por Maria Aparecida Cida Bento, em sua tese de doutorado, intitulada: “Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público”. São Paulo: USP, 2002.

¹⁶ O que é o pacto narcísico da branquitude?. Cida Bento. Globo Play, 2020 (14 min.). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9081632/>> Acessado em: 21 de maio de 2021.

¹⁷ Mestre em Estudos Profissionais e Bacharel em Artes com concentração em espanhol, ambos pela Universidade do Estado de Nova York - SUNY New Paltz. Idealizadora da Exposição Mulheres Negras Brasileiras: Presença e Poder, que aconteceu em dezembro de 2017 na Biblioteca Soujourney Truth - Suny New Paltz. Coordenadora do Grupo de Estudos Conceição Evaristo. Sandra vive nos Estados Unidos com o seu marido, o professor Dr. Major Coleman.

para muitos: um Brasil de mulheres pretas que romperam as barreiras impostas pela sociedade racista e galgaram um patamar que para muitas parecia impossível - ter um diploma universitário” (COLEMAN, 2020).

Foi uma experiência bem interessante e intensa, que vivi em paralelo ao momento de um processo de divórcio. Muitas emoções ao mesmo tempo para aprender a lidar e racionalizar. Sendo homenageada internacionalmente por um lado, participando de várias entrevistas aqui no Brasil, em função da repercussão da exposição e, por outro, imersa no reconhecimento das frustrações do fim de um ciclo que já havia sido findado por muitas questões comuns ao relacionamento conjugal de muitas mulheres pretas que não abrem mão de sua autonomia profissional, de vida e, principalmente, de sanidade ao identificar o sofisticado processo de violência emocional em que se vive. Tomei a decisão, por uma questão de coerência interna. Percebi que o meu discurso não estava acompanhando os meus atos.

As minhas conversas ficavam cada vez mais intensas em minha mente:

Isso ficou inabitável dentro de mim. Prezo pela verdade em meu interior: como posso falar, palestrar e incentivar as mulheres pretas a enfrentarem os seus desafios de frente, tomar decisões difíceis se as que preciso tomar venho postergando? Que exemplo estou dando para os meus filhos? Que verdade estou passando?

Acredito que se talvez eu tivesse, na época do meu casamento, um maior autoconhecimento sobre a potencialidade da mulher preta que sou e das várias mulheres potentes que existem em mim, eu havia me divorciado antes. Outra hipótese é que se eu tivesse lido o livro *Pele Negra Máscaras Brancas* de Fanon (2008), antes do meu retorno a academia, também poderia não ter postergado tanto para tomar a decisão de me separar. Através de Fanon iniciei o entendimento do processo de construção do homem preto pela estrutura racista. Compreendi algumas coisas que vivi enquanto casada que são constituintes da minha subjetividade, hoje, reflexo da afetação dos dilemas do homem preto em seu cotidiano que atinge as mulheres pretas suas companheiras. Acredito que a minha tomada de decisão poderia ter sido mais célere pela compreensão racional que adquiri com o reconhecimento das questões implícitas desse universo que especificamente, no meu caso, não me produziu cuidado na maioria do tempo de duração. Poderia talvez ter tido mais parâmetros para analisar e também compreender as minhas vulnerabilidades e atravessamentos de forma mais consciente. Conhecimento e autoconhecimento são libertadores quando os empregamos a favor de nosso autocuidado e no cuidado daqueles que

temos responsabilidades, que estão sob a nossa guarda e tutoria. Ou, em favor de nossa comunidade.

No ano seguinte, em 2018, já na casa de meus pais, onde voltei a morar com o meu casal de filhos, aqui em Belford Roxo, fui convidada para participar do TEDx Pedra do Sal¹⁸ que ocorreu no Museu de Arte do Rio, o MAR, lá eu palestrei o tema: O poder transformador da escuta. Nele eu narrei a minha transformação através do hábito de escutar que adquiri por meio do acompanhamento dos potentes encontros entre a minha mãe e as mulheres dessa pesquisa:

Mas, só a partir do momento em que a minha necessidade de se sentir importante para alguém, foi maior do que a minha necessidade de ouvir... Eu compreendi o poder transformador da escuta! Quando isso aconteceu eu já tinha mudado o meu status de solteira para casada. Eu comecei a vivenciar situações emocionais semelhantes aquelas mulheres escutadas pela minha mãe (Tatiana Brandão. TEDx Pedra Do Sal - O poder transformador da escuta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IsOb4Bg1ZjY>> Acesso em 05 jun. 2021. Trecho 4'57").

Em 2020, através da minha participação como coautora no livro Mulheres Negras Brasileiras - Presença e Poder: da exposição ao livro¹⁹. Homenageei os meus pais através da minha minibiografia intitulada "Não vim ao mundo a passeio". Sem o encontro deles essa pesquisa não seria realizada. Foi uma dupla alegria, pois tive também a honra e a bênção de homenagear a escritora Lia Vieira através de sua minibiografia que nomeie "O sorriso que abraça de uma alma que brilha". Viver a oportunidade de passar uma tarde no centro da cidade do Rio de Janeiro conversando com Lia Vieira foi mais um potente encontro com uma mulher preta onde houve a produção de cuidado que marcou muito a minha vida. Fui entrevistá-la, receber com carinho a sua história através de suas palavras e lembranças, mas recebi muito mais, o nosso encontro foi envolto de muita emoção, risadas e sábios conselhos que trago para a vida e passo adiante. Porque produzir cuidado também é compartilhar coisas boas que nos faz bem e colabora para o nosso pisar mais firme nesta terra. "Esse é o nosso tempo" último trecho da minha homenageada:

¹⁸ TEDx é um programa do TED, que são eventos organizados de forma independente. No espírito "ideias que merecem ser espalhadas", o TEDx é um programa de eventos locais, que reúne pessoas para compartilhar uma experiência semelhante ao TED. [...] O TEDx Pedra Do Sal traz o tema "Evolução e (a)diversidade" e quer compartilhar experiências ligadas à economia solidária, cooperativismo popular, negócios sociais, movimentos culturais e tecnológicos, que possibilitam o enfrentamento das dificuldades atuais – marcas desse passado presente – do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.tedxpedradosal.com.br> Acesso em: 18 de maio de 2021.

¹⁹ Mulheres Negras Brasileiras: Presença e Poder - da exposição ao livro / Sandra R. Coleman (organizadora) - Curitiba: CRV, 2020.

Seguindo para o finalizar das minhas letras neste exemplar... Respirei, orei, respirei e lembrei-me da sabedoria de Vovó Rosa da Farinha, personagem da obra “Só as Mulheres Sangram”, descrita por sua criadora: *“Era muito simples o que ela ensinava. Dizia que a resistência é o caminho para romper os grilhões”*²⁰. Depois de seguir o ensinamento de Vó Rosa, sigamos a mensagem de sua autora, Lia Vieira, chamando atenção para o desviciar dos olhos. Assim como os nossos ancestrais fizeram, assim como devemos fazer para aqueles a quem precedemos! Em especial, as mulheres negras brasileiras no protagonizar de sua presença e poder, *“Desviciando olhos, exercitando ideias, semeando um gesto de um novo tempo”* (CARVALHO, T. B. G., 2020, p.84).

Após romper alguns grilhões, através de minha resistência, com mais de 40 anos, mãe de um casal de filhos, após o meu divórcio, assumi a parceria com o espírito da Preta Velha, Vovó Bernardina, no Centro Espírita de Umbanda Vovó Catarina. Isso significa que voltei atenção em plenitude, com mais consciência e maturidade, aos meus amigos espirituais da infância, em especial a Vovó Bernardina. Fiz um giro de 360 graus, exerci a circularidade desde a barriga de minha mãe onde recebia como feto as orações de outros pretos velhos para hoje, junto com a espiritualidade, no lugar de “meio”, “médium”, “entre” os planos da matéria e do espírito, orar, benzer, bendizer, outras barrigas pretas, outras mulheres pretas e não pretas também.

Em 2019, na entrevista de defesa de projeto para o mestrado em psicossociologia, na linha 3 de saúde, descobri que eu trabalhava com produção de cuidado, não tinha a dimensão a respeito. Até a primeira semana de aula, no mês de março de 2020, antes da declaração oficial da pandemia, a minha proposta inicial era pesquisar sobre a solidão representativa da mulher preta em posição de liderança, decidida a pesquisar a partir da minha vivência e experiência profissional enquanto designer de interiores, desde 2005. Saí da universidade, já contratada, para trabalhar em um escritório de arquitetura, localizado no CasaShopping, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde eu tinha a responsabilidade de atender os clientes, elaborar o projeto de interiores, planejar e efetuar a gestão da obra e etc. Como aprendi em casa a cuidar do bem estar dos pedreiros e a comprar material de obra para a minha própria casa na adolescência, orientada por meu pai. Cuidar da obra sempre foi um prazer. Posteriormente ao sair deste escritório, abri o meu escritório de Design de Interiores, Paisagismo, Iluminação e Arquitetura em sociedade com uma amiga na pós-graduação de iluminação. No meu escritório a responsabilidade era maior, assim como, o envolvimento com os clientes e todos os profissionais envolvidos também. Em função da localização do

²⁰ (VIEIRA, L. Só as mulheres sangram. Belo Horizonte: Nandyala, 2019, p. 45).

escritório no Centro do bairro da Freguesia, Zona Oeste do Rio de Janeiro também, o porte das obras em sua maioria eram grandes. Eu sempre gostei das obras por acompanhar in loco o projeto criando vida, literalmente, saindo do papel. Foi nos ambientes de obra que aperfeiçoei e mantive aprendizado constante em lidar com as adversidades, transitar em ambiências hostis e com ambientes dominados por homens, seja no comando dos serviços que eram interpostos ou nos canteiros de obra junto aos pedreiros. Pensar ligeiro, ter criatividade, falar na mesma língua que os clientes e os profissionais, trazer soluções rápidas quando necessário para ambos, convencer o cliente da proposta do projeto, o acompanhar na loja para efetuar as compras, estar pronta para imprevistos, administrar o dinheiro, driblar a todo instante as desconfianças por ser mulher, preta e nova eram algumas das variáveis do dia em acompanhamento e gestão as várias obras. Com o tempo fui tomando mais confiança, pegando traquejo na lida e ampliando sem perceber o meu exercício de liderança misturado ao cheiro de cimento, pedra e areia. No geral, sempre consegui ter um bom relacionamento na condução dos objetivos da obra, pois já conhecia desde a minha casa, as dores, a fome, as preocupações e o imprescindível descanso após o almoço dos trabalhadores da construção civil que, em sua maioria, são oriundos do nordeste e que vem em busca do sonho de uma vida melhor, juntar dinheiro e enviar para a família. A compreensão de suas necessidades, o respeito por elas e o café eram dispositivos que tornaram-se elos de confiança aliados ao conhecimento técnico. Fluidamente, sempre tive uma liderança afetiva, amorosa, com olhar espiritual para todos, isso muito me facilitou. Reproduzia na prática, sem perceber, a minha mãe com os pedreiros de casa. Afinal, como diz a música Todo Homem de Zeca Veloso:

Todo homem precisa de uma mãe
(Veloso, Zeca. Todo Homem. Som Livre, 2018).

Acredito que depois que se passa por uma experiência e vivência em chão de obras, você passa por qualquer coisa.

Voltando ao início das aulas que coincidiram com a pandemia, as necessidades de adaptação de mundo e de projeto, modifiquei a proposta anterior para essa pela a qual estamos nos encontrando. Muito importante lembrar que o campo de pesquisa acontece a partir da afetação do meu encontro com muitas pessoas. Nesse sentido, a coragem de expor o meu reconhecimento como essência espiritual, o lugar de constituição de meu posicionamento e o

meu encontro com a escrevivência como metodologia, através de meu processo cartográfico que serviu como uma bússola afetiva começou a se constituir no pré-caminho-metodológico, vou chamar assim. Ele teve o início a partir dos encontros coletivos nas aulas virtuais, adquirindo conhecimentos e os unindo ao processo de reflexão posterior a cada nova formulação de pensamento: os acúmulos de pontos de vistas e conceitos ofertados em cada aula; a construção do pensamento e as discussões específicas nos grupos de pesquisas: LabMems²¹ e a Rede Nacional do Observatório de Políticas Públicas, Cuidado e Formação de Saúde; o processo de construção de raciocínio sobre o projeto e as provocações efetuadas nos encontros de orientação; as afetações trazidas do consultório e das questões pessoais do viver; a interferência consciente e inconsciente das subjetividades dos docentes e colegas de turma; a observação dos modos de viver da natureza ao meu entorno, principalmente, no meu quintal. Esse pré-caminho-metodológico inclui conceitos e seus fragmentos que eu trouxe para a minha vida pessoal e profissional: o elo de interação de disciplinas que é a psicossociologia quando evocada a sê-la; a cartografia sentimental, o conceito de biointeração do Antonio Bispo dos Santos (2019), a ideia de fronteira e limite do mesmo autor. Os rizomas e os platôs de Deleuze e Guatarri (1995). O proceder com respeito em relação à produção de memória e as lembranças coletivas.

Por esse processo, sinto-me suja até a alma, literalmente, através da perspectiva de Merhy (2014) sobre a contaminação e o se sujar de mundo pelo pesquisador.

Para tanto é necessário sustentar um exercício de desaprendizagem do já sabido, um exercício de desinstitucionalização do prescrito. Um exercício que convoca como parte integrante do processo da pesquisa a problematização e invenção de si e do mundo. O pesquisador não é neutro, pelo contrário, produz ação política, ativa e, nessa produção, contamina-se ao dar passagens para múltiplos processos de subjetivações e de fabricação de mundos.

Nesta perspectiva, o pesquisador in-mundo emaranha-se, mistura-se, afeta-se com o processo de pesquisa diluindo o próprio objeto, uma vez que se deixa contaminar com esse processo, e se sujando de mundo, é atravessado e inundado pelos encontros (MERHY, 2014, p. 157 e 158).

Saliento que a interação "de" e "com" tudo isso resultou em todas essas afetações nos alguns dos meus "eus": eu-mulher, eu-namorada, eu-mãe, eu-filha, eu-cartógrafa-escrevvente in mundo, eu-pesquisadora e a pesquisa, nós passamos de um lugar visceral de energia densa

²¹ Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: Rastros Sensíveis – LabMEMS, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), reúne atividades acadêmicas voltadas para o ensino, pesquisa e extensão em níveis de graduação e pós-graduação. Sua temática está orientada para práticas relacionadas aos estudos sobre memória social e coletiva, organização comunitária e territorial, tradição e ocupações tradicionais. Disponível em: <www.labmemoriasufrj.wixsite.com> Acesso em: 17 de maio de 2021.

para um lugar de sensibilidade com uma energia mais fluída. Esse é um sentimento que se apresenta a partir de uma observação cronológica ao longo do processo de investigação, mediante o encontro com os meus desafios, aprendizados e constantes análises.

O meu posicionamento como pesquisadora desde o início nunca foi neutro e como coloca Merhy:

Assume-se assim, que não há uma neutralidade na produção do conhecimento e que o pesquisador implicado, transita pelo território das suas implicações como sujeito *in-mundo*, ele produz e se produz na construção do conhecimento. Tomar a produção do conhecimento nesta perspectiva exige a construção da investigação, em ato, ela se dá *in-mundo*, na invasão e na vazão do sujeito/objeto implicado ao sujeito epistêmico (MERHY, 2004, p. 21).

Assumida então a minha não neutralidade, nesta pesquisa, exponho que a pandemia para uma escrevente e para outras mulheres pretas é mais um dispositivo de morte e de novas construções subjetivas que penetram em nossos poros provenientes da, “[...] Bio-necropolítica, o necropoder e uma necroeconomia que atravessam agudamente certos corpos-subjetividades têm muito a nos dizer, principalmente a nós que somos atravessados por uma colonialidade atualizada e reatualizada a todo o instante” (LIMA, 2020, p. 3).

Em janeiro de 2021, o bairro foi surpreendido com uma operação policial, com pelo menos 5 jovens pretos mortos. A operação não ganhou espaço nos noticiários midiáticos. Mas, entrou na micropolítica de nossas relações comunitárias, além das mortes decorrentes da COVID-19. Nesse contexto pandêmico, Fátima Lima, nos lembra em seu artigo intitulado "Protocolo de descarte do lixo, contra-colonialidade (s) e o dia seguinte": "aprendemos, e foi com a militância das mulheres negras, que autocuidado é uma prática, antes de tudo, coletiva"(2020, p. 2). Em meio a tanta dor e medo, as conversas da operação eram continuadas com o compartilhamento de esperança para chegada das vacinas, os cuidados continuados com o álcool em gel e a perplexidade do não uso de máscaras em nosso bairro pela maioria das pessoas.

Sobre a presença de músicas e poesias na pesquisa, elas fazem parte da minha constituição desde a minha infância, no processo de ambiência, no recebimento das mulheres, no uso em consultório, na minha rotina familiar e na sonoridade do bairro ouvindo da minha janela e do perímetro do meu quintal. Cresci escutando o canto da minha mãe enquanto treinava para o coral Luz de Tiago, da qual ela participava e que fazia parte da Casa espírita de mesmo nome, no município ao lado, em Duque de Caxias.

As imagens que fazem parte das observações dos rizomas e dos modos de vida existentes em meu quintal e que estão localizadas no caminho pré-metodológico, me conduziram a uma estrutura de raciocínio mais sensível para uma perspectiva de minha realidade.

Foi em um desses momentos de observação e vagueiamento do pensamento que a questão da pandemia entrou como mais um atravessamento em nossa vida.

Encontros potentes entre mulheres pretas sempre existiram. Compartilhar, valorizar e reconhecer que na simplicidade do meu lar, assim como, em tantos outros lares, ocorrem encontros poderosos de produção de cuidado que impulsionam e colaboram na construção de nossa tecnologia ancestral de resiliência, resistência, mediante a cotidiana dororidade, singular e representativa para muitas mulheres pretas e sua rede comunitária de apoio.

3.2 Desliga as painelas

“(...) nós que estamos no presente somos todos, em potencial, mães e pais daqueles que virão depois. Reverenciar os ancestrais significa, realmente, reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos os filhos daqueles que aqui estiveram antes de nós, mas não somos seus gêmeos idênticos, assim como não engendramos seres idênticos a nós mesmos. (...) Desse modo, o passado torna-se nossa fonte de inspiração; o presente, uma arena de respiração; e o futuro, nossa aspiração coletiva”.

(THIONG’O, 1997, p. 139)

Aprendi a escutar e admirar as histórias de muitas mulheres a partir de suas narrativas acompanhando desde a infância, mais ou menos, por volta dos 9 anos, a minha mãe no recebimento, em nossa casa, as vizinhas do bairro e mulheres que vinham conversar com ela de forma constante, praticamente sistemática, de tempos em tempos. Eu estava sempre por perto, buscando água, suco, trazendo a bandeja com café e guloseimas que ficava previamente preparada quando era possível uma combinação anterior de visita. O ambiente, a parte material: eu verificava se o banheiro estava devidamente adequado, limpo, com papel higiênico suficiente, para a utilização das visitas que muitas das vezes chegavam esbaforidas devido ao calor, com sede ou cansaço devido a caminhar de casa ou do trabalho até o destino, que era a minha casa. A ambiência, o clima: o cheirinho da limpeza, uma música agradável, o cheiro do café. E o lanche durante, se a preferência é açúcar ou adoçante, água gelada ou misturada, se necessitava tomar banho ou não; E, depois, ao ir embora, saber se a visita

chegou bem e através da oração minha mãe que se colocava em prece ou, me orientava a orar pela visita, emitir bons pensamentos. A oração e a fé raciocinada sempre fizeram parte do nosso cotidiano.

Em algumas situações, de forma firme, mas com amor eu lembro de escutar: “o que acontece aqui, fica aqui. Não sou garota de recados.” Ana Maria, minha mãe quando sentia a necessidade avisava isso para determinadas interlocutoras. O objetivo era avisar que o assunto não sairia dali e conseqüentemente não seria levado para uma terceira pessoa. Era um posicionamento de autodefesa, defesa do momento da conversa e uma forma da outra pessoa entender seus princípios. Dessa forma, todas as pessoas legitimam a confiança e a segurança da privacidade. Esse foi um dos ensinamentos. Percebi isso ao constatar a consideração unânime das mulheres e homens em posições contraditórias, seja na família ou no bairro. Compreendi que guardar segredos, evitava inícios de “desentendimentos familiares” ou “conflitos”. Existe uma generosidade e grande respeito ao não divulgar o que foi dito em local seguro e em situação de desabafo. Esse foi um dos ensinamentos entre tantos.

“Tati desliga as panelas”, esse era o comando que eu constantemente recebia quando chegava visita sem avisar, mulheres em busca de refúgio. A minha casa até hoje é um porto seguro para muitas mulheres. A preocupação em desligar as panelas era real, para que não caísse no esquecimento no decorrer da conversa e para que minha mãe não ficasse com atenção dividida. Ela preferia dar atenção às mulheres. Geralmente, nesse horário meu pai estava ausente, trabalhando. Esse é outro significativo ensinamento. O desligar as panelas da minha mãe é uma forma de dizer: “você é importante para mim”.

Lembro-me de um acontecimento que reflete bem a essência da pessoa que ela é porque diz muito do impacto do cuidado na vida das pessoas. Era aniversário da mamãe e uma das mulheres, muito humilde, a presenteou com dois rolos de papel higiênico. Diante da surpresa com aquela situação inusitada, eu recebi aquele comando de olhar que só as mães sabem dar e que dizia: “Fique quieta, não fale nada e depois eu te explico”. Mas nem foi preciso, a humilde senhora de imediato explicou, constrangida e muito agradecida: Ana, eu agradeço tanto toda a ajuda que você me deu! No momento em que eu mais precisei você me deu atenção! Eu queria de alguma forma lhe agradecer. Como não tenho dinheiro para comprar nada, eu trouxe o que tinha! (CARVALHO, T. B. G. Não vim ao Mundo a Passeio. Em: Mulheres Negras Brasileiras: Presença e Poder – da exposição ao livro. Sandra R. Coleman (org.), Curitiba: CRV, 2020).

A construção de minha subjetividade a partir de um lugar de sensibilidade auditiva como escutante, vem desse acompanhamento pela sonoridade e afetação de várias narrativas femininas e do exemplo de minha mãe, que sempre se dedicava mais tempo a escutar do que

falar no momento do encontro. Uma vez ou outra, um homem, também sentava à sua frente, em nossa varanda e desabafava.

A maioria das mulheres recebidas por minha mãe são pretas, com formação até o ensino médio, casadas, com mais de um filho, casa própria na redondeza, contemporâneas da minha mãe. Merendeiras que eram as suas colegas de trabalho, mães de minhas antigas colegas de escola, mulheres com vínculos formados a partir do processo de construção de nossa casa, provenientes da Igreja São Francisco de Assis, onde fiz a catequese, parentes que moravam e moram próximo.

Todas elas conhecem a relação que a minha mãe tem com a música. Ela é um elemento presente aqui em casa, usada com muito critério para a alma e o corpo. Ela é parte da ambiência da casa instituída geralmente por minha matriarca. Cantar, cantarolar alto é uma característica dela. Na infância, cantava em corais na igreja, posteriormente passou a cantar no grupo espírita que frequentou no município de Duque de Caxias. A audição musical faz parte da minha educação no compreender as letras antes da melodia. Trago essa letra pois ela reflete bem parte do contexto do momento antes ou durante as narrativas de várias mulheres. A necessidade do desabafo.

Deixa, deixa, deixa eu dizer o que penso desta vida
 Preciso demais desabafar!
 Preciso demais desabafar!
 Suportei meu sofrimento
 De face mostrada e riso inteiro
 Se hoje canto meu lamento
 Coração cantou primeiro
 E você não tem direito
 De calar a minha boca
 Afinal me dói no peito
 Uma dor que não é pouca
 Tem dó!

Deixa, deixa, deixa eu dizer o que penso desta vida
 Preciso demais desabafar!
 Preciso demais desabafar!

(Lins, Ivan; Souza, Ronaldo Monteiro. Interpretação: Cláudia. Deixa eu viver. Odeon Record Limited, 1973).

Esvaziar-se, pedir conselhos, sair da solidão, necessidade de conforto, não enlouquecer, busca de refúgio, esfriar a cabeça, relaxar, conversar, ouvir uma palavra amiga, matar saudades, aprender sobre algo, agradecer, tirar uma dúvida, confirmar uma informação, etc. São alguns dos motivos direcionadores para chegarem em nossa varanda. Em dororidade

muitos fluxos de produção de memória coletiva feminina preta foram construídos a partir da potência do encontro, em produção e recebimento de cuidado, entre duas ou mais mulheres pretas.

A natural liderança afetiva da Dona Ana sempre foi elogiada e buscada pela maioria, mas a alteridade na relação sempre esteve presente entre elas. Não havia direcionamento prévio, acontece dialogicamente através de algum dispositivo inicial, um abraço, o café, o sentar-se na cadeira, um profundo suspiro, após abanar-se para afastar o calor, pela ansiedade do esvaziamento, não há roteiro e nem tempo perdido. O tempo é usado de forma bem aproveitada. Mas o principal sempre é conversado, exposto, compartilhado.

Ilustração 20 - Ana Maria, minha mãe, na varanda



Fonte: Tatiana Brandão - Belford Roxo (2020).

A maioria dos encontros ocorreram na varanda. Ambiente estratégico, logo após alguns passos ao adentrar o portão. Pensando a casa como um corpo humano, o portão são os olhos e a varanda são os braços que abraçam na chegada e na partida. Minha mãe é o coração.

Ilustração 21 - A Varanda (entrada)



Fonte: Tatiana Brandão - Belford Roxo (2020).

A varanda onde os encontros presenciais acontecem, produções e recebimentos de cuidados ocorrem. Perspectiva quem está entrando.

Ilustração 22 - A varanda (vista a partir da sala)



Fonte: Tatiana Brandão - Belford Roxo (2020).

A varanda onde os encontros presenciais acontecem, produções e recebimentos de cuidados ocorrem. Perspectiva a partir da sala que dá para a visão da entrada, da varanda, do portão e da casa de uma das vizinhas que fazem parte da nossa rede de apoio (produzindo e recebendo cuidado).

É desse portão que ouço há anos, as chamadas pela minha mãe:

- Ana, Ana! Ana, Ana!

Esse é o lugar onde os encontros exercem as suas potências. Simples, singelo e sem luxo. De 2020 para 2021 a interferência da presença do álcool em gel e a presença de pessoas de máscaras fazem parte agora da rotina. Guardar e trazer para o local as cadeiras e a mesa faz parte da rotina da casa, em função do medo de roubarem as mesmas e irem parar no ferro velho ou serem vendidas por um valor ínfimo em troca de drogas.

A varanda passou por várias transformações, assim como os moradores da casa e o município de Belford Roxo como conversarei mais a frente.

Logo abaixo tem essa imagem de arquivo que mostra a varanda como foi durante muito tempo. Paredes e chão de cimento. Após a reforma, a janela foi para a outra parede. Esse é um registro do ano novo de 1996. Achei aqui nos meus guardados. Esse era o momento das danças em família. Todos os ritmos. Sempre fomos muito animados. A egrégora da nossa varanda sempre foi sadia, espiritualizada, positiva, envolta em acolhimento, amor, carinho e música.

Muitas mulheres da vizinhança, também, frequentaram a nossa varanda em outros momentos do cotidiano, principalmente, nas festas e comemorações. Nestes dias festivos, em algum momento, eu percebia minha mãe sempre com uma mulher no canto, escutando, entre uma atividade e outra. Refletindo, agora, sobre isso, vejo e entendo a varanda como um lugar naturalmente instituído no processo de produção de cuidado entre a minha mãe e as mulheres pretas vizinhas de Belford Roxo. Mas, o cuidar ocorre nas circunstâncias dos encontros em ato, independente do cômodo da casa ou fora dela.

A porta à esquerda era da sala de estar. A porta à direita com a antiga janela era onde o meu pai tinha a sua oficina gráfica.

Hoje a porta da esquerda leva a sala de jantar e a da direita a sala de estar/tv. Em respeito a privacidade das pessoas envolvidas nas fotografias, seus rostos foram cobertos.

Ilustração 23 - A varanda (vista a partir da sala)



Fonte: Tatiana Brandão – Arquivo de família (1996).

Desde pequena, como escutante e secretária da grande matriarca até me tornar a mulher de 42 anos, as transformações ajudaram-me a compreender através da academia que o encontro entre as mulheres vizinhas e a minha mãe é produção de cuidado e autocuidado entre si, a partir da potência do encontro. Despretensiosamente e sem consciência da ação, tanto minha mãe quanto as mulheres produzem cuidados, em ambiência segura que ocorre na varanda. Sem intencionalidade, sem explicações complexas e sem busca por fundamentação da ação, um dia ela me respondeu: “Apenas fiz e faço. Sem pensar a respeito. Faço naturalmente”.

A disponibilidade interior como contribuição permanente e constante no auxílio, produção de cuidado da Dona Ana como também é conhecida na vizinhança se contabilizada por encontros, transformando em dados e posteriormente em índices, poderia ser utilizado para medir como o Sistema Único de Saúde – SUS que foi e é poupado na área financeira e em pessoas, no atendimento provável na área de psicologia. Lembrando que isso passa na minha cabeça de pesquisadora e filha observadora. Minha mãe apenas faz. Age. Exemplifica em sua vivência.

3.3 De Nova Iguaçu a Belford Roxo - Cidade dormitório para quem?

Em 1985, foi a nossa mudança para o município de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. Belford Roxo, que nessa época era apenas um distrito, foi logo após eu

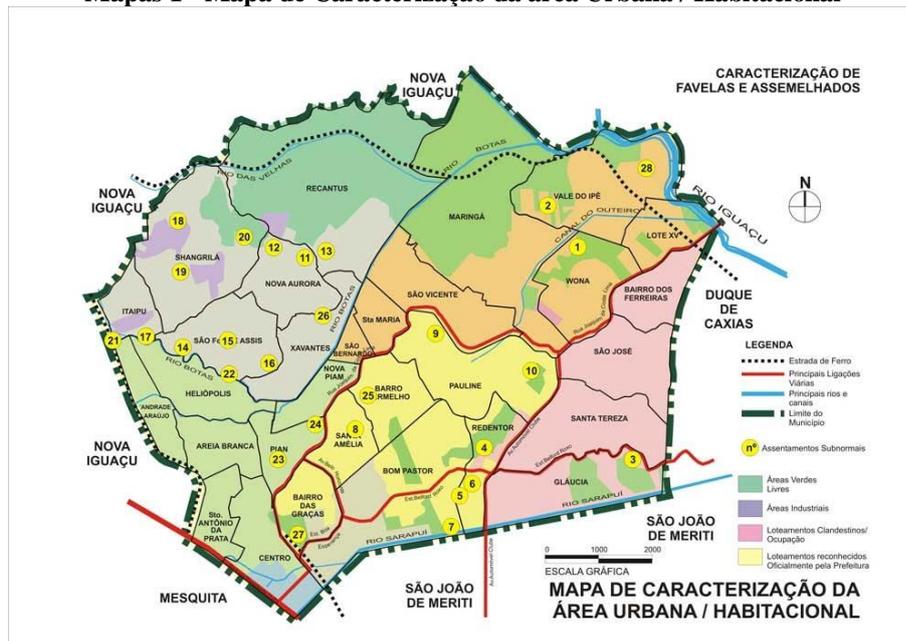
completar 7 anos de idade. Antes, morávamos no município do Rio de Janeiro, Zona Norte, no bairro de Brás de Pina, relativamente próximo à Av. Brasil. A diferença foi sentida em nossos corpos, saímos de um lugar asfaltado e fomos morar em uma rua de lama, não asfaltada, foi um choque. Mas, o corpo também sentiu os efeitos de uma alimentação saudável, pois trocamos o aluguel pelo sonho da construção da casa própria. A minha maior lembrança dessa época foi a geladeira cheia com muito mais legumes e frutas, que se tornou possível com a retirada do custo do aluguel no orçamento familiar. Ao nos mudar, minha mãe já havia feito amizade com algumas mulheres, nossas vizinhas até hoje. Outras amizades são provenientes do levar e buscar na escola, as mães de meus amigos de escola e assim os laços foram sendo construídos. A rede de apoio e amizade foi se estabelecendo e crescendo. No mesmo ano da mudança comecei a participar da catequese da Igreja São Francisco de Assis que completou 50 anos, em Outubro de 2021, aos meus 7 anos de idade. Lugar onde mais amizades foram realizadas com as mães das crianças da catequese, as catequistas, as mulheres frequentadoras da missa.

Do asfalto da Zona Norte para a lama da rua da Baixada Fluminense, outra grande diferença eram as relações, de forma muito perceptível e visível, havia um senso maior de colaboração entre moradores, quase todos estavam em situações semelhantes com a construção da casa em andamento, sabia-se o nome das pessoas, pois era necessário um maior envolvimento por uma questão de sobrevivência de ir conhecendo geograficamente e subjetivamente o local. Pela esquina de minha casa, na rua, era possível visualizar à noite as luzes da rodovia da serra de Petrópolis. Neste período, quando criança, eu brincava até de madrugada na rua de bicicleta, era seguro e o modo de viver nesse tempo permitia conversas longas na calçada entre vizinhos nos finais de semanas. Sem muitas preocupações. Nossos corpos após a mudança ficaram mais relaxados e acostumados com o viver em comunidade. Esse termo “comunidade” veio proveniente das Comunidades Eclesiais de Base, linguagem da igreja católica, muito forte na época. E assim fomos incorporando o viver comunitário que era bem diferente do bairro Brás de Pina onde todas as casas do bairro já estavam praticamente prontas e não conhecíamos todos os vizinhos e muito menos os seus nomes. No Vale do Ipê, o sentimento de solidariedade e disponibilidade ao outro, em vizinhança, sempre foi algo orgânico, natural. As redes de apoio foram se construindo gradativamente.

Neste período, já praticávamos a dororidade. Compreensão essa que só veio a partir do lançamento do livro-conceito Dororidade, em 2017, pela escritora Vilma Piedade.

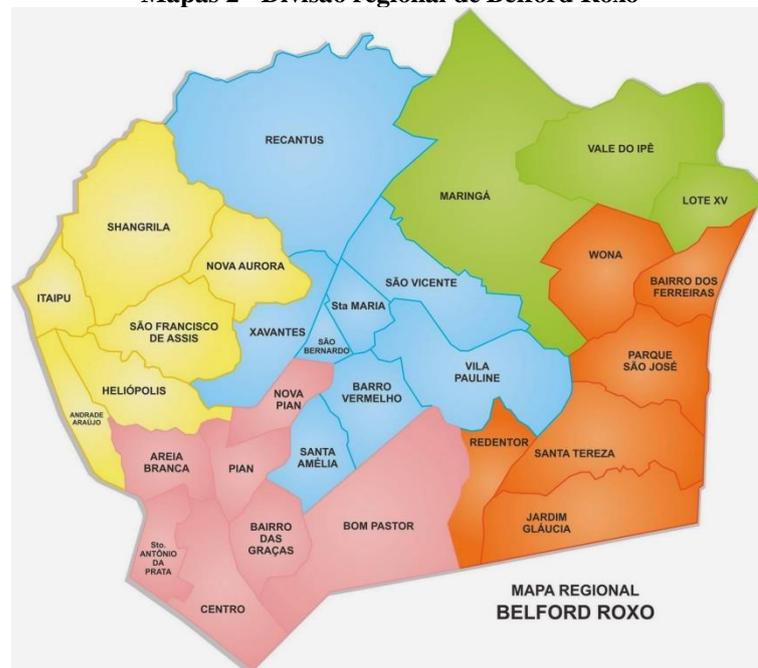
Em 1990, Belford Roxo tornou-se município após emancipar-se de Nova Iguaçu.

Mapas 1 - Mapa de Caracterização da área Urbana / Habitacional



Fonte: Geografia urbana UFRRJ (2014).

Mapas 2 - Divisão regional de Belford Roxo



Fonte: Geografia urbana UFRRJ (2014).

Nossos municípios vizinhos são Duque de Caxias, Nova Iguaçu e São João de Meriti. Pelos dados do IBGE de 2020, a população do último censo era de 496.332 pessoas. Pelos dados do IBGE de 2018, comparado a outros municípios no país, Belford Roxo está em 4430º lugar no índice de população ocupada, 7,1%. De maioria da religião evangélica,

seguida pela religião católica, pelos dados do IBGE de 2010. O IDEB dos anos finais da rede pública de ensino fundamental é de 3,5. O IDHM de 2010 é de 0,684. Estabelecimentos do SUS são 58, dados de 2009 do IBGE. Com relação a população de homens e mulheres considera-se equivalente às proporções, sem discrepância de percentuais, dados de 2010. A faixa etária de 0 anos 49 é onde a maioria da população de mulheres está localizada. Sobre segurança, pelos dados de 2020 pela plataforma fogo cruzado 23% dos tiroteios/disparos de armas de fogo ocorreram na Região Metropolitana do Rio em 2020, 4.589 ocorreram na Baixada Fluminense. A região – que abrange os municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica – teve 1.033 tiroteios. É a mesma cidade em que há três meninos desaparecidos desde o dia 27 de Dezembro de 2020: Lucas Matheus da Silva, Alexandre da Silva e Fernando Henrique Ribeiro – respectivamente com 8, 10 e 12 anos. Em 2018, pelo relatório do Fórum Grita Baixada – Direito à Memória e Justiça Racial - dos 70 feminicídios no Rio de Janeiro, 31% foram registrados na Baixada Fluminense: “No total de ocorrência de violência contra mulheres na Baixada em 2017, 61,7% eram mulheres negras, 35,4% brancas, 0,2% outras 2,7% não informaram a identificação racial. Ou seja, mais da metade das mulheres da Baixada”.

Antes e depois da emancipação a região era considerada como cidade dormitório. Sem infraestrutura urbana, os moradores precisavam se deslocar para trabalhar e resolver as suas questões do viver em outras cidades, principalmente, no Centro do Rio. Era normal muitos trabalhadores irem para a Zona Sul, em sua maioria, os homens se deslocavam para trabalhar na construção civil e as mulheres como diaristas ou empregadas domésticas. Ambos madrugando nas filas dos ônibus, fazendo baldeação na estação ferroviária, aqui a mais próxima é a Estação Ferroviária de Gramacho completando o percurso pegando o último modal, de manhã, na Estação Rodoviária da Central do Brasil. Quando criança, nas minhas férias escolares, acompanhei a minha mãe muitas vezes nesta trajetória.

Esses últimos dados do IBGE e da situação como cidade dormitório, mais as questões de saúde e segurança da população mostram a situação de contexto antes da pandemia, um panorama do cenário em que a população já estava envolvida até alguns anos atrás.

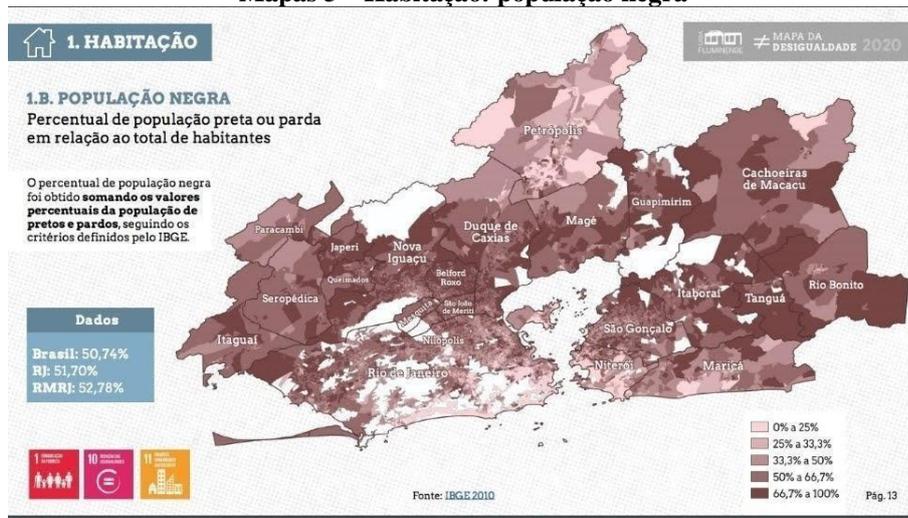
As subjetividades afetadas, construídas e nascidas em meio as ausências de acesso aos direitos e as grandes barreiras à justiça foram e são temas de muitas narrativas das muitas mulheres que frequentam a nossa varanda. Crescer ouvindo mais relatos de preocupações sobre os atravessamentos que não eram e são considerados positivos em suas vidas sempre foi maior do que os atravessamentos de alegria que geram possibilidades de comemorações. A

construção subjetiva das mulheres sempre veio carregada de muitas dores e busca por sobrepujar desafios do viver em seus relatos. A alegria visível sempre é a alegria da potência do encontro, ao se verem, ao sentirem o toque do abraço, a alegria de serem escutadas, de terem um lugar de refúgio, tanto físico como espiritual, como muitas dizem a respeito de nossa casa e da possibilidade do encontro com a minha mãe.

Belford Roxo é uma cidade dormitório que precisa voltar a sonhar, assim como as suas moradoras. Mulheres pretas para sonharem precisam de fato dormirem. Mulheres pretas não dormem! Ficam acordadas até seus filhos pretos voltarem vivos para casa depois da aula (quando há), do trabalho (quando há), da simples saída para comprar pão (quando existe essa possibilidade). Depois de quase 5 meses, o caso dos 3 meninos desaparecidos, em 27 de dezembro de 2020, ainda não tem solução. São eles: Fernando Henrique, de 11 anos, Alexandre da Silva, de 10 anos, e Lucas Matheus, de 8 anos. Este caso conseguiu chegar na mídia. Mas, a realidade é que tanto esse tipo de crime quanto outros são subnotificados. A cada morte, a cada direito não respeitado, a cada mãe preta com medo de perder seu filho seja pela presença do Estado ou por sua ausência, aumenta a presença de analgésicos e remédios controlados nas cabeceiras das camas que são consumidos na busca de conseguirem fechar os olhos e acalmar a mente. Neste cenário, a falta de esperança, a solidão, a tristeza, as dores da alma e do corpo caminham juntas. Essa soma é intersubjetivizada nas relações comunitárias da Baixada Fluminense decorrentes dos crimes que ficam circunscritos ao silêncio e ao burburinho da rotina do bairro. São essas dores que vazam pelos **olhos d'água** das mulheres que frequentam a nossa varanda.

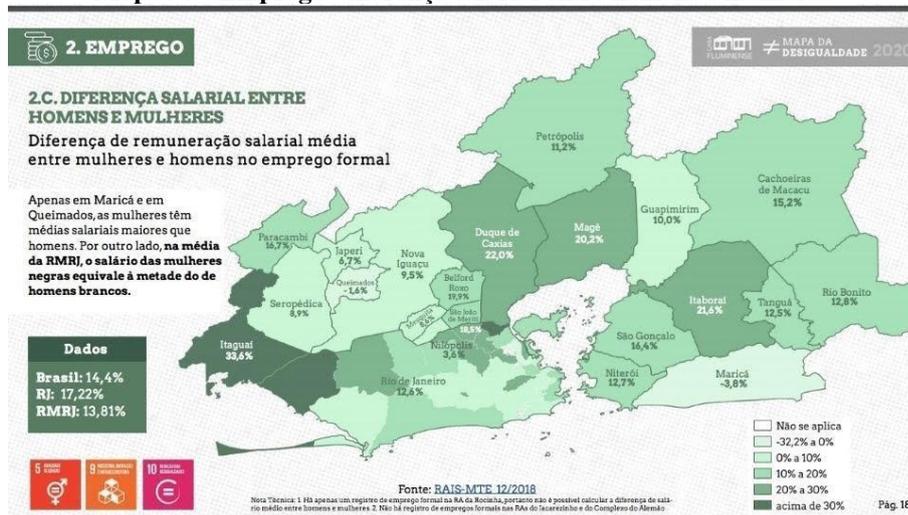
Pelas figuras do Mapa da Desigualdade de 2020 da Casa Fluminense é possível compreender através de uma ótica interseccional como a mulher preta, em sua trajetória de moradora e munícipe de Belford Roxo, alimenta a sua curva de resiliência e a necessidade de constante reinvenção para permanecer viva que é atualizada em meio a um cenário de seleção de quem deve viver e dormir em plenitude. As mães que choram a morte ou o desaparecimento de seus filhos são as mesmas que estão mais vulneráveis a ter a 25% da renda comprometida com transporte se tiverem emprego que necessite deslocamento, a possibilidade de não estarem entre a porcentagem de 16% dos habitantes que possuem esgoto que é coletado e tratado, e nem na porcentagem de casos registrados ao sofrerem violência. Se porventura venha precisar de um leito hospitalar e de vaga para creche para sua criança de 0 a 3 anos, suas chances são bem reduzidas também.

Mapas 3 – Habitação: população negra



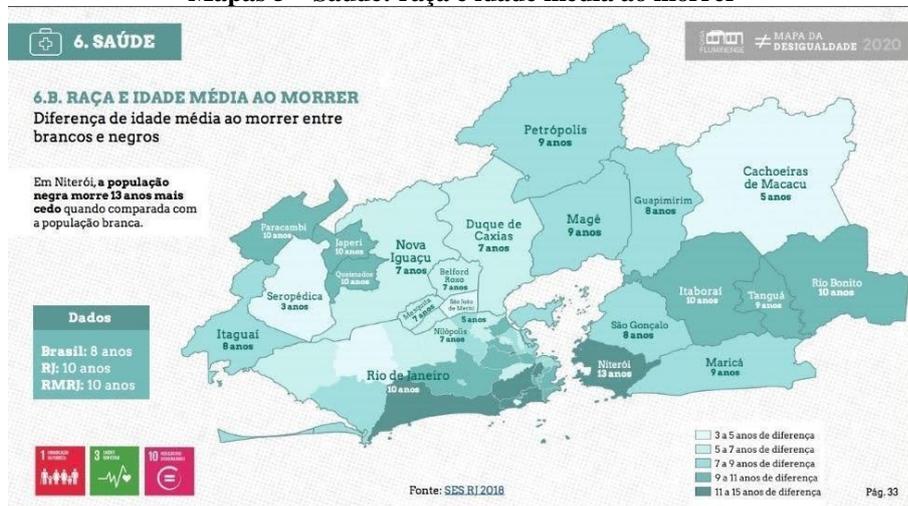
Fonte: Casa Fluminense (2020).

Mapas 4 – Emprego: diferença salarial entre homens e mulheres



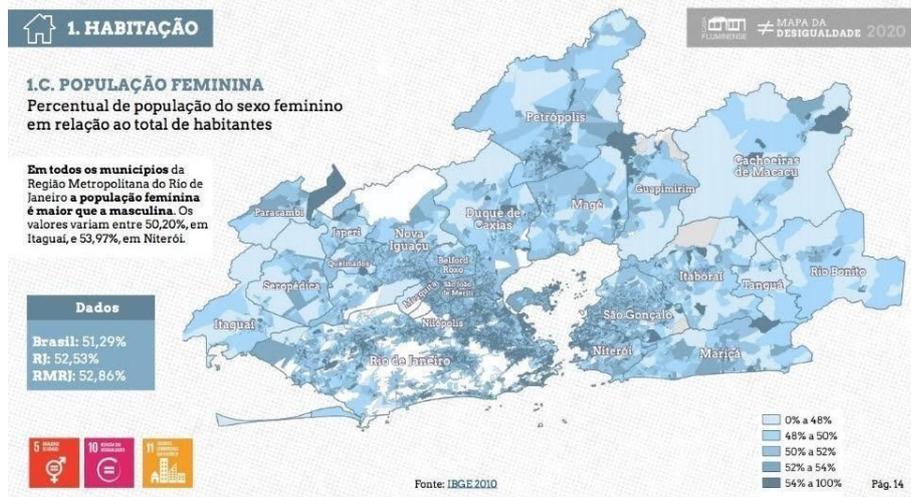
Fonte: Casa Fluminense (2020).

Mapas 5 – Saúde: raça e idade média ao morrer



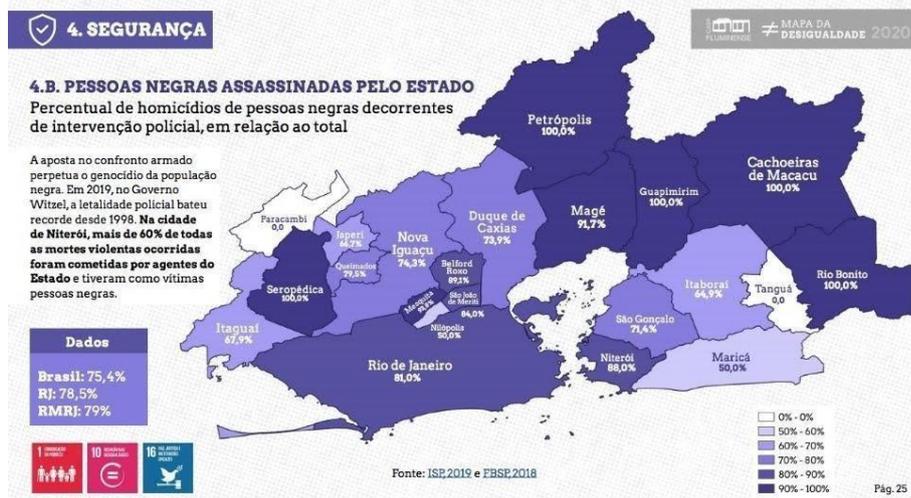
Fonte: Casa Fluminense (2020).

Mapas 6 – Habitação: população feminina



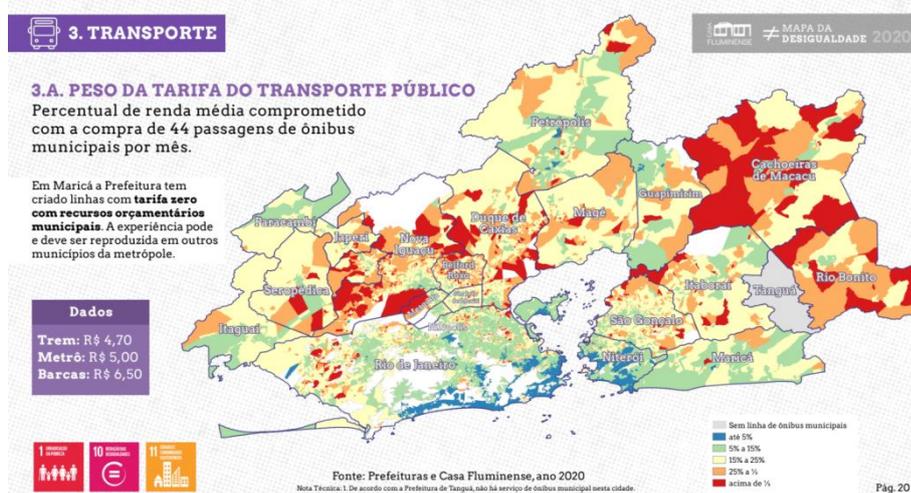
Fonte: Casa Fluminense (2020).

Mapas 7 – Segurança: pessoas negras assassinadas pelo Estado



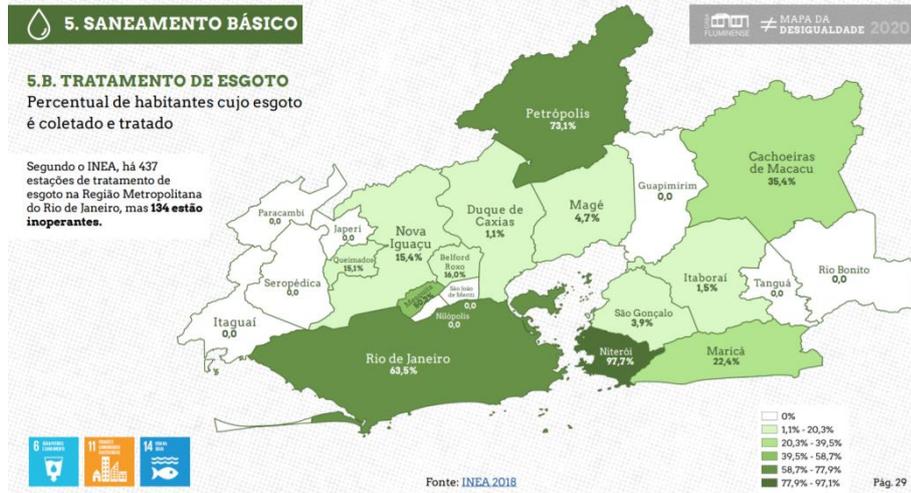
Fonte: Casa Fluminense (2020).

Mapas 8 – Transporte: peso da tarifa do transporte público

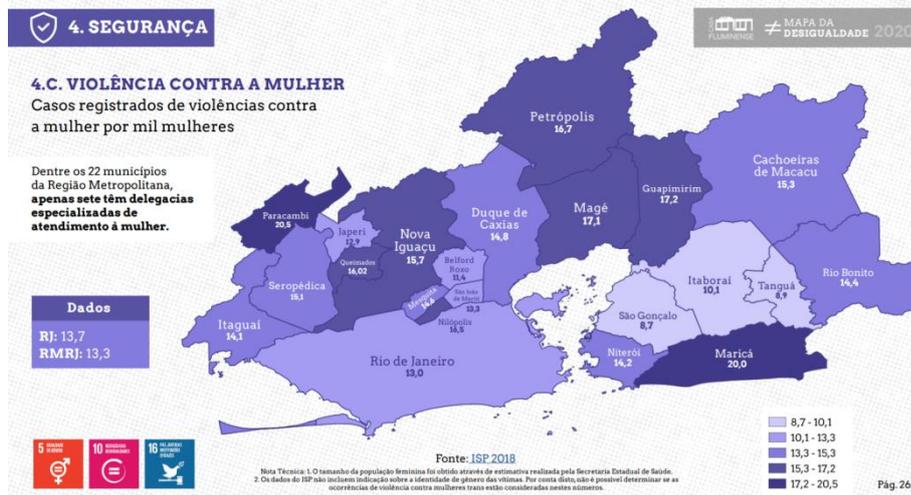


Fonte: Casa Fluminense (2020).

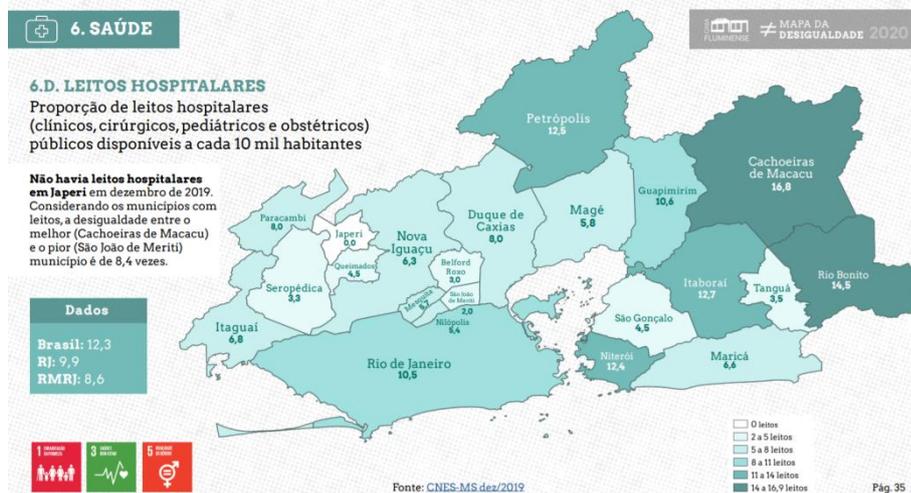
Mapas 9 – Saneamento básico: tratamento de esgoto



Mapas 10 – Segurança: violência contra a mulher



Mapas 11 – Saúde: leitos hospitalares

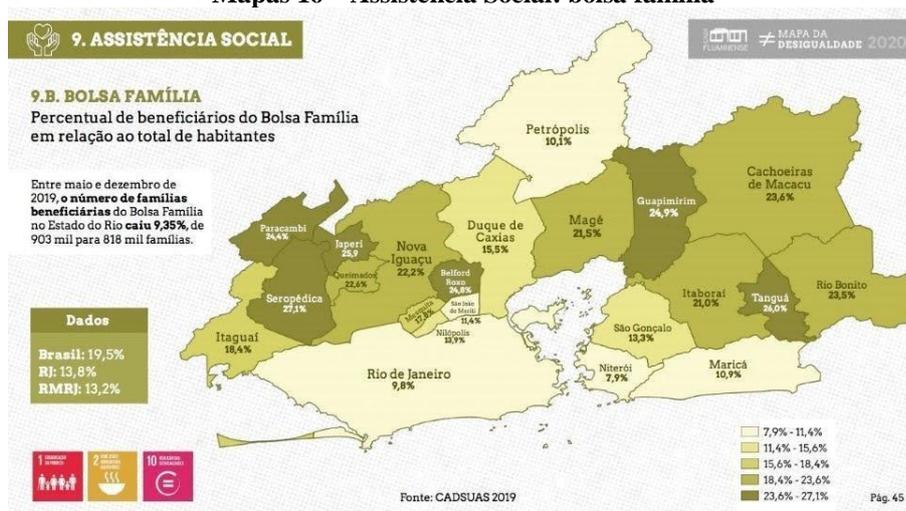


Mapas 15 – Assistência Social: atendimento à mulher



Fonte: Casa Fluminense (2020).

Mapas 16 – Assistência Social: bolsa família



Fonte: Casa Fluminense (2020).

3.4 As produtoras de cuidados, as encontrantes, as criadoras de novos modos de viver

O perfil das mulheres atendidas pela minha mãe que frequentaram e frequentam a nossa varanda desta pesquisa são:

Quadro 1 - Perfil das Mulheres Pretas

- Maioria mulheres pretas;
- Nossas vizinhas;
- Colegas de trabalho da minha mãe;
- Idade entre 30 a 70 anos;
- Maioria com Ensino Médio completo;
- Mães com mais de dois filhos;

- Avós chefes de família que cuidam dos netos;
- Cuidadoras de idosos, empregadas domésticas, merendeiras, do lar, aposentadas;
- Religião: matriz africana, protestante, católica e budista;
- Tiveram Covid-19, tiveram parentes ou familiares com Covid, conheceu alguém que morreu pela Covid.

Em um dado momento, quando eu estava refletindo e ao mesmo tempo conversando com a minha mãe, sobre a mudança do tema da pesquisa em função da necessidade da pandemia, peguei uma folha de papel ofício e caneta e começamos a listar os nomes de todas as mulheres que lembramos que haviam passado e passam pela nossa varanda. Chegamos a um número oficial de umas 18 mulheres. E ao relembarmos as histórias delas, percebemos que quase todas faziam-nos uma visita sistemática mais ou menos a cada 3 meses, ou seja, 4 vezes ao ano, de forma alternada e orgânica. A partir dessa lista de nomes, observei e analisei o que elas tinham de similar e logo em seguida listei todos os itens do perfil. Ao ficar constatado que a maioria são de mulheres pretas, decidi interseccionar o objetivo da pesquisa.

3.3.1 Pandemia - um atravessamento, na vida de uma mulher preta da Baixada Fluminense

Desde 11 de Março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde - OMS decretou oficialmente o estado de pandemia de Covid-19, o tema além de se tornar pauta em nosso cotidiano, fez mudar a direção do projeto que estava organizado e pensado de forma presencial ao campo. **A busca por entendimento sobre o que é, a extensão e as consequências não inimagináveis da pandemia** a partir da perspectiva de mulher preta, moradora de Belford Roxo, Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, em pleno exercício de aprendizado de sobreviver e driblar os potenciais riscos de contrair a doença causada pelo novo coronavírus (Sars-COV-2), misturou-se aos novos sentimentos e registros corporais proporcionados pelo novo cenário de vida aliada a busca por outras formas de viver.

Após 1 ano decorrido do decreto da OMS, vivemos uma realidade hoje, dia 23 de março de 2021, de 295.425 pessoas mortas, 10.611.595 casos de pessoas recuperadas. Dados esses com defasagem de dois dias atrás, devido ao processo de captação de dados das redes de informações disponíveis (Fonte). A vacina ainda é uma realidade distante para 95% da população, apenas 5,03% foi imunizada com a primeira dose. “Brasil registra duas vezes mais pessoas brancas vacinadas que negras” – “Vacina começou com uma mulher negra, mas

agora há mais brancos vacinados; mortalidade da covid-19 em negros é maior”, respectivamente, esse é o título e subtítulo da matéria da Apublica.org do dia 15 de março de 2021. A matéria segue explicando todos os fatores que explicam como essa realidade foi construída, reflexo da necropolítica, modo vigente pelo qual a velha política vem se perpetuando através da estrutura racista e fascista, apesar da quantidade de mulheres vacinadas ser o dobro de homens, tanto na população preta, quanto branca, segundo a Apublica.org na mesma matéria, essa realidade de equivalência não se reproduz em outras áreas. As mulheres pretas, principalmente, são as mais atingidas pelo desemprego, muitas demitidas trabalhavam como babás, motoristas, domésticas, profissionais da linha de frente da saúde. A pandemia apenas evidenciou as desigualdades sociais e econômicas presentes em nosso país, onde os índices com relação aos direitos humanos já eram os piores para a população de mulheres pretas, segundo a Oxfam.org.

O desemprego causado pela pandemia trouxe marcas mais profundas para a população negra e periférica, que historicamente sempre teve menos acesso aos postos de saúde, ao saneamento, às moradias dignas e às oportunidades de emprego. Com a chegada da covid-19, essa desigualdade ficou mais acentuada. Além de terem menos espaço no mercado de trabalho, as mulheres enfrentam ainda outro problema: a dupla jornada. Durante a pandemia, as mulheres que mantiveram seus empregos se viram às voltas com questões extras de educação, lazer e entretenimento dos filhos, que passaram a ficar em casa com o fechamento das escolas. Segundo pesquisa divulgada pela Gênero e Número, 41% das mulheres que mantiveram seus trabalhos durante a pandemia afirmaram que passaram a trabalhar ainda mais agora (Mulheres negras e pandemia: reflexões sobre raça e gênero. Oxfam Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/blog/mulheres-negras-e-pandemia/>> Acesso em: 23 mar. 2021).

Aquelas que têm o privilégio de conseguir trabalhar em casa e escapar de circular em uma cidade através dos transportes públicos, “trabalha-se muito mais e as mulheres são extremamente penalizadas, pela superposição do ambiente de trabalho às demandas familiares” (BEIGUELMAN, 2020).

O medo, a insegurança, a desinformação, o clima de rumores, a concretização da ira divina tomava materialidade através da pandemia pelas vizinhas adeptas do protestantismo. Já vivíamos em insegurança, atravessada pelo aumento do tráfico nas redondezas, tínhamos escapado da peste do gafanhoto que estava na rota do Brasil, etc.

Estar em contexto pandêmico para nós, mulheres, mulheres pretas, moradoras da Baixada Fluminense é apenas mais um atravessamento em nossa vida, divididos em etapas, um novo fato que afeta o nosso corpo e a nossa mente, um motivo a mais para reforçar a oração e a fé, interferência na economia doméstica, preocupação com a continuidade do

trabalho conquistado a tanto custo, aumento da intensidade da violência física e emocional que sempre foi presente para a maioria das mulheres que buscam refúgio em nossa varanda, mais um processo de exclusão, sentimento de vergonha e culpa (as primeiras pessoas infectadas tinham vergonha de admitir que estavam com a COVID-19. Lembrou até, no início, a postura que as pessoas tinham com o câncer), mais um motivo de revolta com o governo ou desgoverno, diminuição de esperança, reforço e exposição da desigualdade racial e social, acúmulo de trabalho doméstico, tornar de uma hora para outra a professora e explicadora dos filhos, dar graças à Deus pelo auxílio emergencial, medo de recessão e de não ter o que comprar, mesmo já não tendo dinheiro para comprar, continuar exposta às Fake News, receber mensagens surreais pelos aplicativos de mensagens, elevar o nível da limpeza para com tudo, começar a fazer máscaras e, se já não bastasse todo o acúmulo anterior pelo não acesso aos nossos direitos humanos, o que já descrevi a partir da pandemia existe a preocupação real com o risco de perder a vida na mão dos próprios companheiros que permanecem mais tempo em casa devido a perda dos empregos.

A primeira infectada e morta oficialmente pelo vírus SARs-Cov-19 foi uma mulher preta, empregada doméstica, ou seja, uma mulher que nós representamos de alguma forma. Mulher, mulher preta, empregada doméstica, adquiriu no trabalho o vírus.

Desde o início da pandemia e na completude de um ano de decreto pela OMS, as narrativas das mulheres traz a inclusão dos atravessamentos que são aliados a todos os outros já existentes. Não há tempo e nem energia para focar só na pandemia. Necessário comer enquanto ainda se tem vida. Trabalhar enquanto se tem trabalho. Resistir enquanto se tem forças. As notícias das mortes, causam medo, mas são naturalizadas com a ajuda do ambiente e ambiência contra a democracia instalada no país. No município de Magé, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, no dia 19 de março, uma sexta-feira, quatro filhos cavaram a cova da própria mãe, vítima de covid-19, por falta de coveiros. A dor e a revolta foram registradas, em vídeo, pela própria família no momento do enterro viralizou nas redes sociais e foi amplamente divulgada nos noticiários. Quando se há coveiros, “[...] muitas famílias em luto não podem sequer enterrar seus mortos” (LATOURE, 2020).

Pelo contexto pandêmico alguns hábitos foram incorporados. A transferência dos diálogos para o aplicativo de celular, o aumento das chamadas de celulares. O uso de máscaras, constantes passadas de álcool em gel nas mãos, o frasco de álcool em gel sobre a mesa, distanciamento das cadeiras, atenção redobrada aos noticiários.

As figuras abaixo são do site da prefeitura de Belford Roxo, acessado em 17 de maio de 2021. Observe que esta figura sobre o boletim epidemiológico tem no texto, na linha

superior acima e na linha lateral a direita inferior o informativo da realização das obras em diversos bairros. A questão é: Qual é a raça e a classe da maioria dos trabalhadores que estarão na obra e que levarão para a casa, sua família o saldo de saúde do dia?

Ilustração 24 - Boletim



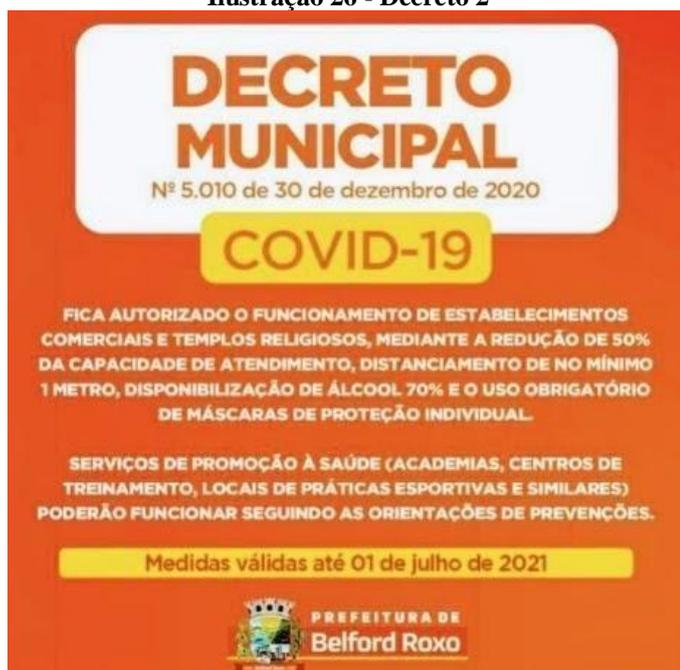
Fonte: Prefeitura de Belford Roxo (2021).

Ilustração 25 - Decreto



Fonte: Prefeitura de Belford Roxo (2021).

Ilustração 26 - Decreto 2



Fonte: Prefeitura de Belford Roxo (2021).

Ilustração 27 - Casos acumulados



Fonte: Prefeitura de Belford Roxo (2021).

Hoje é dia 01 de Janeiro de 2022, mais um início de ano onde a esperança invade o cotidiano das pessoas. A esperança nas comunidades entra o ano de mãos dadas com os pedidos de saúde para sobrepôr o sentimento de tristeza pelas perdas de parentes e amigos, pelo luto contínuo antes da pandemia que se avolumou apenas, situação geral do país que ainda passa pelo desvencilhar incessante da escuridão do negacionismo. Fiz questão de voltar

aqui e atualizar os dados, pois compreendo a importância histórica desses registros e, também, para contribuir a partir da perspectiva do sentir de uma mulher preta em relação a realidade em que eu vivo.

Essa pandemia traz muitas realidades que podem ser futuramente pesquisadas por muitas pesquisadoras pretas e pesquisadores pretos, pois o campo de pesquisa é extenso assim como os atravessamentos vividos pelo povo preto no decorrer da pandemia. Talvez um olhar fora do clímax pandêmico possa vir a colaborar com outras perspectivas e sentimentos em benefício do entendimento e compreensão sobre as consequências em andamento, coisas e situações ainda não nomeadas, visualizadas e visibilizadas. Pois essa realidade não se esgota aqui.

Escrevo a partir do sentimento de ser narradora e história ao mesmo tempo. O corpo está quente, ainda tem álcool em gel em meu cotidiano assim como máscaras e um incômodo de preocupação em me aglomerar com quem tomou a decisão de não se vacinar. Mas, como saber? Convive conosco a insegurança e o descaso por parte dos governantes, nada novo, na intencionalidade de morte do colonizador.

Quase 23 meses depois, com a situação epidemiológica da Covid-19 no Brasil atualizada às 17:55 do dia 29 de dezembro de 2021, praticamente, véspera de final de ano é triste escrever a realidade de 618.817 mil óbitos de um total de 22.263.834 casos confirmados, dados da Agência Brasil:

O número de pessoas infectadas pelo novo coronavírus desde o início da pandemia chegou a 22.263.834, segundo balanço divulgado pelo Ministério da Saúde hoje (29). Em 24 horas, autoridades de saúde registraram 9.128 diagnósticos positivos da doença.

O total de mortes causadas pela covid-19 chegou a 618.817. De ontem para hoje, secretarias estaduais e municipais de Saúde confirmaram mais 112 óbitos. Ainda há 2.834 mortes em investigação, mas esses dados ainda estão passíveis de atualização. Os dados de mortes em investigação ocorrem por haver casos em que o paciente morreu, mas a investigação da causa demanda exames posteriores.

Até esta quarta, 21.575.485 pessoas haviam se recuperado da doença.

Estados:

Segundo o boletim, o estado com mais mortes por covid-19 continua sendo São Paulo, com 155.127 registros. O estado não atualizou as informações de hoje, sendo o dado referente a ontem (28). O segundo estado com mais mortes é o Rio de Janeiro, com 69.457. Minas Gerais (56.629), Paraná (40.885) e Rio Grande do Sul (36.436) vêm em seguida.

Os estados com menos óbitos pela doença são Acre (1.851), Amapá (2.020), Roraima (2.078), Tocantins (3.936) e Sergipe (6.056).

As unidades da federação com mais casos registrados são São Paulo (4,4 milhões), Minas Gerais (2,2 milhões) e Paraná (1,5 milhões). Os estados com menos casos são Acre (88,3 mil), Amapá (126,8 mil) e Roraima (128,7 mil)

(Covid-19: Brasil registra 9.128 casos e 112 mortes em 24h. Canal Saúde, Rio de Janeiro, 31 de dez. de 2021. Disponível em:

<<https://www.canalsaude.fiocruz.br/noticias/noticiaAberta/covid-19-brasil-registra-9128-casos-e-112-mortes-em-24h30122021>> Acesso em 01 jan. 2022).

Ilustração 28 - Situação Epidemiológica da Covid-19 no Brasil (29/12 às 17:55)



Fonte: Canal Saúde/FIOCRUZ (2021).

Os especialistas nos alertam que o futuro é o aprendizado da convivência com os surtos de covid-19 em nossa trajetória de vida e a inclusão de mais vacinas no calendário de vacinação atual.

Aqui em casa meus pais, Ana Maria, 73 anos e Edinaldo, 74, tomaram já a dose de reforço, a última dose foi realizada aqui em casa. Dei muitas graças a existência do SUS, pois só através de sua estrutura isso foi possível. Sabemos que essa realidade não faz parte da maioria de idosas negras e idosos negros que “(...) já ultrapassa o percentual de 50% da população de velhos e velhas.”, nos informa Alexandre da Silva ²²(2021. p.25), em seu artigo. As discriminações provenientes do racismo e da idade colaboram para as dificuldades diárias para ter uma melhor qualidade de vida e saúde:

Têm mais dificuldade para um diagnóstico precoce e tratamento completo e, mesmo com comorbidades e incapacidades funcionais presentes, ainda precisam trabalhar. O cenário se reflete nos grupos específicos de pessoas idosas negras colocadas em maior situação de vulnerabilidade durante a pandemia de covid-19: cuidadoras informais, domésticas, em situação de rua, privadas de liberdade, quilombolas, residentes de favelas e cortiços, sozinhas e institucionalizadas. São essas pessoas que não puderam exercer o mesmo direito de pessoas idosas brancas de respirar sem o risco aumentado de morrer.

Boa parte dos gestores municipais e estaduais não divulgam seus boletins epidemiológicos apresentando como e quanto de idosos e idosas negras adoecem e morrem pela covid-19. Trata-se de uma determinação social de vida que sempre gerou maior vulnerabilização. As crises sanitárias, política, econômica e os conflitos raciais somaram-se ao caos que a pandemia trouxe e que se traduz em adoecimento físico ou mental e mais mortes por causas naturais (SILVA, 2021, p.25).

²² Alexandre da Silva é membro do GT Racismo e Saúde da Abrasco e professor da Faculdade de Medicina de Jundiá (FMJ).

O adoecimento mental da população negra tem a presença contínua da razão de ser do processo de colonização como nos aponta Emiliani de Camargo²³:

Historicamente a população negra foi vitimada pela lógica eugenista e manicomial. A primeira delas tentou justificar, ancorada em pseudociência, a inferioridade de negros e negras; a segunda, por sua vez, promoveu não apenas a manicomialização deles em hospitais psiquiátricos (grande parte destes sem demandas e/ou diagnósticos que justificassem algum tratamento), mas, acima de tudo, a vinculação da população negra e seus costumes à loucura e periculosidade.

[...]

À vista disso, focalizar a saúde mental, em meio à pandemia no país com a maior quantidade de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas fora do continente africano, exige a compreensão do que o psiquiatra Frantz Fanon apontou e o filósofo Achille Mbembe assevera: a colonialidade propõe uma dinâmica psicológica de morte em vida, na qual a vida estaria submetida ao poder da morte.

Essa dinâmica genocida está em curso no Brasil virulento, pois a população negra, além de sofrer com os maiores índices de morte por covid-19, é o grupo racial com maior exposição às formas de contágio, devido ao acesso precário a saneamento básico; trabalhadores(as) uberizados, moradias precárias, dificultadores de distanciamento social, entre outros. Tudo isso tem interferência direta na saúde mental dessa população, provocando medo, ansiedade, desânimo, exigindo processos de luto, entre outros efeitos/demandas psicossociais (DAVID, E. C., 2021, p; 15-16).

Como não adoecer, principalmente nós, mulheres pretas? Como manter-se em sanidade física, mental, espiritual, emocional, econômica e política?

No decorrer desta pesquisa a dificuldade de encontrar dados sobre mulheres pretas, vítimas de Covid-19 é real, faltam informações, “pesquisadores observam que, sem informações sobre cor ou raça nos dados de saúde, não é possível elaborar políticas de tratamento específicas para população preta.” Conselho Nacional de Saúde - CNS. O agravamento ao longo da pandemia é crescente, o número de adolescentes pretos que vem cometendo suicídio aumentou. “A saúde é determinada por condições de vida, alimentação e moradia, que influenciam para que os indicadores sejam piores entre mulheres pretas”, Conselho Nacional de Saúde - CNS²⁴.

Ao refletir sobre as condições da mulher preta, seus atravessamentos, a pandemia e o meu reflexo no espelho com a máscara não tenho dúvidas sobre as formas sofisticadas de atualização do racismo através das ferramentas da desigualdade social, da exclusão e barreiras para o acesso aos nossos direitos que promovem e beneficiam a nossa sobrevivência.

²³ Emiliano de Camargo David é membro do GT Racismo e saúde da Abrasco e professor do Instituto SEDES Sapientiae.

²⁴ (Pesquisadores cobram dados sobre mulheres negras vítimas de covid-19. Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, 24 de nov. de 2020. Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1474-pesquisadores-cobram-dados-sobre-mulheres-negras-vitimas-de-covid-19>> Acesso em: 01 de jan. de 2022).

Em conversa com o Doutor Joelson Santiago, da Fiocruz e atual coordenador da Educafro-RJ que me acompanhou em visita ao Museu do Negro do Rio de Janeiro ²⁵ e a nova sede da Educafro, ambos localizados dentro da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos²⁶ na Rua Uruguaiana, no Centro do Rio de Janeiro, que foi recentemente reformada. Ao passar em frente as várias imagens do Retrato da Anastácia²⁷

²⁵ O Museu do Negro, localizado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, no centro da cidade do Rio de Janeiro, é um espaço dedicado à representação histórica do negro no Brasil, sua religiosidade e devoções. Misto de museu e de espaço sagrado, o Museu do Negro, gerido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, fundada em 1640, fundada por negros alforriados e escravos, tem a peculiaridade de abrigar em seu acervo objetos de culto ligados às práticas e devoções dos fiéis. Neste museu, classificado como um “Museu-devoção” (PAIVA, 2009, p. 119) o caráter devocional primeiro, emanado dos objetos de culto expostos, ensejam a reflexão sobre a “categoria ‘patrimônio’, tal como representada do ponto de vista dos devotos. [...] Narrativas que envolvem as relações sociais e simbólicas entre o espaço do museu, o espaço religioso e a cidade” (PAIVA, 2007, p. 2). Disponível em: <<http://www.museusdoriorio.com.br/site/index.php/museus-cidade-do-rio/area-de-planejamento-1/item/62-museu-do-negro>> Acesso em: 02 jan 2022.

²⁶ Em 1708, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito recebeu o terreno onde está situada a igreja na então Rua da Vala (atual Rua Uruguaiana). De 1737 a 1808, o local sediou a catedral da cidade. Neste período, batizou o Padre José Maurício, homem negro que atuou como regente da Capela Real e se consagrou como um dos maiores compositores de música erudita do Brasil. Ali também foram realizadas diversas sessões do Senado da Câmara às vésperas da Independência. Em 1822, foi redigida no local a representação popular que culminou no icônico “Dia do Fico”. Além disso, no templo repousam os restos mortais do Mestre Valentim, escultor, arquiteto e artista cuja obra deixou um legado singular para a arte brasileira. A Igreja do Rosário e São Benedito, no Centro do Rio é reaberta ao público (FERNANDES, Rafael. Localizada na Rua Uruguaiana, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos está liberada para utilização dos fiéis desde a última sexta (06/08). Diário do Rio. Disponível em <<https://diariodorio.com/igreja-do-rosario-e-sao-benedito-no-centro-do-rio-e-reaberta-ao-publico/>>. Disponível em: 02 jan 2022.

²⁷ A imagem comunica a reunião de muitas dores de diversas formas descrita nesta pesquisa, a partir da realidade do horror da escravidão. Sem história oficial, alguns dizem que Anastácia era filha de uma família real Kimbundo, nascida em Angola, sequestrada e levada para a Bahia Brasil e escravizada por uma família portuguesa. Após o retorno desta família para Portugal, ela teria sido vendida a um dono de uma plantação de cana-de-açúcar. Outros alegam que ela teria sido uma princesa Nagô/Yorubá antes de ter sido capturada por traficantes de escravos europeus e trazida para o Brasil. Enquanto outros ainda contam que a Bahia foi seu local de nascimento. Seu nome africano é desconhecido. Anastácia foi o nome dado a ela durante a escravidão. Segundo todos os relatos, ela foi forçada a usar um colar de ferro muito pesado, além da máscara facial que a impedia de falar. As razões dadas para este castigo variam: Alguns relatam seu ativismo político no auxílio em fugas de outros(as) escravizados(as); outros dizem que ela havia resistido às investidas sexuais do mestre branco. Outra versão ainda transfere a culpa para o ciúme de uma sinhá que temia a beleza de Anastácia. A ela é alegada a história de possuir poderes de cura imensos e de ter realizado milagres. Anastácia era vista como santa entre escravizados(as) africanos(as). Após um longo período de sofrimento, ela morre de tétano causado pelo colar de ferro ao redor de seu pescoço. O retrato de Anastácia foi feito por um francês de 27 anos chamado Jacques Arago que se juntou a uma expedição científica pelo Brasil como desenhista, entre dezembro de 1817 e janeiro de 1818. Há outros desenhos de máscaras cobrindo o rosto inteiro somente com dois furos para os olhos; estas eram usadas para prevenir o ato de comer terra, uma prática entre escravizados(as) africanos(as) para cometer suicídio. Na segunda metade do século XX a figura de Anastácia começou a se tornar símbolo da brutalidade da escravidão e seu contínuo legado do racismo. Ela se tornou uma figura política e religiosa importante em torno do mundo africano e afrodiásporico, representando a resistência história desses povos. A primeira veneração da larga escala foi em 1967, quando o curador do Museu do negro do Rio de Janeiro erigiu uma exposição para honrar o 80º aniversário da abolição da escravização no Brasil. Anastácia também é comumente vista como uma santa dos Pretos Velhos, diretamente relacionada ao Orixá Oxalá ou Obatalá - orixá da paz, da serenidade e da sabedoria - e é objeto de devoção no Candomblé e na Umbanda (Handler & Hayes, 2009 Apud Kilomba, 2019, p.35 e p.36).

expostas no museu, compreendi que a máscara do silenciamento ²⁸estava para Anastácia, assim como, a máscara de proteção contra à Covid-19 está para nós, mulheres pretas, neste contexto de pandemia. Eu estava usando a minha máscara, não tem como não efetuar essa comparação quando estamos em profunda empatia e conexão astral, espiritual e ancestral com nossas predecessoras. No meu caso, em frente à Anastácia.

Ilustração 29 - Lado a lado - Montagem do Retrato da “Escrava Anastácia” com a máscara do silenciamento e o retrato da Tatiana Brandão com a máscara de proteção contra à Covid-19



Fonte: Tatiana Brandão (2020).

Esse meu retrato foi registrado para participar de uma atividade acadêmica, em grupo, sobre arte educação em 2020. Nesta imagem os meus cabelos estão curtos, mas o cansaço e a exaustão emocional, física entre outros sentimentos que eu carreguei nesta foto estavam enormes que se intensificaram com o crescimento de atividades no âmbito doméstico e com a insegurança no país mediante a desconhecida pandemia.

²⁸ [...] Quero falar sobre a máscara do silenciamento. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colcoado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/ os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ele simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (Kilomba. 2019, p.23).

Nós, seres naturais, somos adaptáveis às várias questões do viver. Somos natureza e a natureza por si só se regenera. Mas, adaptar a convivência com quem sempre quer nos matar é uma experiência de existência inenarrável diretamente. Essa pesquisa descreve e visibiliza isso também.

O que eles não sabem e não entendem é da nossa engenhosidade de sobrevivência. Reproduzimos e atualizamos também as nossas tecnologias. Podem até tentar nos matar, e até conseguir. Mas, a mulher preta não morre, transmuta-se em universo. Reencontra com a sua ancestralidade e direciona energias transformadoras para outras mulheres pretas. É essa energia que também compõe essa pesquisa, a exemplo da força espiritual e da produção de cuidado ancestral de Anastacia para nós.

3.3.2 Há uma comunidade intrínseca no cronograma de cada mulher preta

Conseguí cumprir o cronograma da pesquisa, em meio ao contexto de pandemia, mas isso não significa que foi fácil. O meu maior desafio em seguir o cronograma, localizou-se na parte de ambiência adequada onde o raciocínio não seja interrompido. Lembrando que nada é simples para uma mulher e preta. Não é só acordar, tomar banho, tomar café e sentar no escritório de casa ou na casa de escritório, quando se tem um. Para uma mulher preta, mãe, chefe de família, empreendedora, seguir qualquer cronograma morando em uma comunidade da Baixada Fluminense em meio a uma política de morte, torna-se uma tarefa de ressignificação da vida diária.

Comemoro cada etapa atingida para fortalecer a mente e para continuar nas próximas etapas acadêmicas com a energia alta, no objetivo maior que é a concretização da pesquisa. E com a expectativa de me tornar doutoranda após essa experiência desafiante e agradável. Ter recebido sugestão de salto para o Doutorado na qualificação pela banca abriu-me um horizonte que não estava tão nítido em meu cotidiano.

Na hora que a fadiga mental e física, o desânimo, me visitou evoquei a energia da espiritualidade e, por várias vezes, de forma constante fiz o uso da tecnologia ancestral recorrendo aos banhos de ervas, as orações mais fortes, a música alegre e motivadora, ao auxílio materno buscando a escuta de minha mãe e de outras mulheres pretas para vazarem os sentimentos.

Sei da importância do cronograma no contexto de pesquisa científica. Uma ferramenta que serve para organizar as etapas, distribuí-las dentro do tempo disponível para a

concretização da prática da pesquisa. O ideal e a recomendação é que seja seguido à risca com um mínimo de alterações. É uma forma da pesquisadora e o pesquisador apresentarem o conhecimento sobre o caminho decidido por sua pesquisa.

Seguir com tranquilidade um cronograma, sem intercorrências é um desejo maior com outros desejos implícitos. É um desejo de conseguir seguir com tranquilidade a vida.

Segue abaixo, a lista de alguns, somente alguns, áudios que ouço da janela do escritório, enquanto busco cumprir o cronograma quando consigo sentar:

1. Barulhos de tiros e tiroteios. Barulhos pertos e longes.
2. Barulho dos vai e vens das motos. O número de motos aumentou consideravelmente em dois anos no bairro. É uma constatação auditiva da janela.
3. Barulho de aglomeração em festa na rua envolta as músicas em último volume.
4. "Pão, pão, pão, pão, pão, pão de queijo!" É o carro do pão de queijo.
5. "Olha o cloro! Vai cloro?" O moço do cloro que passa dia sim e dia não. Ele chama no portão.
6. O barulho do caminhão de lixo chega antes dos lixeiros. Quando passa.
7. "Tia! Tia! Quer que leve o lixo? É só dar uns trocados pra gente!" Alguns meninos do bairro, em situação de vulnerabilidade, que buscam trocar o serviço de coleta de lixo por alguns trocados.
8. "Dona Ana, Dona Ana!" Alguém batendo no portão e chamando a minha mãe. Provavelmente é uma mulher buscando atenção!
9. Barulho de briga entre casal...
10. Barulho de mãe gritando com o filho na busca de tentar educá-lo. É uma mulher, mãe que precisa de um descanso físico e mental. Há muitas coisas envolvidas.
11. "Desliga a bomba!" Praticamente um mantra aqui em casa diariamente, quando a caixa d'água enche.
12. "Mãe, quero chocolate! Mãe estou com fome!"
13. "Fecha a porta!" Meus pedidos quando sou interrompida no exercício de cumprir o cronograma.
14. "Estão chamando no portão!"
15. "Mãe as galinhas querem entrar!" De manhã as galinhas são soltas do galinheiro e chega à determinada hora, no final da manhã, que elas chamam a nossa atenção para voltar ao galinheiro.
16. Sonora da televisão em alto volume transmitindo a CPI da Covid.
17. Cachorro do vizinho latindo.

18. Barulho do carro do ovo!
19. "Cadê o telefone?"
20. Barulho de transformador ao queimar. Sem luz, sem internet, sem pesquisa.
21. Barulho do vendaval.
22. Barulho da chuva forte.
23. Barulho de obra em todos os sentidos: batidas de martelo, furadeira e esmerilhadeira em ação, etc.

Era só para escrever um parágrafo, uma introdução ao quadro do cronograma. Mas, tornou-se mais uma escrevivência enquanto busquei cumprir o cronograma.

Não é só um cronograma! São muitas vidas envolvidas, muito esforço, renúncia, há uma comunidade intrínseca no cronograma de cada mulher preta. Há uma produção subjetiva de muitos tensionamentos no caminho.

Tensionamentos de várias ordens e níveis, principalmente, nesta atual conjuntura de país onde os poucos recursos destinados à Ciência e conseqüentemente as pesquisas foram redistribuídos a outros Ministérios a favor da necropolítica vigente.

Seguir o cronograma é mais um exercício de resistência e de ruptura da estrutura racista através da minha movimentação, permanência no propósito da pesquisa com consciência de que é uma forma de ação na contínua luta por liberdade, tão almejada por nosso povo. Pois toda mulher preta tem contra ela uma realidade a favor de sua desistência em todos os seus projetos, seja pessoal, profissional, acadêmico, amoroso, familiar, econômico, de saúde e etc.

No decorrer desta escrevivência meu pai foi o único que testou positivo para a covid-19. Todos aqui contraímos a gripe H1N1 de forma intensa. Minha mãe teve que ser levada para o posto de saúde aqui da região e posteriormente ao Hospital Adão Pereira Nunes em função da pressão muito alta. Hoje a minha mãe e a sua pressão encontram-se estabilizadas. Entre outros desafios pessoais, maternos, espirituais e por aí vai.

Manter a minha cabeça firme, forte e fluida é fundamental para a minha busca de existência saudável como espírito, ser humano, mulher preta pesquisadora e para conseguir chegar ao final ou recomeço da travessia que é contínua.

Mulheres pretas suas cabeças firmes é um dos seus maiores tesouros em terra, cuide e o defenda da captura daqueles que te querem ver mortas, interrompendo o seu cronograma de vida.

Essa pesquisa é uma produção de cuidado com a comunidade de mulheres pretas de uma forma geral e ampla. Portanto, resisti. Segui o cronograma da forma que me foi possível, dentro da minha realidade capoeirando todos os dias.

3.4 Mulheres pretas, sociedade racista, comunidade, a micropolítica do encontro e a produção de cuidado entre si

Estamos construindo juntas um novo olhar para nós mesmas, através de nosso lugar de sujeitas nesta existência, emancipando-nos das histórias únicas que os colonizadores contaram e ainda teimam em contar sobre nós. Trazer para o nosso discurso de forma aberta a constituição do universo e da espiritualidade em nós, no nosso cotidiano é uma busca por normalizar a natureza que somos, enquanto sociedade, comunidade e no âmbito das nossas relações.

Neste caminho, conversar sobre os encontros de produção de cuidado entre mulheres pretas da baixada fluminense é indissociável do entendimento dos fluxos que a sociedade racista atinge em nós, da nossa comunidade e da nossa potência natural mútua de cuidar umas das outras.

3.4.1 Mulheres pretas, sociedade racista e comunidade

Atingimos da marca de 600 mil pessoas mortas em função do Vírus Sar-Cov 19 e da política de morte do atual governo. Após 1 ano e alguns meses, continuamos a viver no acúmulo de medo, insegurança e desejo de transformação social em função do contexto pandêmico e político. Pode parecer uma contradição, mas chegamos ao ponto de ter que lutar a favor da vida, indo para as ruas, nos expondo a realidade com a proximidade mais efetiva de morte, seja pela exposição à infecção pelo caminho ou pelo encontro com o Estado. As pessoas que foram às ruas no dia 29 de maio de 2021, são aqueles e aquelas que são a favor de uma política de vida, da ciência, da natureza, do meio ambiente e do SUS. É um contexto que nos causa fadiga e morte de forma direta, em nosso cotidiano, vamos morrendo aos poucos, de tristezas, de enfermidades anteriores a Covid-19, da violência doméstica, do feminicídio, das chacinas das operações das polícias civil e militar, do descaso, do egoísmo dos governantes, do epistemicídio de nossa forma de viver neste mundo, etc. Em meio a esse cenário, iniciativas e continuidade de resistências vêm acontecendo em vários territórios onde

mulheres pretas são as protagonistas, produzindo cuidado através dos potentes encontros entre si em suas comunidades.

Ao longo desta pesquisa venho relatando a produção de cuidado principiada da minha vivência e no presenciar a minha mãe no lugar de produtora de cuidados a outras mulheres pretas, através do encontro entre elas e nós, em nossa varanda, no bairro Vale do Ipê, em Belford Roxo, Rio de Janeiro. Importante registrar que a nossa experiência não define a realidade de todas as mulheres pretas e de suas comunidades geográficas e existenciais. Mas, reconhece, valoriza e chama atenção para o que ocorre na invisibilidade das muitas varandas, lares e ruas, pois a produção do cuidado ocorre através do encontro em ato que pode se dar em qualquer lugar.

O conceito de comunidade seguido aqui é o de Sobonfu Somé, descrito no livro "O Espírito da Intimidade – Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar" (2003, p.35):

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros (SOMÉ, 2003, p.35).

Aqueles que moram no Ocidente podem criar uma noção de comunidade em sua cidade. Podem fazer isso apoiando, constantemente, uns aos outros. Cada um de nós precisa de algo para se segurar. É por isso que existem todas essas pequenas comunidades aqui e acolá - grupos de voluntários em questões sociais, grupos de apoio e todos esses pequenos grupos que perseguem um objetivo comum. São tentativas de recriar uma comunidade maior, que existia e foi destruída.

A única diferença é que a maior parte dessas comunidades não se concentra no espírito. Elas tendem a deixar o espírito de fora de sua atividade, o que é um erro. É uma forma de dizer que estão "no comando", quando de fato, a verdadeira comunidade deve ser baseada no espírito. O espírito deve sempre ser líder e guia de todos em uma comunidade (SOMÉ, 2003, p.41).

Dois comunidades fazem parte desta pesquisa, a comunidade de mulheres pretas como um grupo. E a comunidade local geográfica existencial. Sobre as relações sociais como elemento definidor dos grupos, Pedrinho A. Guarechi nos mostra que:

[...] o que realmente constitui um grupo é a existência, ou não, de relações. Comece a conferir. Se não há relação nenhuma entre as pessoas, jamais se poderá falar em grupo: o que existe é como se fosse um "poste" ao lado do outro, sem ninguém ter "nada a ver" com outro. Agora, no momento em que se estabelecer qualquer "relação" entre pessoas, começa aí um grupo. Elas têm de ter algo "em comum", e esse "comum" é exatamente o que pode estar tanto numa, como noutra. E esse "comum" é a relação, que perpassa por todas, está presente em todas, fazendo essa "amarração" conjunta (GUARECHI, 2010, p.85).

Continuando com o mesmo autor:

As relações comunitárias que constituem uma verdadeira comunidade são relações igualitárias, que se dão entre pessoas que possuem iguais direitos e deveres. Essas relações implicam que todos possam ter vez e voz, que diferenças sejam respeitadas. E mais: as relações comunitárias implicam, também, a existência de uma dimensão afetiva, implicam que as pessoas sejam amadas, estimadas e benquistas (GUARECHI, 2010, p.97).

Neste lugar comunitário, em momentos de intimidade entre mulheres pretas, é onde vazam os atravessamentos, a fadiga, o medo e a insegurança pelos desabafos, choros reprimidos, por um respirar mais pausado e por um tempo de reflexão mais racional. Esses dois últimos parecem simples, mas para mulheres pretas nada é simples, “a simplicidade do preto²⁹ é um mito forjado por observadores superficiais” nos lembra Fanon (2008, p.72), em *Pele Negra Máscaras Brancas*.

A rede de cuidado comunitário é um lugar interseccional de fraternidade, solidariedade, dororidade e escuta: um lugar de intimidade e identidade é o lugar onde se abastece de ânimo para permanecer sobrevivendo e reinventando caminhos.

Os meus 42 anos e os 73 anos de idade de minha mãe são constituídos pela relação com diversas mulheres pretas com experiências e vivências com e sem produção de cuidados em ambiente íntimo, desde o ventre, até o nosso do cotidiano comunitário, fez com que nós adquiríssemos um posicionamento pelos duros e fluídos aprendizados de vida em transmutar dor em palavras de colaboração coletiva, mesmo que essa nunca tenha sido um objetivo consciente. Foi orgânico. Pelo que eu me lembro, sempre de forma muito cordial, afetiva, harmônica, tranquila, pacífica características nossas que se expande na estrutura de recepção, acolhimento e atendimento no processo de produção de cuidado e na ambiência do encontro.

Nesse sentido, em geral, a relação entre nós não foi e não é pautada pelo ódio e pela raiva. Esses sentimentos sempre foram atravessamentos consequentes adquiridos com terceira pessoas citadas nos encontros. Formas de lidar com esses sentimentos e emoções é um processo de anos de oração racional, busca por coerência e as parcerias espirituais que nos conduzem a constantes reflexões a respeito e modificações necessárias ao caminho. Através desse entendimento buscamos dar atenção, carinho, zelo, compaixão, paciência às nossas vizinhas, mulheres pretas e não pretas da comunidade e recebemos da mesma forma.

²⁹ No texto original o autor usou a palavra negro que substituí por preto em função da explicação já mencionada.

Mantemos uma relação íntima e de conexão com as escritoras dessa pesquisa em nosso dia a dia.

Foi o decorrer desta pesquisa que nos trouxe a consciência de tudo isso que antes, nós não tínhamos, eu e a minha mãe.

Mas, nem todas as experiências entre as mulheres pretas são dessa forma, produtoras de cuidado, estruturadas na sensibilidade da fraternidade e solidariedade. No verdadeiro sentimento do “eu somos”. Isto não é um julgamento. É a constatação e respeito ao tempo de outras realidades em andamento de transformação. Não é melhor e nem pior. São fragmentos do caminho pertencentes a cada história de vida.

Muitas mulheres pretas receberam “cuidados essenciais apenas de outras mulheres pretas. Esse cuidado nem sempre media ou altera a raiva, ou o desejo de infligir dor; pode inclusive provocá-lo” (HOOKS, 2019, p.98). Essas experiências entre mulheres pretas, em grande parte, pode estar relacionada, em suas trajetórias, desde a sua infância, onde a violência é reproduzida no âmbito doméstico como controle social como continuidade, transpassando para ambientes públicos de forma aceita e naturalizada. Entre outras experiências. Nesse sentido, quando algumas mulheres pretas, narram as suas histórias, preenchidas de suas dores internalizadas e pela autorrejeição que são combustíveis que reverberam para a agressividade que também são direcionadas a outras mulheres pretas.

Sobre isso, em “Olho no olho”, Hooks escreve a partir de sua vivência de mulher preta:

Nós não amamos a nós mesmas, por isso não podemos amar uma à outra. Porque vemos no rosto da outra o nosso próprio rosto, o rosto que nunca deixamos de querer. Porque sobrevivemos, e sobreviver gera o desejo por mais de nós mesmas. Um rosto que nunca deixamos de querer, ao mesmo tempo que o tentamos destruir. Por que não nos olhamos nos olhos? Esperamos pela traição no olhar da outra, ou pelo reconhecimento? (HOOKS, 2019, p.175-176).

Aqui na varanda, o nosso processo de olhar no olho de outras mulheres pretas parte de uma construção de afeto de muito carinho e aconchego no acolhimento e, principalmente, através de uma perspectiva espiritual e cósmica, não é só levar em consideração o corpo preto onde interseccionamos como mulheres pretas. Mas, principalmente a alma, o espírito, a nossa cidadania universal, a constituição do universo e a nossa relação como seres naturais. O caminho da ruptura da invisibilidade passa pela oferta de um olhar sensível, afetivo e empático nas relações, assim como, escutar cosmo-interseccionalmente, para além da essência, com atenção focada é uma declaração de reconhecimento da importância da outra mulher para nós. É o desligar das painéis da minha mãe. Importante uma postura de

escutatória³⁰ continuada. Se o corpo/pensamento/linguagem/simbologia se modifica no mundo que é um processo natural e evolutivo, permanecer em postura de como sempre melhor escutar é necessário. Dessa forma, estamos resistindo! Mulheres pretas resistem às intempéries, a inospitalidade e a violência desta sociedade patriarcal e racista que subjetiva as nossas dores e suas consequências.

Nós não nos curvamos à indiferença que a sociedade racista nos oferta como a exposição ao vírus, direcionamento a posições de subalternidade, limitação de emprego pela raça no mercado de trabalho, exclusão de oportunidades educacionais, políticas que reforçam a desigualdade e a inequidade, falta de cobertura do estado em seus deveres, exclusão digital, propaganda sexualizada objetificando o corpo da mulher, violência sexual, exposição à fome, retrocesso nas políticas de ações afirmativas e etc.

Continuamos com a nossa coluna vertebral em riste flamejando amor. Mulheres de axé nunca estão sozinhas, em todas as horas, a espiritualidade nos orienta como conduzir mediante ao nos depararmos com situações espinhosas ou demais preocupantes. Existe entre nós uma parceria cósmica.

Em comunidades há muitas encruzilhadas, as vias propriamente ditas, quando as cruzamos, as nossas encruzilhadas existenciais também se cruzam e se sobrepõem. Minha casa é de esquina, sei bem o que estou escrevendo.

A comunidade é um grande corpo, coletivo de muitas essências espirituais, humanas e naturais, um grande corpo guia, uma grande luz. Sobonfu Somé ao nos trazer essa compreensão demonstra a visão de potência comunitária a partir das relações que nela ocorrem em intimidade.

Ao pesquisar sobre a produção de cuidado entre mulheres pretas a partir dos encontros entre si, em comunidade, ficou perceptível a coerência e quase a indissociabilidade que ocorre entre produção de cuidado, mulheres pretas, encontro e comunidade. Eu não consigo pensar somente em um elemento e não pensar em outro. Há uma relação intrínseca entre mulheres pretas e suas comunidades. Que nos remete ao conhecido provérbio africano: “É preciso de uma aldeia para se educar uma criança”, não basta só os próprios valores e práticas individuais para educar uma criança e incluo aqui o sobreviver em todo o ciclo de vida. É necessário se relacionar.

Trocando de lente, ampliando a visão de forma interseccional para a realidade da sociedade racista na qual vivemos aqui no Brasil é possível pensar em todos os

³⁰ Aprender a escutar.

atravessamentos descritos e não descritos em que as mulheres pretas estão expostas às vulnerabilidades múltiplas provenientes da sociedade produto do racismo estrutural. A minha presença e de outras mulheres pretas na academia é um sinal de ruptura no muro do colonizador. Somos um hipocentro, lembra disso? Conversamos bem no início da pesquisa.

Seguindo a perspectiva comunitária encontra-se a comunidade de mulheres pretas que sobrevive através da força de trabalho, luta, potência e na liderança de suas mulheres componentes do grande corpo. Angela Davis discorre em um trecho do livro *Mulheres, Raça e Classe* sobre isso:

As mulheres pretas dificilmente poderiam lutar por fraqueza; elas tiveram de se tornar fortes, porque sua família e sua comunidade precisavam de sua força para sobreviver. A prova das forças acumuladas que as mulheres pretas forjaram por meio de trabalho, trabalho e mais trabalho pode ser encontrada nas contribuições de muitas líderes importantes que surgiram no interior da comunidade preta (DAVIS, 2016, p.232-233).

Dessa forma como consequência o território comunitário, a comunidade de bairros e cidades são beneficiadas diretamente em muitos sentidos com a potência de resistência que também é atualizada junto com a necessidade de sobrevivência diária. Importante observar que nós, mulheres pretas ao nos mobilizarmos para um encontro intencional com outra mulher preta, em qualquer lugar, dentro de nosso território comunitário ou fora dele, precisamos em nosso cotidiano continuar a romper com esse o lugar do espaço privado, construído socioculturalmente para nós. Transitar, mobilizar-se, ser quem somos com nossos desejos pelas ruas e caminhos é usar de nossa autonomia feminina, exercício de liderança nos ambientes e lugares públicos. Essas ações com a presença de nosso corpo preto é por si só uma ruptura com a máscara do silenciamento que nos foi imposto desde a infância através dos princípios que deveriam orientar nossos comportamentos. Mas, isso não é possível sem os outros membros da comunidade, as mulheres pretas. Compreender isto e praticar é simultaneamente o exercer do apoderamento e do empoderamento coletivo, não individualista. É resistência política. Todo ganho e toda perda é coletiva. Alguns fatores em nível comunitário que nossos corpos pretos perpassa e convive são a concentração de pobreza, altos níveis de criminalidade (milícias, tráfico de drogas e chacinas pelo estado), alto nível de desemprego, escolas sucateadas, barreiras de acesso a serviços básicos de saúde, locais inseguros, impeditivos de professarem com liberdade a sua fé e etc.

Seguindo para o campo relacional interseccionado é onde se dá na intimidade, aqui na minha varanda o encontro dos corpos de mulheres pretas e de seus espíritos que é proveniente do campo individual. É o campo da área familiar, do ambiente doméstico, dos

conflitos em privacidade, das relações de amizades e etc. Nesse campo relacional, alguns fatores envolvidos são a violência doméstica (incluindo todas as formas), conflitos conjugais, conflitos com parentes, chefe de família, cuidadora de parentes doentes e crianças, família com baixa renda econômica, desemprego, solidão, sobrecarga de trabalho, jornadas múltiplas e etc.

O nível individual nesta pesquisa é o constituído por todos, ou seja, o Eu somos. Lugar da manifestação de nossas singularidades, das diferenças que nos unem, da necessidade atual de sonharmos e aumentarmos nossa fé. É um dos lugares de conexão com o cosmos que também é o nosso templo interior e constituição. Neste nível alguns dos fatores envolvidos são idade, sexo, orientação homoafetiva, renda, educação, saúde, alimentação, solidão afetiva, histórico de abuso desde a infância, histórico de violência doméstica e etc.

E por último que também é primeiro o nível ou campo do cosmos, o tudo e o nada ao mesmo tempo. Nossa comunidade interplanetária. O lugar que nunca será colonizado pois ele se faz na constituição de nossos sentidos. Não há epistemicídio ou colonizador mais forte do que a força dos astros, o brilho do sol e das estrelas. Não há mais fortes do que as forças da natureza. É o lugar dos fatores: espiritualidade, ancestralidade, cosmogonias, cosmovisões, natureza, seres naturais, clima, tempo, o invisível aos olhos e etc.

3.4.2 A micropolítica do encontro entre as mulheres pretas a partir da circularidade da vida no infinito e no tempo espiralar

Procuró aqui refletir sobre a subjetividade que ocorre no encontro em ato, entre as mulheres pretas, a partir de uma visão orgânica de circularidade da vida no infinito e no tempo espiralar que há em nós como seres naturais e humanidade.

Ilustração 30 - Circularidade do infinito

MiCROPOLÍTICA DO ENCONTRO

Circularidade - Infinito - Tempo Espiral



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

O compartilhamento do que nos passa e nos transpassa o espírito, a mente, o coração, o corpo todo, a família é proveniente do espaço da intimidade, pelo processo de construção no campo das relações individuais, comunitárias, sociais e cósmicas.

O encontro é o método da construção nesse lugar de intimidade permeado pela alteridade e horizontalidade onde individualmente, em comunidades, em sociedade e no cosmos os laços, os entrelaços, as teceduras são as características. Encontrar faz parte de nossa natureza e o seu próprio fazer.

As letras de Krenac (2020. p.67) em “a humanidade que pensamos ser” nos faz refletir sobre a nossa constituição como seres naturais, pertencentes e provenientes da natureza, pois “quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza”.

Temos em nossa constituição natural os elementos da natureza por sermos parte dela, somos natureza. Elementos que convivem em uma relação de convivência regida pela lei de confluência como nos apresenta Bispo (2019, p.69) em “confluências e transfluências” no Livro *Colonização, Quilombos - Modos e Significações*, “a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento pluristas dos povos politeístas.”
Continuando com Bispo:

No entanto, acredito que seja essa relação dos povos de lógica cosmovisiva politeísta com elementos da natureza, é dizer, a sua relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para a compreensão de questões que interessam a todas e todos. Pois sem a terra, a água, o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios.
Eis aí o grande desafio resolutivo para que possamos chegar ao nível de sabedoria e bem viver por muitos ditos e sonhados. Para mim, um dos meios necessários para

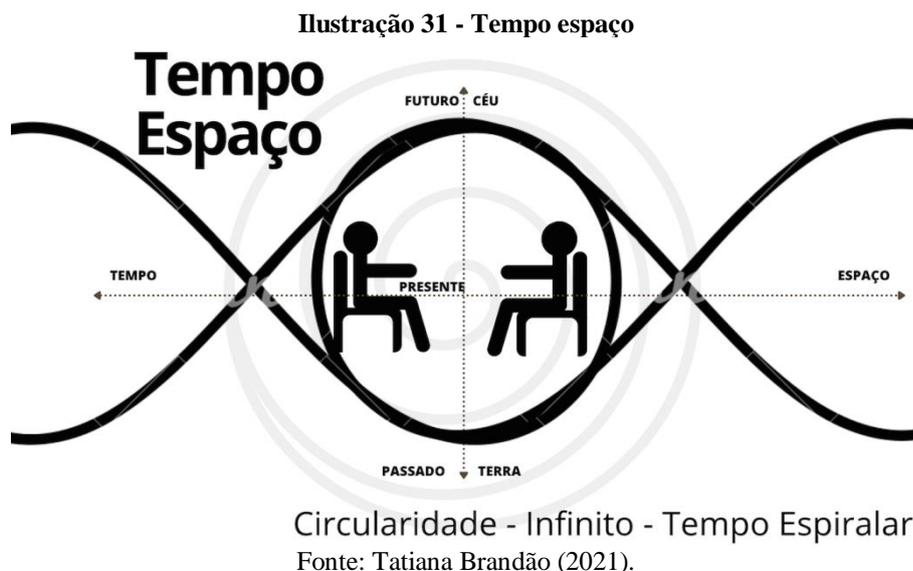
chegarmos a esse lugar é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências (BISPO, 2019, p.69).

Indissociar uma mulher preta de sua comunidade geográfica e existencial é levar em conta a sua pluralidade ancestral a partir de uma cosmovisão africana.

Convido você a se colocar em meu lugar na varanda e ir crescendo comigo a partir da minha perspectiva de observação aos encontros entre mulheres pretas em minha varanda. Há uma repetição da forma como eles acontecem de maneira orgânica, natural e inconsciente: as formas das chegadas, entradas e saídas; os abraços; os sorrisos; as falas; as brincadeiras verbais em busca de trazer amenidades em climas tensos; o gestual do corpo, sua postura e envergadura da coluna; olhares; etc. Por isso que considero que há um ritual desde o início ao fim do processo dos encontros que guarda uma memória dentro do tempo espiralar. Somos uma só unidade, humanidade, mulheres pretas, tempo espiralar, espaço e ancestralidade. Leda Martins em seu livro *Performances Do Tempo Espiralar* nos mostra uma importante perspectiva sobre ritos:

Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos, dentre outros, além de procedimentos, técnicas, quer em sua moldura simbólica, quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance. Nessa perspectiva o ato performático ritual não apenas nos remete ao universo semântico e simbólico da dupla repetição de uma ação re-apresentada (the “*twice-behaved behavior*”, de Schechner), mas constitui, em si mesmo, a própria ação. Para Schechner, “o processo ritual é performance” e, como, tal, alude “não apenas ao tempo e ao espaço, mas também a extensões através de várias fronteiras culturais e pessoais.”

[...] Minha hipótese é que o corpo, na performance ritual, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade. O que no corpo e na voz se repete é uma episteme (MARTINS, 2002, p.73).



E é o exercício desta episteme que agencia em nós, mulheres pretas, a produção de subjetividade que ocorre no encontro em ato da produção de cuidado que traz consigo uma memória de conhecimento, onde as nossas tecnologias ancestrais são reproduzidas, ampliadas, atualizadas e reforçadas, em nosso cotidiano, através da performance dos nossos ritos de encontros na varanda. Sobre ritos, memórias e tempo, Leda Martins no texto: *Do Tempo Espiral* em seu livro *Performances Do Tempo Espiral* nos mostra:

Toda a memória desse conhecimento é instituída na e pela performance ritual dos Congados, por meio de técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo. No âmbito da performance, em seu aparato - canto, danças, figurinos, adereços, objetos cerimoniais, cenários, cortejos e festejos -, e em sua cosmovisão filosófica e religiosa, reorganizam-se os repertórios textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua África, as partituras dos seus saberes e conhecimentos, o corpo alterno das identidades recriadas, as lembranças e as reminiscências, o *corpus*, enfim, da memória que cliva e atravessa os vazios e hiatos resultantes das diásporas. Os ritos cumprem, assim, uma função pedagógica paradigmática exemplar, como modelo e índice de mudança e deslocamento, pois, segundo Turner (1982:82), “...como um modelo para o ritual pode antecipar, e até mesmo gerar mudança; como um modelo de pode inscrever ordem nas mentes, corações e vontades dos participantes.”

Esse processo de intervenção no meio e essa potencialidade de reconfiguração formal e conceitual fazem dos rituais um modo eficaz de transmissão e de restituição de uma complexa pletera de conhecimentos. No caso brasileiro, os ritos de ascendência africana, religiosos e seculares, reterritorializam uma das mais importantes concepções filosóficas e metafísicas africanas, a *ancestralidade* que “constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa...” (PADILHA, 1995:10. (...)).

Essa percepção cósmica filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais

e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. (...). Nessa sincronia, o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado. (MARTINS, 2002, p.83, 84 e 85).

Nesse sentido, como seres naturais, vivemos de forma circular de vida para a vida, da vida viemos e para a vida voltaremos, não há interrupção de fluxo, é espiralar. Há a continuidade do infinito. Do infinito de tempo e espaço, do que trazemos em nós e de quem somos nós. Dessa forma a visão da micropolítica do encontro aqui vem pela perspectiva da circularidade da vida no infinito e no tempo espiralar.

Ilustração 32 - Corpo no encontro em ato



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

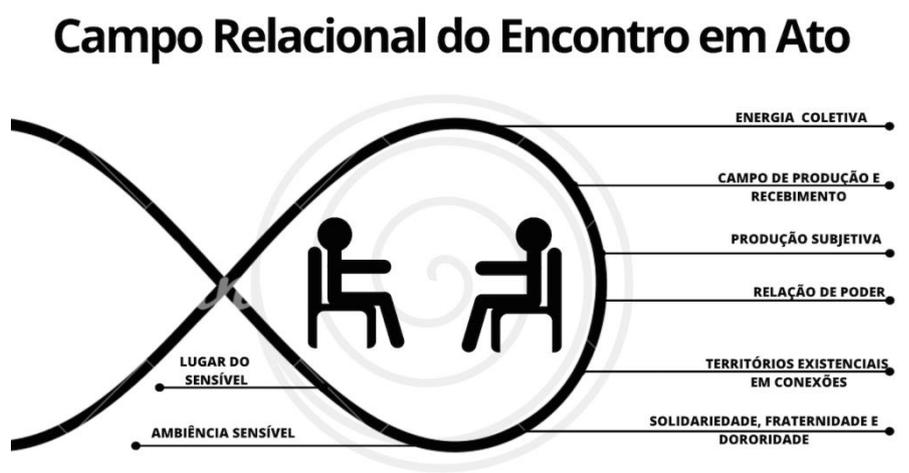
Hoje, enquanto seres naturais, em corpos pretos de mulheres, nesta existência estamos no presente, em uma dura realidade coisificada a alvo de balas encontradas atiradas pelo Estado através de sua política de morte, produzida e ativada por seres também naturais, em corpos não pretos que ativam e fazem a manutenção da morte, não a morte dentro do processo de circularidade, aquela devida ao tempo, ao processo do viver...Mas a matada, a máquina, como diz Deleuze e Guattari em máquinas desejantes no Livro O Anti-Édipo: “instinto de morte é o seu nome, e a morte não fica sem modelo. porque o desejo deseja também isso, a morte, pois o corpo pleno da morte é o seu motor imóvel, assim como deseja a vida, pois os órgãos da vida são a working machine (o funcionamento maquínico)”(2010, p.20).

Mulheres pretas em intimidade trazem nos textos de seus corpos, uma biografia sem palavras. “O texto do corpo”, Conceição Evaristo ao falar essa frase em uma entrevista, me fez pensar, matutar até hoje. A ponto de buscar em meu próprio corpo o que ele vem falando e

eu não estava dando escuta e olhar afetivo. O meu olho no olho comigo mesma. E nesse lugar de autoempatia, apropriando-me da minha potência natural constitutiva, dentro de um fluxo de circularidade início uma compreensão em que o corpo no encontro em ato é um sujeito registrador de informações, historiador, testemunha, pode ser atravessador assim como é atravessado. Ele doa e recebe energia. O corpo é produtor, ativador e recebedor de produtividade de outros corpos. Empatizo-me e reconheço-me nos corpos de outras mulheres pretas.

Foi isso, simplesmente, também isso que minha mãe sempre fez. Utilizando a sua sabedoria no presente, com o olhar no passado e prestando atenção no futuro. Lembra da simbologia do pássaro Sankofa? Então está presente ininterruptamente em nossos fluxos do fazer natural do fazer da vida.

Ilustração 33 - Campo relacional do encontro em ato



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

É neste campo relacional do encontro em ato em que se vive mutuamente: a energia vital que se torna coletiva, o respiro do mesmo ar, a produção e o recebimento do cuidado e consequentemente do viver. É onde as relações de poder transitam de forma simétricas e assimétricas, ora em alteridade na horizontalidade, ora em hierarquia na verticalidade. É o leito da fluidez dos territórios geográficos e existenciais, o lugar do sensível em ambiência sensível abertura e elemento importante para a intimidade. É a interseção da solidariedade, fraternidade e da dororidade.

Ilustração 34 - Competências, habilidades e atitudes



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ao observar e pesquisar a postura de sabedoria de minha mãe e de outras mulheres em vivências similares compreendi que existem alguns traços que chamo aqui de competências, habilidades e atitudes que sempre se fazem presentes de forma alternada ou em conjunto: o afeto, a presença, a permissão, a escutatória, a atenção focada, a disponibilidade interior e o não julgamento.

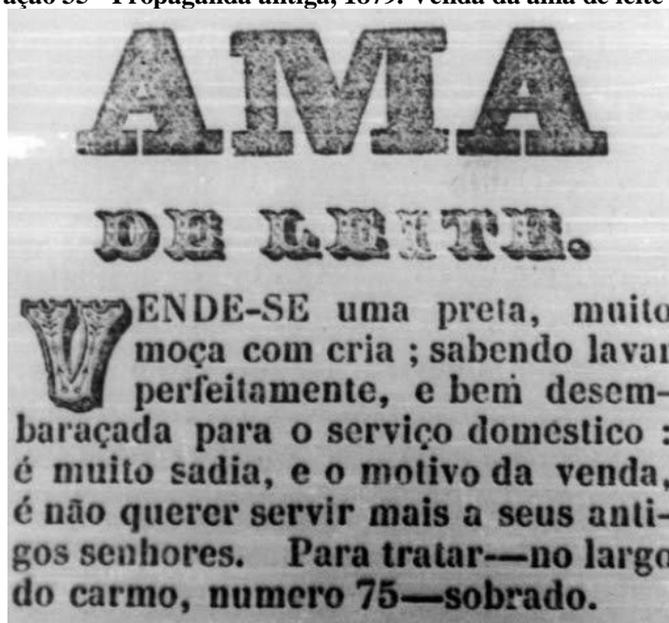
3.4.3 A produção de cuidado entre as mulheres pretas

O olhar para a produção de cuidado através do encontro entre mulheres pretas nesta pesquisa ocorre através da interseccionalidade e da visão psicossociológica, neste sentido, o entendimento de cuidado entre elas estão indissociáveis das comunidades geográfica e existencial. Não há uma coisa sem a outra.

Compreendendo o cuidado como “um modo de fazer na vida cotidiana” (PINHEIRO, 2009). Preservar, conservar, tomar conta, apoiar, dar atenção, zelo e responsabilidade são algumas das características do cuidado que precisa ser visto como uma responsabilidade de todos os seres humanos pois necessário efetuarmos uma ruptura com a visão totalitária que a produção de cuidado é somente da mulher, em específico da mulher preta no âmbito íntimo e que a produção de cuidado em saúde é de ordem legítima e de direito do “modelo médico-hegemônico é que desvaloriza e deslegitima os outros saberes sobre saúde, os que não tomem o corpo biológico como objeto e os que não se baseiem em conhecimentos ditos científicos sobre o tema” (MERHY, 2016. p.11).

A produção de cuidado é essencial para a saúde de todos e da nossa casa maior o planeta e o universo, tomando como base o olhar para algumas perspectivas: individual, relacional, comunitária, social e cósmica; e de forma interseccional os fatores envolvidos e presentes, fica evidente a extensão dos múltiplos campos onde ações cuidadoras são requeridas por manifestações de responsáveis e viventes de todas as esferas desde a privada à pública. E se tratando da saúde da mulher preta que traz em seu histórico a trajetória de cuidado dedicada aos outros, imposta a uma vida de produção de cuidado em âmbito privado, obrigada a colocar a sua saúde como base para a manutenção da saúde alheia, temos como exemplo histórico as amas de leite. Observe nesta propaganda antiga de 1879 sobre a venda de uma ama de leite escrava e preste atenção na ressalva da sua condição de saúde: “é muito sadia”:

Ilustração 35 - Propaganda antiga, 1879. Venda da ama de leite escrava



Fonte: Propagandas Históricas (2018).

A figura das amas de leite está atualizada nas mulheres pretas que em sua grande maioria são empregadas domésticas que abdicam do uso de sua energia de saúde em causa própria e de sua família para direcionar a manutenção do giro de vida daquelas famílias que têm condições estruturadas pela sociedade de remunerá-las como convier dentro de um estado de direitos. Direitos para quem? Isso não é “mimimi”. É vida real.

Sueli Carneiro em "Por um tempo feminino" começa nos chamando a atenção para a obrigatoriedade da nossa educação como mulheres pretas ter sido direcionada para o cuidado

dos outros e da questão do lugar imposto ao confinamento ao espaço considerado feminino (considerado por quem? importante refletirmos sobre isso):

Fomos educadas para cuidar dos outros, de nossos companheiros, de nossos filhos, de nosso país. Durante muitos séculos a obrigatoriedade desses cuidados foram fatores de opressão. Mas de dentro dessa opressão desenvolvemos um forte sentimento de compaixão, que nos permite hoje cuidar do mundo, reeducá-lo sem dor e sem opressão.

Fomos privatizadas por longos tempos, confinadas ao espaço feminino, da cozinha, do lar dos haréns. Aí aprendemos a compartilhar dores, medos e inseguranças desconhecidos pelos homens; e isso nos ensinou outro tipo de solidariedade e de sociabilidade que devemos aportar a um Tempo Feminino. Compartilhar é um verbo que as mulheres conjugam em maior escala do que os homens, e de um jeito mais doce, às vezes fazendo doces para adoçar os homens e os filhos.

Aprendemos a administrar a escassez e como Cristo temos multiplicado o pão em nossas mesas. Milagres que os Pedros Malan já não sabem realizar. Com isso aprendemos mais sobre solidariedade e fraternidade. Contribuições que tempos a dar a um Tempo Feminino.

Fomos escravizadas, discriminadas e inferiorizadas racialmente. Arrancaram os nossos filhos de nossos seios. Nos obrigaram a amamentar e criar filhos que não eram nossos.

Essa experiência brutal nos obrigou a conhecer profundamente o outro, o branco. Nos ensinou em primeiro lugar o apreço pela liberdade e também que a diversidade humana é o maior patrimônio da natureza. Aprende-se a sê-lo.

Pudemos assistir aquelas crianças brancas, que alimentamos, que fizemos adormecer em nossos braços confiantes, se tornarem feitores, comerciantes de carne humana, torturadores de negros revoltados, estropadores de escravas. Mas essa experiência brutal nos fez aprender que tanto podemos educar as pessoas para discriminar e oprimir como para respeitar, acolher e se enriquecer com as diferenças raciais, étnicas e culturais dos seres humanos.

A valorização da diversidade torna-se para nós, então, um princípio capaz de fazer com que cada um de nós, com a sua diferença, possa se sentir confortável e “em casa neste mundo”, pertencentes que somos todos à mesma espécie humana. Essa missão civilizatória é talvez o ponto mais importante da agenda das próximas gerações.

Então, meninas, aceitem esse bastão porque ele lhes oferece a oportunidade de, como guerreiras da luz, travarem o bom combate! Pelas causas mais justas da humanidade (CARNEIRO, 2019, p. 115-116).

Um passado que não escolhemos sê-lo. Um presente pelo qual além de apreciarmos a liberdade continuamos a lutar por ela, dentro de nosso *corpo regulado*³¹ que é sustentado por uma coluna vertebral instituída pela colonização, ao mesmo tempo que mantemos o combinado da gente não morrer, não se curvar, desinstituir-se do agenciamento colonial.

³¹ O corpo pode ser regulado de duas maneiras: a dominante (o corpo escravizado; o corpo estereotipado; o corpo objeto) e a dominada (o corpo cooptado pelo dominante como, p.ex., a industrialização do corpo negro a serviço do comércio capitalista, falsamente autonomizado pelo mercado; o corpo como mercadoria). Na escravidão, os corpos negros estiveram presentes, mas de forma escravizada. Nesse contexto, o corpo era importante, mas não como humano, como força de trabalho e como coisa. O corpo regulado é também o corpo estereotipado por um conjunto de representações que sustentam os ideais de beleza corporal branca, eurocentrada e, no limite, miscigenada em contraposição a pele preta (GOMES, 2017.p.96).

Joana de Moraes Monteleone em seu artigo mostra como as mulheres, geralmente as escravizadas, mucamas, amas de leite, costureiras, viveram na área íntima das casas dos colonizadores dedicando a sua saúde e vida a eles no Rio de Janeiro entre 1850 a 1920 e como através do cotidiano os seus corpos foram regulados. A coluna vertebral de uma criança, que sustenta os seus gestos e comportamentos cresce como coluna vertebral de uma mucama.

Na época, os criados domésticos em casas e sobrados urbanos se multiplicaram. Se para os homens pobres livres viver de pequenos serviços temporários era uma maneira de sobreviver, para as mulheres livres pobres tornar-se uma criada era uma maneira de conseguir alguma maneira estável de viver, com abrigo, roupas, comidas e, eventualmente, remédios, fornecidos pela patroa. No Rio de Janeiro, em 1870, “71% das mulheres ativas eram criadas, o que significava 34 mil mulheres trabalhando como mucamas, pajens, amas-de-leite, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, carregadoras de água, lavadeiras, passadeiras e costureiras. Brancas e negras, livres ou escravas, elas trabalhavam juntas, exercendo atividades semelhantes.” Muitas eram escravas, outras, mesmo livres, trabalhavam por casa e comida (CARVALHO, 2008, p. 248). Em 1872, 2/3 das mulheres livres estavam empregadas no serviço doméstico na corte imperial.

[...]

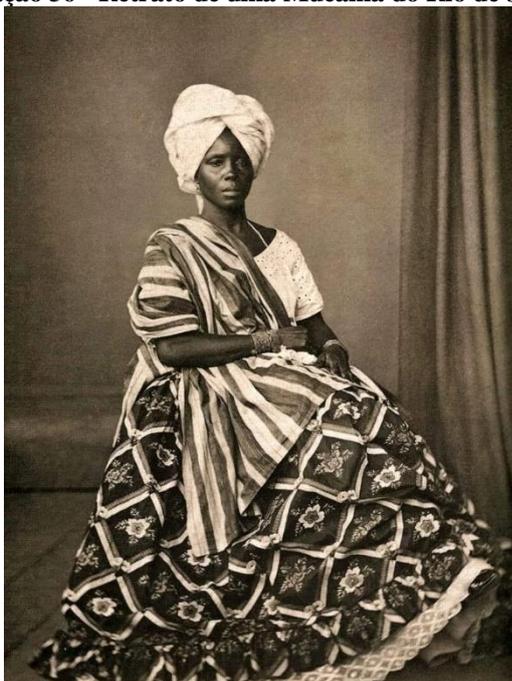
As condições desse abundante trabalho feminino eram as piores possíveis: sub-remuneradas (quando eram remuneradas), em posições subalternas e degradantes, vistas pelos patrões como disponíveis sexualmente, invisíveis dentro dos sobrados.

[...]

As mucamas, escravas de dentro de casa, dedicadas à senhora e às crianças, deveriam quase que, necessariamente, saber costurar, ao menos o básico, como fazer barras de vestidos, pregar botões, realizar pequenos remendos. Machado de Assis notava que: “- Há de ser alguma patuscada, dizia ela, mudando a posição de um alfinete. - Benedita, vê se a barra está boa. - Está, sinhá, respondia a mucama de cócoras no chão [...]” (ASSIS, 1899, p. 271). Em *Girândola de Amores*, de Aluísio Azevedo, Januária, velha mucama, ajeitava o vestido de noiva de Clorinda, de quem havia sido mucama desde criança (MONTELEONE, 2019, p. 02 e 03).

Sobre a instituição pelo colonizador e a desinstituição por nós mesmas, da nossa coluna vertebral como mulher preta, convido vocês a observarem com muita atenção essas duas ilustrações abaixo e as montagens ilustrativas seguintes que eu criei para facilitar a nossa análise e reflexão:

Ilustração 36 - Retrato de uma Mucama do Rio de Janeiro



Fonte: Revert Henry Klumb (1860) - Coleção Ruy Souza e Silva. Museu Afro Brasil.

Ilustração 37 - Tatiana Brandão



Fonte: Carla Vieira (2021).

No meu processo de contínua pesquisa deparei-me com o retrato da Mucama e de imediato percebi que eu tinha em meu acervo esse retrato do ano de 2021 que pertence a um ensaio fotográfico com o objetivo de alimentar as minhas redes sociais. Fiquei impressionada com a semelhança das posturas nos retratos. E comecei a pensar no processo de intercessão entre a minha postura, minha coluna e a da mulher preta no retrato da mucama. O que temos

em comum? “Por um tempo feminino”, voltem à página 107 desta pesquisa e releia. O que nos diferencia? Contextos diferentes, porém semelhantes em interseccionalidade e dororidade, cada uma com a sua dor e suas potências. Quais são os atravessamentos que vivo e que foi atualizado pela estrutura racial. O seu corpo está regulado a servir. O meu corpo está regulado a quê, a quem? Meus gestos são meus? A forma como a minha coluna sustenta o meu corpo, é oriunda da instituição da escravidão ou, através do processo de desinstituição que a minha consciência, ainda que pequena, oferta-me nesta existência?

Pergunto a você, como o seu corpo está regulado, instituído e como você vem buscando desregulá-lo e desinstituí-lo? Lembrando que tudo isso tem haver com o processo da produção de cuidado, de cuidar, ser cuidada. Cuidamos de quem? Quem cuida da gente?

Coloquei os retratos lado a lado, para melhor olhar para eles e refletir:

Ilustração 38 - Lado a Lado - O Retrato da Mucama e o retrato de Tatiana Brandão



Fonte: Tatiana Brandão (2022).

Não sendo suficiente, fiz algumas aproximações de imagens enquanto eu ia pensando a respeito. Observando a diferença dos semblantes, imagino o contexto psicossociológico dela e o meu, levando em consideração as diferentes épocas, a conjuntura com os atravessamentos atualizados de diversas formas. Eu estou sorrindo, e que diferença isso faz? Retratos não definem as pessoas. Registram apenas o momento no fluxo do infinito. Os turbantes e suas

texturas, os colares, as roupas de cima, mas principalmente a saia, sua estampa e caimento que toma forma através do posicionamento das pernas cruzadas e a localização dos pés. Braços e a envergadura da coluna. A coluna instituída e agenciada desde a infância. Como esta pesquisa tem parte de minha história nesta vida até aqui, você que me acompanha nesta leitura pode imaginar o contexto psicológico e social no qual a minha coluna vertebral cresceu e analisar o crescimento da sua. Inclusive o caimento de sua saia ao cruzar as pernas, caso use saias.

Ilustração 39 - Montagem de aproximação: O retrato da Mucama e o retrato de Tatiana Brandão (sem fundo)



Fonte: Tatiana Brandão (2022).

Compreendi por etapas o que buscava em minha mente: o processo intercessório de produção de cuidado representado por mulheres pretas em diferentes épocas e contextos. Nesse caminho de raciocínio senti a presença de minha mãe, intermediando, esses saberes de sobrevivência, através de suas tecnologias de cuidado. Cheguei nesta imagem:

Ilustração 40 - Montagem de aproximação: O Retrato da Mucama e o retrato de Tatiana Brandão (sem fundo). Mais o retrato de Ana Maria, mãe de Tatiana Brandão.



Fonte: Tatiana Brandão (2022).

É uma imagem que confirma que somos o futuro de ontem. Tempo feminino é um grito que ecoa, reverbera e anuncia o que já se manifesta a partir da trajetória imposta no cativeiro, a transferência da invisibilidade para a visibilidade da força da suposta fraqueza de nós, mulheres pretas. Aprendemos muitas coisas, uma delas foi transmutar a dor em potência restaurativa, educativa e de produção de cuidado em ato em nosso encontro, dentro dos limites suportáveis para cada tempo e sociedade. Mas, aprendemos também o contrário através das ações, fomento de nossas dores atemporais. Não seguimos por esse caminho, visto que somos as mulheres que mais morrem de feminicídio, a circularidade da existência e da nossa espiritualidade de matriz africana está sempre em alerta mostrando a rota de volta para casa, a do oriente, antes da diáspora. Coaduno com a percepção de diáspora de Teresinha Bernardo:

É nessa perspectiva que devem ser entendidos os seus significados: se percebo a diáspora como um divisor de águas entre o passado e o presente, entendendo também que o seu sentido não é estático; são fluxos, trocas entre o passado e o presente, entre os africanos que permaneceram em sua terra natal, os que vieram para o Brasil, os que chegaram às Antilhas e aos EUA. A diáspora significa necessidade de trânsito em várias direções, de transposições de fronteiras, especialmente das fronteiras de inúmeros grupos étnicos africanos no Brasil. (BERNARDO, 2019, p. 39).

O mesmo filho que foi arrancado das amas de leite, na senzala para servir o senhor na casa grande, é, hoje, o Miguel, 5 anos, morto pela patroa da mãe que responde por homicídio culposo, em 02 de junho de 2020, Recife, Pernambuco. Aconteceu no edifício Maurício de Nassau, condomínio Torres Gêmeas, prédio de luxo. Miguel foi arrancado da vida de sua mãe, Mirtes, enquanto ela foi designada a cuidar do cachorro da família. Ele caiu do 9º andar após a Sari Corte Real tê-lo colocado dentro do elevador e ter acionado o botão que leva para o nono andar. O servir obrigatório foi atualizado sofisticadamente, a mãe preta, agora, sem filho, precisa sustentar a sua dor, mais uma dor, mais um atravessamento que atinge a saúde mental. Precisa de dinheiro para comprar remédios, trabalhar para continuar lutando em busca de liberdade para a sua alma e a do seu filho, sem mobilidade não há luta, sem um mínimo de corpo em movimento, não há capoeira. Pois é preciso gingar. Reexistir. A última notícia, atualizada, 23 meses depois sobre o caso ou descaso com a vida humana é:

O Ministério Público de Pernambuco protocolou parecer em que pede a condenação de Sari Corte Real pelo crime de abandono de incapaz qualificado, porque resultou na morte do menino Miguel, e agravado por ter ocorrido durante a pandemia de covid-19. O documento foi entregue na sexta-feira (3/12) e faz parte do processo iniciado após a morte da criança, aos 5 anos de idade, em agosto de 2020.

“Apenas pelas idades, dela e da criança, já seria natural esperar um comportamento diferente da acusada, pois naquele momento, não apenas convencer e demover a criança de seu intento seria o esperado, mas sim remover a criança do elevador e conduzi-la em segurança de volta ao interior do apartamento, (...) ou seguir com ela no elevador ao encontro da mãe (...). O que não poderia ter acontecido era o abandono da criança no interior de um elevador”, destaca o promotor na manifestação.

Os advogados de Mirtes Renata Souza, mãe de Miguel, atuam como assistentes da acusação e também entregaram as alegações finais na sexta. Para eles, o crime ocorreu por motivo fútil e a tese da defesa tenta transformar o menino de cinco anos em adulto, enquanto infantiliza Sari Corte Real. “Não se pode admitir que se negue a infância de Miguel Otávio”, adverte o documento.

Agora, o processo segue para a manifestação da defesa e, em seguida, deve ser dada a sentença pelo juiz designado. A morte de Miguel Otávio Santana da Silva completou um ano em 2 de junho de 2021. Ele caiu de aproximadamente 35 metros de altura, depois que a mãe, que trabalhava para Sari, precisou sair para passear com o cachorro da patroa. Sari é acusada por ter abandonado o menino sozinho no elevador (GOTLIB, Jéssica. Caso Miguel: MP pede a condenação de Sari Corte Real por abandono de incapaz. Site Correio Braziliense, 04 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/12/4968324-caso-miguel-mp-pede-a-condenacao-de-sari-corte-real-por-abandono-de-incapaz.html>> Acesso em: 02 jan. de 2022).

Ter o corpo emancipado. Ter a sua coluna desinstituída do colonizador. Pois, tudo na sua vida é capturado, seu esforço de trabalho, sua energia, seu sono, sua criatividade, seu amor, seu pedaço de vida.

Nas produções de cuidado que presencio na varanda física e virtual daqui de casa e no consultório, não me lembro de nenhum sentimento de vingança, ódio e raiva como Hooks nos colocou, que tenha sido narrado por alguma mulher preta. Visto que é nosso direito termos

todos os sentimentos que nos couber. Mas, os sentimentos mais presentes são o de justiça, solidariedade, fraternidade e de busca espiritual para que a sua dor não se reproduza em outra mulher. Para que seja possível ter mais encontros por motivos de alegria. Existe uma necessidade de acolhimento, aconchego, bem querer, bem-estar, segurança, a busca de um porto seguro por um período de tempo. Muitas mulheres chegam aqui na busca de um refúgio, escutamos isso de várias.

Sueli Carneiro (2019) nos lembra que nosso processo de produção de cuidado vem de uma educação imposta nesse sentido, através do cuidado ao outro durante séculos.

A produção de cuidado entre mulheres pretas transcende o tempo e o espaço. Transgredindo ao utilizar o seu poder natural para além de si própria. Ele é, também, para as outras mulheres pretas, colaborando no empoderamento delas próprias, organicamente, de forma circular, a sua comunidade, a família ou naquilo que pode ser transformado pela atenção e cuidado. Voltando ao provérbio africano, “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Essa criança cuidada ao se tornar adulta, terá em sua constituição física, mental, espiritual, emocional e etc., o vivido da produção de cuidado comunitário. Uma coluna vertebral com memória de ter sido cuidada.

Essa memória é produzida na intimidade que é abertura de uma ambiência para a produção de cuidado que parte de uma esfera individual/coletiva através do encontro em ato em um nível relacional, no campo das relações propriamente ditas, acontecidas, sentidas.

Como nos lembra Emerson Elias Merhy, em “o cuidado é um acontecimento produtivo intercessor” que se faz nos encontros em ato que ocorrem dentro do campo das relações o espaço intercessor é aquele “no qual um intervém sobre o outro, [...] pois contêm uma constitutividade a lógica da mútua produção em ato micropolítico, que supõe a produção de um no outro” (MERHY,2004, p.02).

Aqui na varanda, em intimidade, entre nós mulheres pretas a produção de cuidado cria raiz em terreno fértil e sensível através de gestos sensoriais que passam a constituir-nos a cada encontro. Eu e minha mãe chegamos no ponto de conhecer a situação emocional e até mesmo espiritual das mulheres, nossas escrevintes, pelo olhar, tom de voz, jeito de andar, a força do abraço, palavra que usa ou nova palavra que passou a usar. Produzir cuidado entre mulheres pretas é produzir e captar conhecimento sobre a outra mulher para que seja usado ao seu benefício, em seu acolhimento e conforto. É fazermos conosco ao contrário do que o colonizador e a sociedade racista fazem com a gente.

Através da perspectiva que tudo é energia, que ela é neutra, não tem partido e nem ideologia, importante estarmos atentas que no mesmo lugar íntimo intercessor onde se produz

cuidado também é espaço de sua não produção! Isto, a nossa postura como sentintes pretas já nos acompanha há séculos, vide a nossa própria trajetória de como viemos parar aqui. Em função dessa consciência e partindo do limiar que todo o ser humano é um espírito e que “toda pessoa é um espírito com propósito” (NOGUEIRA, 2020, p.25). Convido-as/os a ampliar a visão sobre a produção de cuidado entre nós mulheres pretas a partir da ampliação da visão da constituição em nós das subjetividades entranhadas das nossas relações interseccionais e não interseccionais, da vida comunitária, da sociedade racista na qual vivemos e, tão importante quanto todas as outras, a constituição do cosmos em nós, a interferência do mundo espiritual, tempo, clima, astros, resumindo: a natureza que somos nós.

3.4.4 Escuta cosmointerseccional

Vem do processo de escuta constituído em mim a partir do que aprendi com a minha mãe, na prática. Ela é a minha baobá, ancestral viva que se manifesta “debaixo do barro do chão” (Gilberto Gil, 1992) até a sublime conexão com o cosmo, na hora que me coloco a escutar as narrativas biográficas, ao escrever a partir do acesso às lembranças de convívio com as mulheres pretas e suas narrativas e, ao me cartografar como sentinte pela autoescuta.

A escuta é cosmointerseccional pela forma de me posicionar no lugar de escutante através da perspectiva espiritual, a considerar o cosmo, o universo e suas dimensões como parte anterior a matéria do corpo, até o caminhar da minha essência espiritual a interseccionar com o corpo de mulher preta, moradora de Belford Roxo, que estou utilizando neste momento que é de empréstimo da terra para esta existência.

Escutar mulheres pretas a partir de sua constituição cósmica, suas cosmogonias e cosmovisões de forma interseccional na encruzilhada de raça, classe e gênero é permitir escutar não somente o que está audível pelo órgão da audição, nítido verbalmente, mas, levar em consideração a comunicação de outras dimensões, registrar aquilo que não se entende, mas faz parte e está presente, em ato, no encontro e na constituição da pessoa ou das pessoas em relação. O fato de não se ouvir não é afirmativo para desconsiderar a presença do que não se tem nomeação ou vai de contrário às nossas expectativas, princípios e ideologias. Aquilo que você acredita, você preserva. Mas, caso não acredite, respeite e registre, o respeito também preserva vidas. A preservação da vida de mulheres pretas que diariamente têm os direitos violados, depende da ruptura do racismo estrutural, portanto, nesse sentido, a escuta

cosmointerseccional é um convite a contra-colonizar, sulear e afrocentrizar o pensamento e consequentemente as ações.

É reverência aos nossos irmãos e irmãs e a reativação do olhar uno de humanos, humanidades e natureza, ao interseccionar simultaneamente evitamos que novas bagagens se percam e recuperamos “as bagagens ancestrais perdidas” segundo Carla Akotirene:

Sem embargo, às feministas negras não resta alternativa intelectual senão a de abarcar o transatlântico e dar sentidos, além da cosmovisão colonial, às relações de poder reconfiguradas pela modernidade, imbricadas e postas à apreciação analítica da teoria interseccional; (...).

A articulação metodológica proposta pelas feministas negras, atualmente chamada de interseccionalidade, recupera as bagagens ancestrais perdidas, milhões delas espiritualmente, presentes nestas palavras do transatlântico, (...).

O impacto do colonialismo à natureza fez milhares de pretos serem atirados ao Oceano e lançou a dicotomia entre natureza e humanidade do padrão capitalista global (AKOTIRENE, 2019. p.40-41).

Na prática ao escutar a minha mãe, as escrevintes dessa pesquisa e ao me autoescutar levo em consideração que também somos essências-sujeitas-cidadãs espirituais que fazemos parte da natureza como seres humanos e naturais. A amplidão do território existencial parte do corpo para o cosmo e ou ao contrário. Esta trajetória é definida pela oferta da pesquisadora(or) e das escrevintes. Nessa lógica, mais uma vez, se manifesta o conceito de biointeração de Antonio Bispo dos Santos (2019) e o ponto de vista dos povos originários por Ailton Krenak (2019-2020), pois cada ser natural é um infinito particular que compreende e se relaciona com outras dimensões não visíveis, não rastreáveis pela não sensibilidade e não percepção de sentinte. Percepção esta que precisa chegar no lugar da gentileza do sensível. O ser humano pesquisador se estiver em processo de desnudar a alma e desincorporar-se, acessará as suas referências de cosmos, ancestralidades e espiritualidade com mais facilidade, e desconforto inicial que faz parte do exercício de olhar-se e escutar-se. Saliento espiritualidade, não religiosidade. São coisas diferentes e não interdependentes.

Ao analisar o comportamento de minha mãe durante tantos anos, encontro nela um padrão orgânico de atividades e posturas. A repetição desse padrão comportamental antes, durante e depois dos encontros com as mulheres pode, talvez, ser considerado como seu método ou abordagem.

Listo alguns pontos:

1. Desligar as painéis - dar atenção por inteiro, desligar daquilo que lhe rouba atenção ao se colocar a dedicar a ajudar alguém.
2. Posicionar-se que o conteúdo da conversa ficará ali, naquele lugar entre elas. Garantia que ela não levaria a conversa adiante e não serviria como garota de recados.

3. Fazer o bom uso do que se escuta.
4. Orar e emitir boas vibrações para quem fala, a outra pessoa presente no encontro.
5. Organizar se for possível o ambiente físico (cadeiras, mesa, etc).
6. Organizar a ambiência, o aconchego, a forma de acolhimento, recepção: casa cheirosa e arrumada, café, água ou suco, música agradável, etc.
7. Ter paciência. Aquele momento na varanda para a mulher que conseguiu chegar lá pode ser de grande significado para ela. Pois muitas chegam com sentimento de que ali é um refúgio dentro do cotidiano.
8. Não julgamento.

Mas, fiquei me questionando... não é só isso! É a manifestação ancestral, no encontro em ato, com outra mulher preta. É o cosmo em ação. É para além de escutar somente com atenção. É escutar os pedidos de socorro através de vários olhos d'água, receber rolos de papel higiênico no aniversário em sinal de agradecimento. É viver em comunhão espiritual para tomar atitudes assertivas no posicionar-se para simplesmente ou complexamente escutar, acolher quem precisa des-silenciar-se, sair do silêncio, ajudar a outra mulher preta a esvaziar-se. Estar em posição de não sabida, aberta para a outra, sem complementar a frase mentalmente para não inferir a sua limitação na vida de quem se escuta. Indo ao contrário das idéias dicotômicas e dos posicionamentos totalitários, dos “corpos totalitários, almas totalitárias, espírito totalitários são como ideologias totalitárias. Negam a partilha em si. Partilham-se. Vivemos um tempo em que se distribui a matéria, mas não se partilha o espírito” como compreende Juracy Marques (2016, p.60).

A escuta cosmointerseccional é a minha aposta na construção de uma forma mais ampliada, inclusiva e integrativa de escuta a partir de nossa realidade atual pandêmica onde a chagada da necropolítica mata antes do vírus Sar-Cov-19. É de fato buscar uma contribuição efetiva para potencializar as relações dentro de suas singularidades, valorizando as diferenças e aproximando-nos como seres humanos, naturais. É a tradução do meu viver na intenção de exercer a minha condição de sujeita epistêmica. Desconfortável com os rumos, assim como, Juracy Marques (2016), pois:

Sentimos que a humanidade está por um fio. A existência humana é marcada por um nível de estranhamento somente observado em períodos de guerras, em conflitos tribais, em violentos processos de genocídios e outros momentos onde a animalidade da humanidade se manifesta. O que nos estranha é a alma humana, seus gritos. Mas não encontramos valor no psiquismo de uma pessoa comum, a não ser que seu berro crie as feridas que nos assustam tanto na atualidade, a exemplo do terrorismo. (MARQUES, 2016, p.56).

Em uma das minhas escrituras, eu escrevi que: “engana-se quem pensa que a ciência não tem alma e nem coração, são eles que direcionam o olhar”. Amplio aqui o meu pensamento: engana-se também, quem pensa que a ciência não está implícita no cosmo e que nós enquanto essências-sujeitas-cidadãs espirituais e humanas, naturais, natureza estamos nos colocando disponíveis para decodificar na linguagem científica, a partir de nossos acúmulos dimensionais. Reconhecer que trago em mim e uso a abordagem de escuta de minha mãe é resultado do direcionamento do olhar pelo coração e pela alma. Exercício de sankofa.

3.4.5 Cuidados produzidos, cuidados recebidos, fuga e reinvenção da vida

Neste capítulo escrevo alguns trechos das histórias de algumas vizinhas que passaram e que frequentam a nossa varanda. Compreender a produção de cuidado entre mulheres pretas, vizinhas de Belford Roxo pelo exemplo acredito que irá melhor sintetizar o entendimento na prática e como tudo o que escrevi anteriormente funciona e interage.

A vivência que eu tenho de vizinhança, apoio comunitário e rede de apoio é pela potência coletiva, a partir de um ponto de vista espiritual, humano, interseccionado em gênero e raça, dororidade e ação. Ela foi construída desde a infância e que se confirma a cada dia na varanda de casa e nas ruas do bairro.

No decorrer dessa pesquisa compreendi e aprendi a valorizar a simplicidade dos encontros que muitos acreditam que acontecem ao acaso, assim como, reconhecer o meu sentimento de alerta e conexão com a comunidade.

Subverter a visão sobre o que é potente é urgente sobre o que ocorre no silêncio e invisibilidade, aos olhos dos legitimadores da importância, seja trazido à tona, insurge e tome assento à mesa a protagonizar.

Uma modificação de perspectiva se faz necessário junto com a reversibilidade, alteridade, desmanches e novas concepções dos papéis impostos como: centro e periferia; potência e fraqueza; principal e coadjuvante, sonante e dissonante, lugar e não lugar; branco majoritário e preto minoritário; sujeito e subalterno; Europa e América Latina-África; e, assim por diante, em processo de ruptura com o status quo presente desta atual forma de sociedade. A vida não é binária e muito menos dicotômica. É plural.

Pensar criticamente sobre o que posto como verdade é um exercício a praticar para uma nova construção de mundo. O uruguaio Joaquín Torres García³², em sua obra de arte "América Invertida", nos instiga a refletir sobre as representações dos mapas, seus objetivos e como a representação geográfica é utilizada. Essa sua obra de 1943, mostra a América do Sul através do "mapa invertido" que é uma nítida crítica à hegemonia do Norte como origem e automaticamente, centro da história. "Nosso norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso agora pomos o mapa ao revés, e então já temos a exata ideia de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde agora, prolongando-se, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte" (GARCIA, 1984).

Mapas 17 - Mapa da América invertida



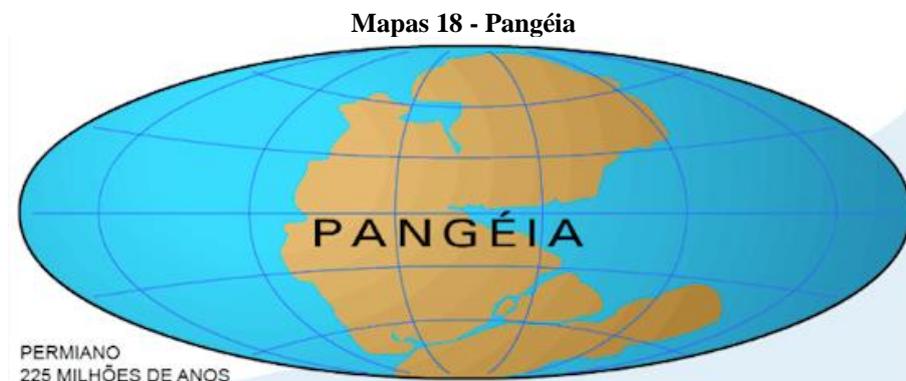
Fonte: Joaquín Torres García (1943).

Eu como mulher preta, a partir de um posicionamento crítico cósmico sankofador, ao olhar para esta obra, eu incluí a África em meu repositório de compreensão crítica, visto que em Pangéia³³ éramos um supercontinente e nossa origem de mulher preta acontece antes da diáspora e do processo de apagamento e epistemicídio. Para um melhor entendimento acesse a

³² Artista uruguaio que ficou muito conhecido por sua arte inovadora e valorização das suas raízes latinoamericana.

³³ De acordo com essa teoria, em determinada época, há centenas de milhões de anos, todos os continentes formavam um só bloco, a Pangeia (do grego, pan = toda e geo = terra). Ao longo de milhões de anos, com o movimento das placas tectônicas, a Pangeia dividiu-se inicialmente em duas partes: Gondwana e Laurásia. Daí em diante, as partes foram sendo fragmentadas, até assumirem a forma atual. Disponível em: <<https://atlasescolar.ibge.gov.br/a-terra/formacao-dos-continentes>>. Acesso em 26 dez. 2021.

Teoria da Deriva Continental formulada pelo geólogo alemão Alfred Wegener em 1912 que foi base para a construção da Teoria da Tectônica de Placas em 1950 pela comunidade científica.



Continuando a reflexão, fico a pensar que não seria possível um processo de resistência em contexto de diáspora sem produção de cuidado entre si comunitário, desde há, pelo menos, 225 milhões de anos, mesmo que o nome, as nomenclaturas, os termos não fossem esse. Mas, refiro-me aqui ao ato e aos efeitos de bem estar, antes da necessidade de linhas de fuga de uma nova realidade escravagista.

Importante deixar escuro que valorar a potência diária de nossos encontros em ato de produção de cuidado, em comunidade, nada tem haver com uma possível visão romântica de uma conjuntura de suas moradoras belforroxenses, motivos pelos quais as suas necessidades de receberem cuidados foram geradas, despertadas e ou ativadas.

A partir do nosso contexto diaspórico, produzir cuidado entre si, além de uma visão de comunidade “que é o espírito, a luz-guia da tribo”, como nos lembra Sobonfu Somé (2003, p.35); é teimosia e rebeldia em continuar vivendo, através de linhas de fugas criativas de sobrevivência para a reinvenção da vida. É um exercício de uso da nossa tecnologia ancestral para sobreviver, resistir e reexistir. Dénètem Touam Bona, em “a arte da fuga dos escravos fugitivos aos refugiados...”, nos apresenta bem essa outra perspectiva de fuga como uma ação ativa contrapondo a perspectiva de uma ação passiva:

Desde o século XVI, às margens das colônias do Novo Mundo, surgem sociedades de escravos fugitivos: Palenques e Cumbes na América hispânica, Quilombos e Mocambos no Brasil, *Marroons communities* na Jamaica e na Flórida, *Campus* na Guiana e no Suriname. Para além de suas diferenças, essas comunidades “florestadas” compartilham uma mesma arte de fuga: o refugio na floresta constitui de fato a matriz de suas culturas. Seja qual for o sujeito (escravos, refugiados, vagabundos, desertores, etc.), a fuga se compõe sempre em contraponto às máquinas de captura. Se ela encontra a sua manifestação mais evidente na experiência histórica da *maroonagem*, não deixa de ser, ao mesmo tempo, uma forma de

resistência universal, perceptível em outros lugares, em outros tempos; inclusive o porvir...

A noção de “fuga” conduz essencialmente a duas coisas: 1) à ideia de covardia, de uma recusa da ação; 2) à ideia de uma simples reação, de um instinto “animal” de sobrevivência em vistas de um perigo iminente ou de uma violência sofrida. Em ambos os casos, a fuga sempre aparece como sendo um fenômeno passivo e secundário. Por meio de suas referências musicais, a noção de “fuga” dá mais conta da dimensão criadora das “linhas de fuga”: A fuga (latim fuga) é uma forma de composição musical cujo tema ou objeto, passando sucessivamente por todas as vozes e diversas tonalidades, parece fugir constantemente”. Fugir não é ser posto para correr, mas, ao contrário, é fazer vazar o real e operar as variações sem fim para frear toda captura. A fuga é fuga criativa. Com sua primeira aparição na língua francesa no século XIV para designar certos tipos de polifonia, o termo “fuga” enfatiza a voz perseguida e evoca, por analogia, a fuga da caça frente ao caçador. Mas, antes de assumir o nome “fuga”, esse tipo de composição era chamado na Idade Média de “chace”, sendo a ênfase posta então na voz de quem persegue. A passagem de um termo a outro exprime, portanto, uma mudança de perspectiva, mas também a reversibilidade dos papéis de presa e de caçador.

Alvo de uma caçada ao homem, o negro *marroon* pode, por sua vez, tornar-se predador. É dessa maneira que, em Honduras, a dança “wanaragua” figura como uma das táticas das Garifunas: jovens homens que se transvestem em mulheres como iscas para atrair os colonos e, em seguida, capturá-los. “Esconder-se, camuflar-se é uma função guerreira. (...) O homem da guerra não é separável das Amazonas”, nos lembra Deleuze. Os negros rebeldes não escapam, mas fogem. Mestres do subterfúgio, eles se esquivam, evadem, desaparecem em uma nuvem de artifícios: pistas falsas, iscas, estratégias, truques de todos os tipos. Fugitivos, os guerreiros *marroons* só persistem em ser ao desaparecer, fazem de seu desaparecimento uma arma de múltiplos cortes. Em seu perpétuo movimento de retiro e ataque, mulheres, crianças, velhos e espíritos acompanham-nos, apoiam-nos, participam dos combates; toda uma diáspora movente de onde jorraram formas de vida inéditas. Essa é, em primeiro lugar, por mais frágil que seja, a vida comum dos homens e das mulheres, do Kongo e dos Ashanti, dos vivos e dos mortos, que produz a comunidade. Por “comunidade”, devemos entender uma organização religiosa e política, técnicas agrícolas e de construção, uma arte da farmacopeia, em suma, uma cultura completa.

Assim, no espaço de uma fuga, nas dobras e dobraduras dos bosques úmidos e densos, surgem e se desdobram contraculturas *marroons*: culturas cuja organização e valores se opõem diametralmente àqueles das sociedades escravagistas. Mas, se a *maroonagem* traça a linha de fuga do espaço colonial, ela igualmente gera, no mesmo movimento criador, espacialidades inauditas: espaços de vidas de vilas furtivas, espaços plásticos dos objetos produzidos (remos, cabaças, casas sob palafitas, etc.).

(...) Fugir não é ser posto para correr; pelo contrário, é fazer vazar o real, operar variações sem fim para impedir toda captura. O sonho é matriz de resistências criadoras, pois abre no cinza do cotidiano o arco-íris do possível. Só tendo sentido na própria carne a limitação dos movimentos, o acorrentamento, o cativo, a segregação, as privações e as múltiplas humilhações é que se pode experimentar uma inextinguível sede de liberdade: o fôlego rouco de “*neg awon*”! (2017, p 03, 04, 05 e 06).

Nesse sentido, a produção de cuidado entre mulheres pretas vizinhas de Belford Roxo, Baixada Fluminense é um vazar da realidade no impeditivo da totalização de suas capturas. Os encontros entre nós, não ocorrem de forma passiva. Eles acontecem a partir de atitudes ativas com base no sonho latente de liberdade de todos os aprisionamentos e dores do cotidiano.

Fugir para aquilombar-se, temporariamente, no encontro em ato com outra mulher ou mulheres; produzir e receber cuidados, trocas, afetos, acolhimento, ajuda, escuta, calor humano, colo, ombro, fraternidade, sororidade, alimento para a alma e o corpo para criativamente encontrar novos sentidos e ressignificar os antigos que favoreçam a permanência na vida neste plano de forma visível aos olhos, é manter atualizada a tecnologia de sobrevivência.

A produção de cuidado é um desfazer diário dos efeitos da agenda do projeto de morte desta sociedade racista, pois é produção de vida, de bem viver³⁴. É uma das formas na prática que encontramos de manter o compromisso “que a gente combinamos de não morrer.” Conceição Evaristo.

Você já parou para refletir quantas mortes, suicídios, perda de dinheiro e perda de saúde foram evitadas no fluxo de uma comunidade através das linhas de fuga? Ou, quantas vidas ganharam novas perspectivas em sua trajetória de existência em função de uns minutos de atenção de uma vizinha, atenção que não é encontrada em sua família? Quantas mulheres deixaram de morrer? Quanta alegria foi distribuída pelo ato de um encontro de escuta ou pela doação de pão? Que o compartilhamento de uma simples informação evitou uma mãe, chefe de família deixar de trabalhar, perder o dia, perder dinheiro e não levar os filhos à escola? Ter a informação que o caminhão do lixo passou ou não é contribuição com a saúde do vizinho e do bairro. Pois se há rato na casa de um pode ser que se espalhe na casa ao lado. A partir da minha varanda constato que vidas salvas ou que tiveram sofrimentos diminuídos pelo exercício de produção de cuidado na vizinhança não são notificados e muito menos têm estatísticas.

Ao ler ou assistir uma matéria sobre uma comunidade, favela e baixada fluminense, analise o veículo de comunicação, qual é o interesse por traz da matéria, qual é a raça, classe e o gênero de quem escreve, edita e dirige. Qual é o seu lugar de fala e escuta dos envolvidos? Quais foram os professores que eles tiveram? Quais escolas estudaram? Qual é a sua trajetória

³⁴ “Bem viver” é uma concepção de vida proveniente dos povos indígenas andinos, presente tanto nos Aimara (Bolívia) quanto nos Quechua (Bolívia e Equador), e também dos povos Guarani (Brasil, Paraguai): Suma Qamaña em aimara, Sumak Kawsay em quechua, Teko Porã em guarani. Não tem uma definição única, mas podemos indicar alguns elementos comuns. Segundo esta concepção, não existe de um lado o ser humano e de outro a natureza, mas todos – seres humanos e demais seres – fazem parte da natureza. Com ela devemos viver de forma harmoniosa: “para a perspectiva do Viver Bem, a natureza não é um objeto; não é uma fonte de recursos e matérias primas; é um ser vivo. Esta dimensão ecológica da realidade reconhece que a natureza é indivisível e intrinsecamente imbricada à vida dos seres humanos; somos parte da natureza” (RAUBER, Isabel. O “bem viver”. Instituto Humanitas Unisinos, 30 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579449-para-salvar-a-humanidade-do-desastre-o-bem-viver>> Acesso em: 26 dez. 2021).

de vida e profissão? Quem foi o seu candidato nas eleições? Qual é o seu pacto de/com a branquitude, o fascismo e o seu exercício de reprodução da estrutura racial? Observe qual é a métrica utilizada para nos designar. Se quem designa é a pessoa que mais produz o lixo e aperta a tecla do elevador com uma criança dentro, ou, é quem descarta o lixo na lixeira através da essencialidade de sua presença e sai com o cachorro da patroa para passear enquanto o seu filho entra para as estatísticas de morte. Se consegue dormir sem remédio. Se caminha com tranquilidade sem se preocupar com a cor da sua pele.

A circunscrição ou o raio perimetral que abrange as produções de cuidado dessa pesquisa não é extensa, da minha casa como ponto central, calcule uma distância de 3 a 4 postes e algumas ruas posteriores. Cada comunidade tem as suas próprias referências e métricas. Importante entender o que significa um: “está tranquilo”, “está calmo”, “estou levando”, “tudo bem dentro do possível”, “fique atenta”, “preste atenção”, “qualquer coisa lhe aviso”, “preciso falar com você”. Saber distinguir o silêncio, o barulho e a movimentação do dia. Pelo volume do som e estilo musical é possível saber de que casa é ou onde está acontecendo o baile do dia.

Pessoas também se tornam referências em suas comunidades, ruas e bairros. Quando essas referências vêm junto com respeito em função da contribuição positiva do seu jeito de ser no mundo produzindo cuidado é importante identificar, reconhecer e valorizá-las, pois é a energia vital dessas pessoas é que ajudam a diminuir o sofrimento de outras pessoas no silêncio sob o sol e sob a lua.

Quais são os limites e os não limites de uma vida comunitária? Até onde vai e resiste a minha rede de apoio? Qual é a sua relevância na constituição do meu ser, em meus gestos, no timbre de minha voz, em meu processo de resiliência e resistência? No que na minha produção subjetiva reproduzo em meu cotidiano as singularidades adquiridas em contato com meus vizinhos? E dessa forma a minha identidade vai se formando.

3.4.5.1 Maria Mendes, a nossa doutora

Interessante é que ao lembrar de Maria Mendes e suas narrativas aqui na varanda, fica nítido que há uma linha tênue e ao mesmo tempo sólida da reinvenção da vida em detrimento da fuga da morte no cotidiano de mulheres pretas produtoras de cuidado.

Maria, com a tranquilidade da sabedoria de uma avó de gêmeos, do alto de seus 67 anos, narra em um de nossos encontros aqui em casa, algumas de suas histórias marcantes vividas na nossa comunidade do Vale do Ipê, na Cidade de Belford Roxo.

E começa a nos contar: - deitada em casa, fui chamada no portão pois uma mulher estava prestes a ter neném. Fiz o parto na porta da vila, dentro do carro. No trajeto da mulher da casa dela ao entrar no carro, o neném coroou. Saiu morta. Uma vida perdida. Era o meu primeiro parto. Não foi como imaginei.

As narrativas, na maioria das vezes, vêm acompanhadas pelas emoções da hora do acontecido. Um suspirar, gestos de mãos, olhos marejados. A constatação da efemeridade da vida.

Uma história puxa outra. As lembranças, assim como, as mulheres pretas, não andam só. Tomam vida e se fazem presente colaborando com a nossa necessidade de vazarmo-nos ao dia ou, o vazar do próprio dia. Pois somos feitas de tempo, a cada dia fazemo-nos e somos feitas. E vazar assim como fugir é um ato de sobrevivência. Já não me lembro como e o porquê o assunto foi iniciado. Apenas estávamos lá, eu, minha mãe e Maria.

Eu nem havia me recuperado da primeira vivência, buscando encontrar respostas internas, entre a simplicidade da narrativa versus a morte de uma recém nascida. Na presença do que é considerado morte e vida, sempre há um hiato em busca da razão.

Quando ela prosseguiu com outra história: - outro dia quando eu estava em casa e fui chamada pela irmã de uma bebezinha, a pedido da mãe. Estava acontecendo um culto na casa dela... Olha, foi uma situação que eu nunca tinha passado. Quando estudamos enfermagem, não temos noção que a realidade é bem diferente da sala de aula. Eles não nos preparam para isso, principalmente com crianças.

Retoma ela: - Eu vi uma criança toda mole, desfalecida. Peguei a tábua de carne e a coloquei em cima, fiz massagem cardíaca e respiração boca-a-boca. E ela se moveu. Levamos direto para o médico. Ela parou a respiração umas duas vezes no trajeto dentro do carro. Chegamos ao médico e eles não descobriram o que ela tinha. Eu, aflita, escutando com atenção e curiosidade pelo desfecho quando ela finalizou e disse: - Hoje ela está aqui, entre nós, viva com 14 anos. A neta de nossa vizinha.

Maria Mendes traz em seu histórico profissional uma vasta vivência como cuidadora de idosos a partir da experiência do trabalho como técnica de enfermagem em regime de *Home Care*³⁵. Estava mais acostumada em lidar com situações complexas e corriqueiras com pessoas que poderiam ser seus pais. Não seus netos e netas. Por isso também que essas histórias foram muito marcantes para ela.

³⁵ Para fins deste Parecer, o termo Home Care refere-se aos Serviços de Atenção Domiciliar, nas modalidades de Assistência e Internação Domiciliar, regulamentados pela Resolução RDC nº 11, de 26 de janeiro de 2006 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária-ANVISA (Agência Nacional de Saúde Suplementar, 2021, p.1).

A terceira história considerada inesquecível, marcante pela Maria Mendes foi no próprio seio familiar, com a sobrinha que aos 17 anos tentou o suicídio. Ela conta: - Minha sobrinha vinha de um processo depressivo. Estava cianótica quando cheguei. Tomou chumbinho. Não pensei, coloquei no colo e a levei ao posto. Não sei como tive forças físicas para tal. Fizeram uma lavagem e ela sobreviveu. Mas, um tempo depois, ao pegar o marido com outra mulher decidi fazer um aborto. E, há 11 anos, ela não está mais entre nós.

Três relatos, entre tantos, de vida, quase morte e morte em apenas três dias na vida de Maria Mendes. Ao contrário do título, ela não é doutora. Não tem doutorado e muito menos é médica. Meu pai, Edinaldo, que a chama dessa forma, assim como, algumas pessoas mais antigas da comunidade, no sentimento de reverenciar respeito. Pois, antigamente, todos os médicos eram considerados doutores, os que tinham ou não doutorado, mas esse detalhe para quem tem a necessidade de ser atendida por eles é indiferente. Médico é doutor, doutor é médico e o respeito vem antes de tudo, pois se dedicam a cuidar e a salvar vidas. Muitos idosos trazem a vivência do doutor de família, bem conceituado nas cidades de origem. Alguns moradores são de outras cidades e estados e trazem essas lembranças desde a infância. A geração mais nova, como filhos e netos desses idosos, conheceram os médicos de família pelo Sistema Único de Saúde, o SUS e os agentes de saúde. Maria, foi agente de saúde do PSF, o posto, aqui perto, durante uns 4 ou 5 anos, daí vem o misto de intimidade familiar que temos com ela. Antes de pensarmos em ir ao posto. A imagem da Maria Mendes chega em primeiro lugar. Seja pelo motivo de uma dor física ou moral. Ela conta que tem gente que mesmo indo ao médico, não confia no médico (como antigamente) e pede a ela “uma olhada” no que foi prescrito se realmente faz sentido.

O cuidado de Maria Mendes conosco, comunidade, foi exercido dentro de seu autogoverno, pois ela sabia que como agente de saúde ela não poderia efetuar determinados atendimentos aqui fora do posto. Porém como ela disse: - Mas como eu moro na comunidade, eu via a situação na minha comunidade, e eu via como se trabalhava no antigo Programa de Saúde Familiar conhecido como, PSF, atual Clínica da Família, eu falei gente, eu tive muitos aborrecimentos lá, porque marcavam VD (que é a visita domiciliar). E chegava no dia e a pessoa responsável não vinha. O responsável por aquela visita, falava: - vou desmarcar porque hoje não dá. Eu tinha muitos pacientes idosos e comecei a perder os meus pacientes. Para mim os meus pacientes eram como a minha mãe. Minha mãe era viva. O que eu queria para a minha mãe, eu queria para eles. E aquilo começou a me chatear. E eu comecei a fazer em paralelo, sem que eles soubessem que eu não poderia fazer isso. Eu assumi essa responsabilidade para mim, eu comecei a verificar a pressão, fazia curativo, auxiliava na

medicação, às vezes, as pessoas não sabiam como tomar a medicação eu ia lá e explicava, pegava receita, trocava no posto, pegava a medicação entregava, eu via a dificuldade do idoso de chegar lá e não ser atendido, pois houve um momento difícil em função da falta de pagamento e devido a isso as coisas não eram feitas como deveriam ser feitas. Isso me chateava muito. Eu era conflitante dentro do PSF. Eu discutia tanto em função disso.

Abro uma breve observação aqui sobre a questão da confiança entre médicos/profissionais de saúde e pacientes moradores de comunidade, lembrando que a maioria da população é preta, a partir da perspectiva de comunidade, onde um pedido de legitimação para Maria Mendes sobre o que foi prescrito faz sentido para quem o pede. Pois ela nos conhece, pisa no mesmo chão, respira o mesmo ar, tem a mesma preocupação com a segurança de seus netos gêmeos, ainda crianças. Sabe o custo físico e emocional para conseguir comprar um remédio. É algo para além da empatia. É um posicionamento onde a pele e a epiderme fazem sentido. Existe o fluxo de acesso, não há barreiras, não há protocolos e burocracias. Há um fluxo de amor e respeito pela vida que se manifesta de forma simples, orgânica e imediata. Não há tempo e nem dinheiro perdido nesses momentos de produção de cuidado.

Maria Mendes e minha mãe tornaram-se confidentes uma da outra, de forma gradativa desde os meus 7 anos de idade, quando meus pais saíam para trabalhar e eu ficava em casa sozinha. Um dia, aqui na varanda estávamos relembando como elas se conheceram e ela me disse que em uma manhã bem cedo, com bastante neblina na rua, pois haviam poucas casas, muita vegetação como árvores, matos, arbustos e etc; Da rua, nesta época, era mais nítido visualizar as luzinhas da serra de Petrópolis, o vai e vem dos veículos subindo e descendo a serra. Era um frio forte, era uma diversão brincar de tirar a fumaça da boca ao abrir a mesma. Bem, foi neste clima de temperatura que um dia, na rua, eu criança, chamei a minha mãe que já fazia o seu trajeto, em direção ao ponto de ônibus, em frente à casa de Maria Mendes que ao perceber o meu chamado, chamou a minha mãe que estava mais próxima a ela. Minha mãe a agradeceu e retornou para falar comigo. Eu queria apenas um beijo em estado de acordada, pois a minha mãe havia me beijado enquanto ainda estava dormindo. Naquele dia acordei mais cedo do que o previsto. Desse momento em diante a amizade entre as duas foi crescendo e tomando corpo.

Quando vejo Maria Mendes e minha mãe conversando, sinto o fluir da energia de Nanamburucu³⁶ pelo menos 4 vezes. Em cada uma delas; na presença de energia que as

³⁶ É a designação de Sant'Ana ou a Deusa da chuva. Diz-se também Nanamburoquê. Também conhecida como o orixá da sabedoria e dos pântanos. Chamada de mãe ou avó (PINTO, 2007, p. 130).

envolvem pelas pessoas que são e pelas mulheres que se tornaram; e, porque minha mãe nasceu em 25 de Julho, um dia antes da comemoração de Nossa Senhora de Sant'ana³⁷ e dia dos avós. Nanamburucu se fazendo presente na sabedoria das conversas, nos conselhos e na alternância da escuta mútua.

Assim como minha mãe, Maria Mendes começou a trabalhar cedo em casa de família. Dona Ana fazendo serviços domésticos, aos 9 anos de idade e Maria Mendes, por volta de seus 5/7 anos, não lembra exatamente, iniciou o seu processo de cuidar através de sua vizinha, Elza que quebrou a bacia no acidente de carro que sofreu junto ao seu marido e de seu filho, Ricardo. Elza ficou com dificuldade de se locomover e ficou apenas deitada. A mãe da vizinha, pediu se uma das meninas poderia ir lá ajudar, ficar com a Elza até ela melhorar e com seu filho. E assim foi feito com autorização da mãe de Maria Mendes.

Ao percorrer essas lembranças, Maria Mendes é direcionada para alguns momentos desse cotidiano em que se deu conta de seu início de processo de cuidar: - eu colocava e tirava a “comadre” em Elza, dava almoço a ela e ao colocar as louças na pia Dona Elza não a deixava lavar. Dava almoço ao Ricardo que previamente era deixado já no prato por sua avó, o arrumava até que o carro que o levava para creche chegasse. Como era bem pertinho de casa, minha mãe sempre ia lá e dizia, “vai lá Maria Mendes dá uma olhada em Elza. Veja se ela não quer uma água ou alguma coisa”. E eu ia. Como eu era muito grande, eu sempre fui grandona, talvez, mamãe não fazia nem por maldade, mas a nível de ajudar o próximo. Eu não lembro se essa senhora... Ela deveria dar alguma coisa a minha mãe, pra ajudar... na renda familiar... pois nós éramos pobres, minha mãe lavava roupa para fora e lavava a dela também. Esse negócio de ajudar e cuidar eu herdei muito dos meus pais. Minha mãe sempre criou o filho dos outros, sempre ajudou, ela dava comida a quem batia à nossa porta... Meu pai por ter um centro espírita umbandista também ajudava muito, as pessoas doentes batiam na porta de meu pai. Ele fazia remédio caseiro para ajudar. Fazia as consultas e voltava para casa de 15 em 15 dias.

³⁷Santa Ana foi a mãe da Virgem Maria e avó de Jesus Cristo. Só concebeu quando estava com uma idade avançada e deu a luz a Maria, que teria nascido por volta de 20. a.C. O culto a Santa Ana difundiu-se no Oriente, e no século VI o imperador Justiniano mandou construir um templo em sua homenagem em Constantinopla. FRAZÃO, Dilva. Santa Ana. Ebiografia, 21 de fev. de 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/santa_ana/> Acesso em 26 de dez.2021.

Em 1966, aos 12 anos de idade, Maria Mendes se mudou do bairro da Penha para morar na Tijuca, no morro do Borel³⁸, ambos os bairros na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ela conta que nunca tinha convivido com a realidade da pobreza, pois era pobre mais nunca havia faltado o que vestir e o que calçar em casa: - Na Penha os mais pobrinhos eram a gente, morávamos em um barraco de tábuas, outros eram casa de alvenaria, naquele trecho os mais pobres eram a gente. Mas, alimentação, não faltava, não faltava o alimento, tínhamos fartura de comidas, de frutas, tinha plantação no quintal, papai criava galinhas, porcos. Então não faltavam essas coisas para gente. Aí eu fui ver a realidade das pessoas não terem o que dar de comer para um filho. As mães saíam para trabalhar, eu com 12, 13, 14 anos fui trabalhar fora. Aí lá no morro eu vi as crianças andando peladas, descalças, com nariz escorrendo, as mães saíam para trabalhar de manhã e voltavam de tarde, as crianças ficavam sozinhas, crianças de 8, 9 anos tomando conta do irmão de 4 e 5 meses, 6 meses. Aí eu comecei pegar essas crianças e levar para dentro de casa. As que eram mais chegadas, levava lá para casa, cuidava, dava banho. Como eu já trabalhava, eu saía para trabalhar de manhã e de tarde eu já estava em casa por volta de 1 hora, 1 hora e meio da tarde.

O local de trabalho de Maria Mendes nesta época era na casa de Maria Mariano da Silva Rondon, filha de Cândido Mariano da Silva Rondon, o Marechal Rondon³⁹: - Ele tinha outras filhas, Clotilde, Branca e outro filho que não lembro o nome. Lembro-me que o nome da rua da casa dela era São Miguel na Tijuca, o apartamento no prédio era no primeiro andar. Não lembro o número. Ela criava cachorros pequinês, tinha muito cachorro pequinês no apartamento. Eu fui trabalhar lá para levar o cachorro na rua, ir nas exposições (Observemos como a história se repete, mulheres pretas trabalhando como domésticas levando os cachorros dos patrões para passear). Eles estavam todos registrados no Kennel Clube⁴⁰. Eu ia de manhã

³⁸ O Morro do Borel é uma comunidade que tem história para contar quando o assunto é remoção e luta, desde o início, em 1921, quando os moradores foram retirados dos morros do Castelo e Santo Antônio, no Centro da cidade e levados para um morro no bairro da Usina. No local, funcionava uma fábrica de cigarros da Souza Cruz. Os donos eram os irmãos Borel. Nos anos 50, os moradores da comunidade travaram lutas históricas para evitar uma nova remoção. Apoiados pelo advogado Magarinos Torres (que hoje dá nome à escola pública da comunidade) eles conseguiram ficar. A comunidade cresceu e atualmente tem quase 20 mil moradores (Morro do Borel. Favela Grafia, 2016. Disponível em: <<https://www.favelagrafia.com.br/2016/borel>> Acesso em: 26 dez. 2021).

³⁹ Marechal Rondon (1865-1958) foi militar e sertanista brasileiro. Foi o idealizador do Parque Nacional do Xingu e Diretor do Serviço de Proteção ao Índio. Integrou a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, atravessou o sertão desconhecido, na maior parte, habitado por índios bororos, terenas e guaicurús. Abriu estradas, expandiu o telégrafo e ajudou a demarcar as terras indígenas. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/marechal_rondon/> . Acesso em 26 dez. 2021.

⁴⁰ Art. 1º – O Brasil Kennel Club, abreviadamente BKC, fundado em 10 de novembro de 1922, considerado como entidade máter da cinofilia brasileira e reconhecido de utilidade pública pelo decreto federal de 5 de dezembro de 1933 e Municipal n.º 4008, de 10 de Setembro de 1932, é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, como sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro. Site: Brasil Kennel Club. Disponível em: <<https://brasilkennelclub.org.br/estatuto/>> Acesso em: 26 dez. 2021

comprar carnes para os cachorros, pois havia cozinheira na casa, minha mãe lavava e passava a roupa de lá. No apartamento tinha um quarto com todas as coisas do Marechal, farda dele, aquelas coisas de tomar chimarrão, eu chamo de cuia. Havia também no quarto as espadas dele, botas, fotos, livros, condecorações. Aquilo que ela tinha conseguido recuperar dele. Ela trabalhava na Biblioteca Nacional. Na época ela já era uma pessoa de idade, mas ela saía todo o dia para ir trabalhar. Era uma pessoa muito boa. Não fazia distinção de raça ou de cor. Dona Maria, se a gente ficasse resfriada, ela falava assim: - Dalva, bota essa menina sentada aqui na mesa para comer. A gente sentava junto com ela, mandava a cozinheira fazer a melhor comida pra gente comer ali. Isso ela fazia comigo e com os dois filhos da cozinheira que moravam lá. Foram nascidos e criados lá. Era a família que ela tinha. Fiquei lá até mais ou menos os meus 18 anos. Depois ela foi para a Ilha do Governador e eu não quis ir.

Nessa época, aos dezoito anos, no tempo de verão, antes de sair para trabalhar, Maria Mendes combinava com as mães das crianças que ao chegar em casa, levaria as crianças para a praia, era o tempo de subir o morro se arrumar, descer e ir pegando as crianças. Iam para o Arpoador, em Ipanema, só voltavam da praia à noite. Era o trajeto de uma condução, as crianças não pagavam passagem. Todos com seus devidos lanches. Eram, mais ou menos, umas dez a doze crianças. Até que quase ela se afogou. O fato não foi consumado, pois recebeu ajuda de um homem. Depois disso decidiu não levar mais as crianças para a praia. Passou as levar para o Carnaval. Com o tempo o sambódromo foi inaugurado, aí eu levava eles para assistir os blocos antes das escolas de sambas, levava também para pegar doces de Cosme e Damião. - Eu queria que eles tivessem vida fora do morro. Naquela época os marginais, donos das bocas, viviam de terno, gravata e pasta 007. Quando a polícia chegava, eles se escondiam para não ter conflitos. Eram poucos, mas eram pessoas de mais idade.

Da escola até concluir o curso de técnica de enfermagem e tirar o COREN, aos 14 anos ela deixou a escola para ir trabalhar. Mas, antes da desistência, repetiu a 5ª série 3 vezes, como ela disse foi conscientemente, para não passar para o período do ginásio. Pelo motivo de ter vergonha do próprio corpo, pernas grandes e grossas. Só o pensar em ter que participar das aulas de educação física e usar short curto e justo, que na época era conhecido como short bombacha, era um impeditivo para passar de ano. Fazia-se por repetir com consciência. Confessou que nunca conversou sobre isso em casa e com ninguém. Deixou passar. Enquanto uns a chamavam de repete sem entender o real motivo. Admite, ainda hoje, ter vergonha das pernas, usando apenas, short abaixo do joelho. Ao perguntar se existia algum motivo anterior que a levou nesta situação, ela me respondeu que passou por várias situações de

bullying⁴¹ dentro da família através dos próprios irmãos quando eles queriam mexer, implicar com ela: - Isso mexe comigo até hoje. Às vezes as pessoas fazem as coisas e não sabem o quanto aquilo vai mexer com você. Falavam... olha o seu cabelo como é duro, é diferente do meu. Realmente o meu cabelo lá em casa é o mais ressecado. Mas, isso não me incomoda, hoje, não me incomoda, depois que eu assumi cortar o meu cabelo, a deixar o meu cabelo bem baixinho e deixar o meu cabelo natural e não pintar... Então, eu me assumi assim, me acho linda e maravilhosa, não me incomoda. Hoje, de uns anos para cá, o meu cabelo não me incomoda desde que eu me assumi como eu sou.

Continuando ainda sobre o tema autoestima, Maria Mendes conta que foi trabalhar em uma casa que foi para fazer tudo, tinham duas crianças, a mulher era nissei e o marido japonês, na época ela já tinha a filha mais velha. trabalhava lá, mas nunca era de me pintar, usava roupas básicas jeans, uma camiseta. E em um dado momento a filha da patroa, 7 anos, a chamou, “Maria Mendes vem cá”. Ela me pegou uma roupa da mãe dela, me enfiou a roupa da mãe dela, me sentou na cama, me maquiou todinha e falou para mim: - olha aqui no espelho, você não é feia não Maria Mendes, você é bonita, fala que você é bonita. E, a partir desse dia, eu comecei a me amar como ser humano, como mulher, como mãe, como amiga. Uma criança despertou a beleza que havia escondido dentro de mim.

Divagando em meus pensamentos ao escutá-la, lembrei de imediato de uma mentoranda, chamada Luisa, que tive há alguns anos, mulher preta, que confessou em um dado momento da vida ter começado a comer, conscientemente, de forma desequilibrada para engordar, na intenção de que o corpo não fosse atrativo aos homens e dessa forma, o seu corpo não chamaria atenção. Luisa em específico, sofreu violência física e associou o corpo como instrumento de atração de violência fora as questões comuns de se sentir culpada pela violência sofrida.

Assim como Maria Mendes, Luisa também demorou a reconhecer e aceitar os seus traços negróides, corpo e cabelos crespos em função da presença do racismo em seu cotidiano de mulher preta.

Voltando à questão dos estudos, Maria Mendes voltou a estudar na mesma escola em que foi inscrever uma de suas filhas, Escola Cenecista São Simão, no município de Belford Roxo. Começou a trabalhar de faxineira na escola, pegava 6 horas da manhã e de noite

⁴¹ Definição de Bullying, segundo a Lei 13185/2015, Art. 1:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015, p.01).

estudava. Fez o supletivo e concluiu o ginásio a 5^a, 6^a, 7^a e 8^a série. Posteriormente foi estudar no Colégio Casimiro de Abreu, conhecido como COCA, em Duque de Caxias, se formando em técnica de enfermagem. Continuou durante um bom tempo ainda trabalhando na escola e passou a dar palestras sobre vários temas.

Maria Mendes vem de uma família de vários irmãos e irmãs, sua casa era conhecida como a casa das 7 mulheres, entre a irmandade alguns são sobrinhos e sobrinhas que os pais cuidaram por vários motivos. Nunca sentiu diferença no cuidar dos pais. Todos eram irmãos.

Em meio, ao viver do cotidiano produtor de cuidados, San Maria doou seu rim ao sobrinho afilhado. Ela era a pessoa mais compatível da família.

Maria Mendes é avó de gêmeos e mãe de duas filhas. No processo cuidador do cotidiano, ela se divide hoje, entre Triagem na casa dos netos e a sua, algumas casas após a minha.

De olho em olho, Maria Mendes agora olhou várias gerações aqui na comunidade e ainda olha, em uma cadência menor, devido à própria saúde e o cuidar dos netos. A comunidade recebe o seu olhar e também a olha com respeito e em muitos casos em sentido de urgência.

Lembrando da importância de quem cuida também precisa de cuidados, os encontros em ato, entre ela e minha mãe, foram e são muito cuidadores e com o passar dos tempos tornaram-se cada vez mais reservados e privados. O desaguar de dores e de determinadas alegrias requerem assim como a idade, uma ambiência melhor organizada. É a manifestação da ação ativa da fuga para o lugar certo, com as pessoas que você escolhe para caminhar contigo. É o exercício de nossa tecnologia ancestral na roupagem de seu tempo, tempo espiralar.

Mesmo com as nossas diferenças de 25 anos de idade, encontrei similaridades na questão da influência dos pais em nosso processo de cuidar. Vou chamar de herança cuidadora. Cada vez que escuto Maria Mendes na varanda, fico pensando, como os mapas de vida, das mulheres pretas, no sentido de suas trajetórias familiares, pessoais, profissionais, espirituais e etc, aliadas às cartografias sentimentais constituem a nossa construção de identidade de forma a encontrarmos muitos pontos em comuns. Ressalto aqui que falo de mapa e não de território geográfico e existencial que são onde as nossas singularidades criam vida. E quando alio as minhas observações ou a busca de compreensão dos nossos caminhos às janelas de tempo político, social, econômico, educacional, espiritual, tecnológico, cultural de nosso contexto de país e localidade a significação da filosofia africana Ubuntu: sou quem

sou porque nós somos, faz muito mais sentido ao caminhar na prática do nosso processo de constituição psicossociológico.

Essa escrevivência de Maria muito aumentou o meu sentimento de afeto e atravessamento pela vivência e dos sentimentos adquiridos e reverberados através das trocas de produção de cuidado. Eu recomecei, pois até então, eu havia finalizado a escrevivência da Maria Mendes. Mas, após essa suposta finalização minha mãe passou mal com a pressão chegando a 25. Vou resumir porque a história é grande.

Quem deu o alarme ao verificar a pressão e constatou o fato da alta pressão foi outra vizinha, também chamada Maria. Mulher branca, mãe da amiguinha da minha filha, mora na casa em frente a minha. Esta segunda Maria, trás em seu ser a disponibilidade interior em produção de cuidado assim como a Maria Mendes. A mais nova, também, tem em Maria Mendes um exemplo de doação para a comunidade e família. As duas compartilham de repertórios de histórias e vivências.

Após a descoberta da alta pressão até hoje, dia de Natal, 25 de Dezembro de 2021, as duas Marias vem auxiliando a minha mãe em sua recuperação.

Minha mãe passou pela experiência de ser atendida inicialmente na Unidade de Pronto Atendimento - UPA - mais conhecida como Posto de Saúde do Lote XV. Ela foi muito bem atendida por todos os funcionários. Dias depois precisamos a levar no Hospital Adão Pereira Nunes, em Duque de Caxias, conhecido como o Hospital de Saracuruna, pois a pressão continuava muito alta. Para mim foi um terror, mesmo sendo idosa e com o direito garantido na constituição e no estatuto do idoso, a minha mãe não pode ter acompanhante após a passagem pela recepção do hospital. Regras internas. Para conseguir acesso ao direito é necessário entrar na fila e esperar ser atendido pela assistente social. Neste tempo de espera na fila em busca dos direitos da minha mãe, ela foi liberada. Sem nenhuma explicação, foi deixada sozinha na recepção com a receita médica em mãos. Situação esta que nunca passou pela minha mente.

Após essas duas situações de emergência, minha mãe foi atendida pelo seu cardiologista que ao ler os exames constatou que estava tudo bem com o coração de minha mãe. A encaminhou ao gastrologista que constatou uma alteração nos rins através das taxas dos exames de sangue. Neste período, todos aqui em casa ficamos gripados, assim como todo o estado do Rio de Janeiro que ainda passa por um surto de gripe. Situação atípica, pois geralmente o usual é ocorrer surtos de gripes no inverno e não no verão.

Bem, neste somatório de desafios, entre muitos momentos aqui em casa, sendo auxiliada pelas duas Marias, fiz esse registro do momento que Maria Mendes explicava para a

segunda Maria como utilizar da forma correta o aparelho de pressão manual, em decorrência dos nossos aparelhos de verificar a pressão serem digitais e aparentemente poderiam estar desregulado na possibilidade de falso quantitativo do valor da pressão.

Nas sequências das imagens, abaixo, está minha mãe ao fundo no sofá, após o atendimento das duas Marias. O braço em que o aparelho está é o meu. Maria Mendes explica para a segunda Maria como utilizar o aparelho. A imagem de todas as envolvidas foram preservadas.

Ilustração 41 - Casos acumulados



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 42 - Casos acumulados



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 43 - Casos acumulados



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 44 - Casos acumulados

Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Esse momento, recente, trouxe em minha mente de filha, vizinha, pesquisadora, mulher preta, mãe, moradora de Belford Roxo vários sentimentos a partir do processo da necessidade do momento em questão, ou seja, a razão de ser da presença das duas em auxílio a minha mãe, pois eu como filha já não estava dando conta nem de mim, como pesquisadora “in mundo”, imersamente “sentinte” pensando ao mesmo tempo em pesquisa e como filha preocupada com a mãe, em situação corporal fragilizada.

Pessoas queridas, vocês que vem efetuando a leitura dessa pesquisa que transcende-me, constato que não tenho palavras para descrever os efeitos dessa pesquisa em mim, pois os sentimentos estão ainda, em ebulição em meu ser pelos processos de interseção que começaram na minha varanda com o desligar das painéis da minha mãe e adentrou a sala e todos os cômodos da minha casa e todas as esferas do espírito. É literalmente o “É NÓS POR NÓS” do título da pesquisa atrelada à urgência do viver.

Minha mãe segue se recuperando da pressão. Alguns medicamentos foram trocados, excluídos e retirados da receita. Ela está em processo de reeducação alimentar. Nesse período ela fez vários quadros de hipoglicemia. Foi um susto também. Mas, também se regularizou. Os próximos passos são ir ao endócrino, gastrologista novamente e ao nefrologista.

3.4.5.2 Vera, a andarilha

Faça chuva ou faça sol, Vera sempre encontra um pretexto para simplesmente não ficar em casa. Mãe de duas filhas já adultas, que foram minhas colegas de escola no ensino infantil e fundamental. Desde que a conheço ela faz visitas regulares e sistemáticas aqui em casa.

Reconheço que ao usar a palavra pretexto é o máximo que consigo alcançar, certamente não é a palavra certa. Pois nunca conseguimos captar com plenitude o seu desconforto, ou seja, o que for em relação a sua própria casa, ambiente e ambiência que não a retém.

Trabalhou durante muito tempo como empregada doméstica na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Cresci recebendo dela várias bijuterias que suas patroas descartavam, de tempos em tempos, na renovação da manutenção de suas vaidades. Vera não as usava e nem permitia que as filhas usassem, pois elas seguem até hoje uma denominação religiosa protestante onde o cuidar da vaidade externa com muitos brilhos, cores e acessórios não faz parte do código de vestimenta que permite a chegada até o Céu.

Escrevendo esse trecho lembrei do “dress code”, o código de vestimenta imposto por algumas empresas a suas colaboradoras pretas que mencionei na página 58. O raciocínio é o mesmo, veladamente é um dito e afirmação que o exercício de sua identidade e autoestima como mulher preta não lhe credencia a entrar no céu, seja ele, o céu capitalista de César ou, ainda, o céu incompreensível de Deus. Entre “dai, a César o que é de César e dai, e a Deus, o que é de Deus” (Mateus 22:21-22). A estrutura racial continua usando Deus para efetuar e justificar a manutenção de César.

Mas, uma coisa que sempre admirei em Vera foram os seus cabelos e vaidade neste sentido. Muito antes de todas as questões atuais sobre a estética capilar das mulheres pretas, ela sempre usou com muita naturalidade apliques de tranças que continua a usar até hoje.

Vera, assim como, muitas mulheres vizinhas sofreram vários tipos de violências, principalmente, a violência emocional dentro do ambiente doméstico quando era casada. Acompanhamos aqui na varanda ou podemos chamar também de porto seguro.

Entre tantas visitas que ela nos faz, teve um dia que as coisas estavam corridas aqui dentro de casa, crianças, os fazeres domésticos, perto da hora do almoço. Era um dia agitado e meu pai não estava lá com muita paciência. Dentro desse ritmo da casa ela chamou ao portão, e meu pai falou: - chiii, ela vai repetir tudo de novo. Vive repetindo as histórias. Eu confesso, que mentalmente concordei com meu pai. Minha mãe, muito sabiamente respondeu: - exatamente por isso, somente nós a escutamos e temos paciência com ela. E quem disse a você que não repetimos histórias. Quieta escutei. Quieta permanecia. Só observando o

desenrolar da situação, pois sem saber, minha mãe também me respondeu. A maior parte das coisas que minha mãe fala é lei. Há sempre um misto de dúvida, entre nós, sobre a autoria das respostas de algumas questões, pois aqui em casa, a nossa convivência é tão orgânica e natural com a espiritualidade que, em alguns momentos, precisamos confirmar se é recado espiritual ou, se vem, de fato, de nós enquanto interlocutores.

A partir dessa sabedoria de Dona Ana Maria, compreendi o quanto preciso evoluir no trato com as pessoas que repetem suas histórias. No exercício da fraternidade e dororidade de não completar as histórias, mas de acolhê-las junto com as suas protagonistas. É nesse momento que a luz do “espírito, guia da tribo” se faz presente no corpo de uma mulher preta, paciente, escutando a outra, em um de seus momentos de fuga da realidade, no vazar-se de seu cotidiano. Um oferecimento de água, café, almoço e etc. Mas a fome dela na verdade é de atenção. É raro o momento em que não há atenção de minha mãe para com ela ou com qualquer outra mulher.

Temos muita preocupação com Vera, é idosa e diabética. O seu tom de voz traz um timbre de ingenuidade. Ajuda financeiramente várias famílias que só estão interessadas em seu cartão de crédito. Mas isso não tira o sono. Como ela diz: - Se tem possibilidades porque não compartilhar? Nem todas as pessoas usam de boa fé ao receber esse compartilhamento.

Na maioria das vezes, não demora, são visitas rápidas, dentro do fluxo de passagem, no exercício de não ficar parada dentro de casa. Não é uma caminhada voluntária, o corpo parece que já se acostumou. E quando não consegue sair por algum motivo, quem sofre é quem está por perto, no caso, as filhas, como ela diz que ao mesmo tempo fica preocupada com essa necessidade de andar.

Nós que gostamos muito de nossa casa e de ficar nela, ficamos aqui intrigados com esse não conseguir permanecer por muito tempo na casa dela. É algo incompreensível para nós. Com o entendimento que também não precisamos compreender tudo. E sim, acolher e dar atenção, carinho e escuta. Essa pandemia foi um grande desafio para ela. Aguentou o quanto pode. Mas, mesmo quando todos se resguardavam em casa seguindo os protocolos de distanciamento e afastamento, com notícias de mortes de vizinhos entre nós, ela não conseguiu.

Dáí veio uma reflexão, se em um momento como esse que estamos aprendendo a lidar com um inimigo invisível, a morte pode estar em qualquer lugar, inclusive na casa ao lado. Se ela não consegue ficar em casa é porque essa necessidade é maior do que ela. Talvez, incompreensível até para ela. A nossa varanda sempre está na rota de Vera.

Recentemente, cerca de uma semana antes do Natal, ela esteve aqui. Pediu ao meu pai o carrinho de feira emprestado e voltou com ele cheio de bananas verdes provenientes de seu quintal. Como ela sabe que gostamos e comemos muita banana, ela nos trouxe esse presente.

Ilustração 45 - Bananas do quintal da Vera



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Sob as ordens de minha mãe, dividimos as bananas, ficamos com uma parte e compartilhamos com outras vizinhas. Essa é uma prática comum aqui em casa e no bairro entre a comunidade.

Temos um pé de goiabeira no quintal, de goiaba vermelha, que a maioria dos vizinhos já receberam de minha mãe o suco ou comeram o doce de goiaba feito por ela.

Ilustração 46 - A goiabeira do quintal



Fonte: Tatiana Brandão (2022).

Há alguns anos atrás, os vizinhos recebiam, também, abacate do nosso abacateiro que teve que ser cortado, pois as raízes estavam penetrando na estrutura da casa e na cisterna. Chorei muito quando meu pai teve que tomar essa decisão, pois foi a árvore que eu plantei junto com a minha mãe. Mas, compreendi e concordei com a decisão. Nos despedimos dele, conversamos com ele, explicamos a situação da nossa tristeza interna em ter que realizar tal feito.

Essas trocas são o que formam o fluxo visível e invisível da sustentação da vida em comunidade, nossa rede de apoio, através da autonomia do ir e vir das mulheres pretas. Junto com as bananas vêm informações, novidades, comunicados, saudações, abraços e etc.

3.4.5.3 Ana Carla

Entre tantos aprendizados e momentos que tive com a Ana Carla, o mais marcante para mim foi quando ela me disse: - irmã, temos a mania de orar somente para pedir e esquecemos de orar para manter o que pedimos a Deus. Se é bom, temos que orar para manter. Essa fala dela retumbou dentro de mim, ecoou forte. Fez muito sentido em meu processo de relação com o cosmo, com Deus e o universo.

Ana Carla é uma das minhas amigas de infância e escola que se tornou amiga também da minha mãe, caçula de 14 irmãos, hoje está com 45 anos, mãe de um casal de filhos, graduada em teologia, está se organizando para cursar assim que for possível a graduação de Serviço Social. Tem conhecimento em primeiros socorros.

Um dia ela me contou que quando ela vinha aqui em casa conversar comigo ela observava a forma como meus pais me educavam com maturidade e independência para seguir a vida, pois em muitos momentos, mesmo quando criança, eu ficava sozinha em casa aguardando os meus pais retornarem do trabalho. Para ela, a minha mãe tinha uma visão diferenciada de educação porque trabalhava fora. E no seu íntimo ela se questionava como seria a educação dela se a mãe dela também trabalhasse fora. Essa indagação fez parte de seus pensamentos muitas vezes. Começou a observar os pais separados e os pais que viviam juntos, a forma como meus pais passavam cultura para mim e me protegiam de coisas que ela nem tinha conhecimento.

Em conversa com a Ana Carla, a partir de suas lembranças, ela me lembrou das fotos nas paredes, em nossa casa, das pessoas as quais minha mãe trabalhava como diarista, alguns artistas na época. Lembrou que presenciou o meu primeiro pudim, sem a consistência

adequada para um pudim, mas sendo o primeiro estava sendo levado em consideração entre outras lembranças do cotidiano da infância e adolescência.

Mas, algo que me chamou atenção em algumas de suas narrativas, em visitas aqui em casa foi quando ela repetiu da importância na vida dela quando ouviu pela primeira vez através da fala de minha mãe a palavra trepidar. Assim que ela perguntou qual era o significado, minha mãe foi até a estante – biblioteca - e apresentou a palavra em um livro, um antigo dicionário que temos aqui, de capa preta. Era o pai dos livros, até pela sua roupa sóbria em relação aos outros livros.

- Sabe Ana Carla, a Tati sempre me perguntava sobre os livros que tenho aqui na biblioteca para ter certeza que eu li, minha mãe em resposta a ela sobre os vários livros espalhados pela casa. Após esse acesso à memória ela relatou que gostava de vir nos visitar para ver as coisas que ela não conhecia. E que começou a encontrar nos livros uma fuga de sua realidade. Ela tinha acesso livre à nossa biblioteca, tanto eu quanto a minha mãe indicava alguns livros para a leitura. Ela poderia ler em nossa casa ou levar para a casa dela.

Importante registrar que a minha mãe era sócia do clube da Editora Círculo do Livro⁴². Isso beneficiou a presença permanente de muitos livros em casa promovendo a naturalidade da minha convivência com eles.

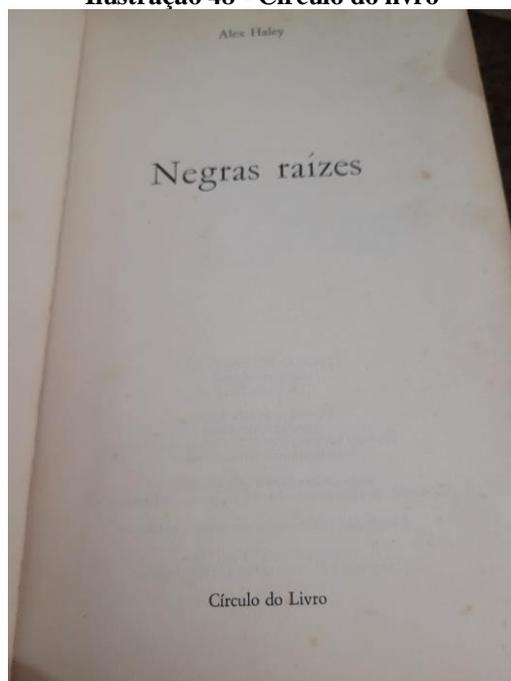
42 Círculo do Livro foi uma editora que operava como um clube onde os associados tinham a obrigação de comprar ao menos um livro por quinzena, a partir de um grande catálogo. O Círculo chegou a reunir 800.000 sócios na década de 80 e tirou dezenas de milhões de exemplares. Produzia livros de capa dura e de bom acabamento a preços competitivos e foi responsável pela criação do hábito de leitura em milhões de pessoas. Disponível em <<https://www.traca.com.br/listas/editora-circulo-livro/61/>> Acesso em 25 nov. 2021.

Ilustração 47 - Alguns livros que restaram da antiga biblioteca de casa



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Ilustração 48 - Círculo do livro



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Livros de temas diversos faziam a composição da biblioteca: coleção de plantas que curam, alimentação de aves, livros didáticos, sobre música, carros, espíritas, entre outros. Assim como a Ana Carla, outras amigas, vizinhas e vizinhos, a tinham como referência quando precisavam fazer algum tipo de pesquisa escolar ou simplesmente buscar informações

das mais variadas. Teve um momento que doamos a maior parte dos livros em função do espaço. Restaram esses acima que minha mãe tem um carinho especial.

Ilustração 49 - Coleção plantas que curam



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

Nesta época, Ana morava em uma casa muito simples e humilde, dormia no chão junto com outros irmãos e nem todos os dias tinha comida na mesa. Conta que quando estava estudando ou lendo um livro a mãe dela não entendia que era estudo e que também se estudava fora da sala de aula, quando não estava na escola. Ainda sobre o relacionamento com os livros, lembrou que minha mãe a perguntava se havia gostado dos livros e de qual personagem ela havia gostado mais e por quê? Entende, hoje, que a minha mãe, Tia Ana, para ela, estava a ajudando no processo de interpretação de texto.

Pela primeira vez, ela e o seu filho Paulinho, 6 anos, foram à Bienal do Livro no Riocentro, junto com meu pai e eu. Sobre isso ela confidenciou posteriormente: - Eu fiquei tão feliz em levar o meu filho Paulinho em um ambiente que não era o dele.

Suas lembranças a levaram até o lanche digno que minha mãe fez para nós, visto que a comida no setor de alimentação da Bienal sempre foi caro, inacessível para o nosso orçamento e esquisito também. Se comêssemos lá, não poderíamos nos dar o luxo de adquirir alguns livros e materializar a visita ao evento.

Visitas as Bienais e as Feiras da Providência sempre fizeram parte do nosso calendário de eventos familiares. Meus pais se preocupavam em me deixar atualizados com tudo o quanto fosse possível e que eu me apropriasse desses espaços para que continuasse frequentando mesmo sem eles.

Ainda sobre livros e leitura, Ana contou que a patroa dela a via lendo e não acreditava. E depois, ao entender que de fato ela estava lendo os livros emprestados lá de casa, deu-lhe um livro do Chico Anísio de presente.

Meus pais e, principalmente, a minha mãe fazem parte de sua rede de apoio como ela diz. Quando eu me casei e mudei de município, o vínculo entre eles continuou no fluxo. Com muito carinho ela diz que meus pais sempre a mostraram que ela podia ter uma possibilidade melhor. A amizade que começou comigo migrou para eles a partir dos atravessamentos com a chegada do período do namoro, casamento, conflitos com a sogra, trabalho, adaptação nos momentos de desafios, quando estava grávida e com muita falta de ar. E reconhece que esse tipo de amizade não existe nesta nova geração. “Aqui (se referindo a minha casa), nós não precisamos nos resguardar para falar o que queremos”.

- E como estão os meninos? Quando a sua mãe me faz essa pergunta. Não é só uma pergunta. Ela sabe da trajetória de vida, conhece o pai das crianças e toda a minha história.

Outra coisa importante, contatada por ela é que adquiriu a partir da nossa convivência, mais especificamente em observação a minha mãe, foi à celebração das conquistas. Em meio a um choque de realidade em se ver limpar o chão de sua casa e organizando as questões domésticas, ela presenciava a minha mãe comemorando comigo as pequenas conquistas da vida, dessa forma me preparando para o futuro. E as próprias conquistas dela, a exemplo quando conseguiu comprar a geladeira com o dinheiro do trabalho como merendeira.

Sobre a minha mãe ela diz em sentido de admiração e agradecimento: - tia Ana, tem uma leveza de passar as coisas sem diminuir o outro. Ela tem uma elegância própria. Aprendi com ela sobre dignidade. Essa palavra é marcante em minha mente. Podemos ser pobre e também ser elegante.

- Eu me lembro muito bem de me sentir importante da vez que seus pais visitaram a minha casa pela primeira vez. As pequenas coisas mais simples ficam na alma e a gente lembra nos momentos difíceis.

3.4.5.4 Gertrudes, sua gratidão e os rolos de papel higiênico

De todas as escrevivências essa foi a que me trouxe uma vivência e emoção imediata sobre o entendimento da importância do desligar das panelas da minha mãe. Inclusive esse caso conto em um trecho do TEDx Pedra Do Sal, quando palestrei sobre O Poder Transformador da Escuta que já disponibilizei na página 66 desta pesquisa.

Pensando no contexto psicossociológico de nós, mulheres pretas dessa pesquisa, sempre me remeto a esse momento da minha mãe recebendo de presente de aniversário um rolo de papel higiênico de Gertrudes, pois eu sabia de seus desafios no território geográfico, pois ela era nossa vizinha de 4 ruas depois. Eu conhecia também os seus desafios no território existencial devido a constância em ouvir seus desabafos à minha mãe, durante anos. Por isso afirmo que ao retirar qualquer coisa que fosse do ambiente doméstico lhe faria falta, por sua luta em conseguir viver um dia de cada vez.

O objetivo da Gertrudes era agradecer toda a atenção que minha mãe a direcionou nas horas em que ela mais precisou. Não tem como medir o valor de uma demonstração dessas. Isso me reverbera até hoje que consolidando com o que cresci aprendendo dentro de casa através das palavras de meu pai, Edinaldo, “o que importa é a intenção”, seja ganhar uma pedra, uma barra de ouro ou um abraço, “o que importa é a intenção”. Judas beijou Jesus, a história conta o que aconteceu.

A intenção de Gertrudes foi agradecer. Ser grata. A partir dessa vivência compreendi de imediato, na época, a parábola do O óbulo da viúva:

5. Estando Jesus sentado defronte do gazofilácio, a observar de que modo o povo lançava ali o dinheiro, viu que muitas pessoas ricas o deitavam em abundância. – Nisso, veio também uma pobre viúva que apenas deitou duas pequenas moedas do valor de dez centavos cada uma. – Chamando então seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu muito mais do que todos os que antes puseram suas dádivas no gazofilácio; – por isso que todos os outros deram do que lhes abunda, ao passo que ela deu do que lhe faz falta, deu mesmo tudo o que tinha para seu sustento (S. MARCOS, 12:41 a 44; S. LUCAS, 21:1 a 4.).

Na época, eu era participante da igreja católica e as parábolas estavam mais próximas do meu processo de raciocínio.

Gratidão. Gertrudes me ensinou na prática sobre gratidão. Mas, não a gratidão capitalista, mas a que nos transcende. A que vem de dentro e compartilha não somente o que abunda, mas principalmente o que lhe faz falta.

Saindo do catolicismo e migrando para o espiritismo, em função da busca do domínio de minha mediunidade altamente intuitiva e vou chamar aqui de conversativa com os amigos espirituais encontrei na literatura espírita, no livro A Psicologia da Gratidão, um trecho sobre “a benção da gratidão” que trago comigo junto com os rolos de papel higiênico, presente recebido pela minha mãe:

A bênção da gratidão

Entre os sentimentos nobres que caracterizam o ser psicológico maduro, a gratidão destaca-se como sendo um dos mais relevantes.

A vida, em si mesma, é um hino de louvor à Vida, portanto, de gratidão incontida.

Vida, porém, é vibração de harmonia presente em todo o universo.

Limitada nas diversas expressões pelas quais se manifesta, é um desafio em constante desdobramento na busca de significado.

Quando o processo de crescimento emocional liberta o Espírito da sombra em que se aturde, nele se apresenta à luz da verdade, que é o discernimento em torno dos valores significativos que o integram no concerto harmônico do cosmo.

Buscando a perfeita identidade, na fusão equilibrada do eixo ego-self, dá-se conta que viver é experienciar gratidão por tudo quanto lhe sucede e tem oportunidade de vivenciar.

A gratidão, dessa maneira, é a força que logra desintegrar os aranzéis da degradação do sentido existencial.

Filha da maturidade alcançada mediante a razão, sobrepõe-se ao instinto, é conquista de elevada magnitude pelo propiciar de equilíbrio que faculta àquele que a sabe ofertar.

Comumente, na imaturidade emocional, acredita-se que a gratidão é uma retribuição pelo bem ou pelos favores que se recebe, consistindo em uma forma de devolução, pelo menos em parte. Inegavelmente, quando se devolve algo dos recursos recebidos, que têm significados saudáveis, opera-se no campo do reconhecimento. No entanto, trata-se de uma convenção, efeito do jogo mercadológico da oferta e da procura ou vice-versa.

O instinto de preservação da existência, trabalhando em favor dos interesses imediatistas, age, não poucas vezes, utilizando-se de ações retributivas, especialmente quando estimulado ao prazer.

A gratidão é um sentimento mais profundo e significativo, porque não se limita apenas ao ato da recompensa habitual. É mais grandioso, porque traz satisfação e tem caráter psicoterapêutico.

Todo aquele que é grato, que compreende o significado da gratidão real, goza de saúde física, emocional e psíquica, porque sente alegria de viver, compartilha de todas as coisas, é membro atuante na organização social, é criativo e jubiloso (FRANCO, Divaldo P., 2011, p. 21 e 22).

Com todas as letras, posso afirmar, me tornei um ser humano melhor após presenciar e viver esse momento em minha varanda. Conto sempre essa história, pois a partir desse dia busco sempre a intenção dos fatos, dos gestos, dos sorrisos e das lágrimas. Existe sempre um preceder antes dos fatos ocorridos em frente aos nossos olhos que desconhecemos ou que a nossa maturidade não alcança.

Essa pesquisa é um gesto de gratidão inenarrável à minha oportunidade de existir e da minha existência como mulher preta aqui, neste país, neste contexto de mundo. E Gertrudes, mulher preta, retinta, com seus lindos traços negróides, onde estiver tem ligação direta com essa feitura de pesquisa. Não tenho mais notícias dela. Busquei saber, mas ninguém soube informar.

Mas, aí está um dos grandes segredos da vida: o encontro em ato, entre nós, seres humanos, seres naturais, mulheres pretas vizinhas. Através do encontro de Gertrudes, minha mãe e eu aprendi, em ato, sobre a gratidão que me transformou de tal forma a tornar-me uma

pessoa melhor reverberando essa melhora no contexto em que estou inserida. Essa pesquisa é um dos frutos da semente da gratidão que Gertrudes plantou em mim. Corrijo-me. Semente não! Foi uma muda grande e já frondosa.

Conversando com a minha mãe, lembramos que Gertrudes passou um ano novo aqui em casa. Minha mãe percebeu que ela passaria sozinha, então fez o convite. Ela chegou antes, ajudou na preparação da ceia e voltou mais tarde para a festa.

Ilustração 50 - Gertrudes em nossa cozinha, nos preparativos da ceia de 1996



Fonte: Arquivo de família (1996).

Ilustração 51 - Momentos antes da ceia de 1996. Da esquerda para a direita: Ana Maria, minha mãe, Gertrudes e Otília, minha madrinha



Fonte: Arquivo de família (1996).

Um salve para Gertrudes e sua explícita e corajosa demonstração de afeto e gratidão!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo essa pesquisa escrevendo sobre os cuidados produzidos entre mulheres pretas. Em minha mente e coração, há muito mais cuidados produzidos em comunidades entre mulheres pretas vizinhas de Belford Roxo, que o meu tempo pode alcançar, outro detalhe é que a minha varanda, assim como o coração de minha mãe, é grande e infinita.

Eu sinto que um dia terei que mudar de casa, de rotina e isso não está longe, então essa escrevivência é um registro de amor que deixo aqui com a minha melhor intenção ao participar da produção desta pesquisa e construir conhecimento a partir do chão onde piso, vivo e moro, para aquelas pessoas que me precederam, as contemporâneas e as que me antecedem e antecederão. É um traço de maturidade através da gratidão pela vida e por esta vida onde a minha essência espiritual em caminho de evolução ocupa o corpo de mulher preta brasileira.

Sou um ser humano, um ser natural, uma pessoa e essência espiritual mais leve e melhor após essa pesquisa. Consegui atravessá-la, passei por muitas encruzilhadas e construí muitas pontes através da potência da dororidade, fraternidade e da solidariedade presente em nossa constituição de mulher preta.

Assim como parte da população mundial, em tempo pandêmico, também perdi parentes, pessoas conhecidas e queridas pelo caminho, assim como uma parte da minha sanidade constituída por um mundo não são. Agradeço o tempo de vida delas ao meu lado, próximas a mim e na sua contribuição de um mundo melhor.

Sigo acompanhando a luta de duas amigas irmãs, mulheres pretas pelo enfrentamento ao câncer de mama, Carla Jeremias e Ana Cláudia Theodora, a forma com que elas lidam com essa realidade me impulsionou a continuar a escrever. As nossas histórias de produção de cuidado não foram incluídas nesta pesquisa, não consegui, pois escrever requer uma consistência de nudez e equilíbrio emocional para acessar determinadas lembranças e traduzi-las em palavras com a responsabilidade dos efeitos posteriores. Mas, os efeitos dos cuidados que continuamos a produzir, entre nós, nesta existência foi e é combustível de incentivo para atravessar os desafios com dignidade e fé.

Finalizo com o sentimento materno para essa pesquisa que passou por sua gestação, se desenvolveu da forma que tinha que ser e no decorrer de seu desenvolvimento já demonstrava as suas próprias singularidades que aprendi a respeitar. O sentimento materno é aquele que reconhece que a filha vem de nós, do útero ou / e do coração, e seguirá o seu caminho no mundo. Ela terá sempre o meu DNA, mas tem vida própria, a sua missão independe da minha

missão ou resgate aqui nesta existência. É autônoma. É um de meus legados e oferta que ancestralizará no decorrer do tempo espiralar.

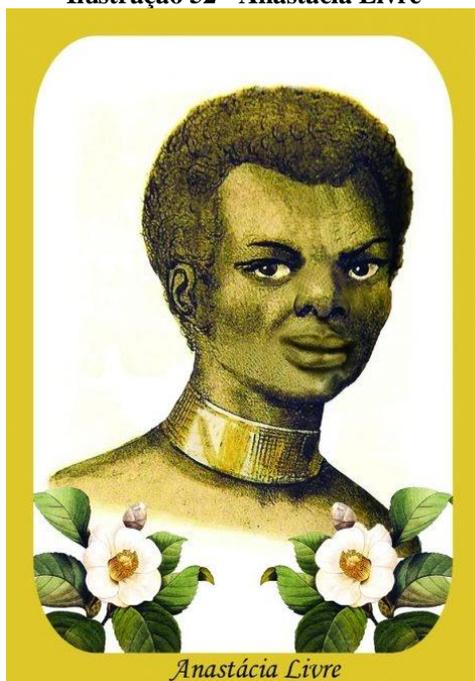
Da mesma forma que converso e abraço árvores, também converso e abraço essa pesquisa. Ao me colocar sempre em posição de humildade, escuta, empatia com a pesquisa e com a missão da ciência, dessa forma consigo compreender esse momento que passamos mais próximas sendo um só ser.

Acessar a minha memória individual e coletiva e convidar as lembranças para fazerem parte desta produção de conhecimento é um processo reverberador de muitos sentimentos ainda não nomeados, porém sentidos. Nunca pensei que poderia fazer ciência a partir da postura de minha mãe em relação a sua produção de cuidado com a nossa comunidade geográfica e existencial e, muito menos, fazer ciência da minha varanda. Esta vivência afirma que a ciência vive em nós, a todo o instante.

Como aprendi e ficou comprovado a experiência de mestrado assim como a pesquisa é coletiva. Não existe individualidade no processo. Você pode até não admitir. Mas, nenhuma pesquisa foi realizada sozinha. Até porque o quê, quem, como, onde e com quem se irá pesquisar, tem a presença direta, tangível, indireta e subjetiva do DNA de muitas pessoas, muitas mulheres pretas e homens pretos.

Escrever é libertador. Sinto-me como Anastácia Livre ⁴³descansando aos pés de um baobá após ter jogado capoeira, dançado samba e ou ter gingado no jongo. Vivendo, simplesmente, vivendo, atualizando as tecnologias de sobrevivência e ofertando-as à vida através da engenhosidade, herança do povo preto que nos acompanha junto com a sabedoria das pretas e pretos velhos.

⁴³ Anastácia Livre é uma viagem no tempo. É voltar ao passado e libertar essa mulher negra escravizada que veio do Congo no século XVIII e foi condenada à mordaça pelo resto da vida por lutar contra um homem branco que a violentou sexualmente. Se tornou a “escrava santa” por sua firmeza, mas refêem à uma iconografia colonial. Em Monumento à voz de Anastácia (2019) conjugo o afresco VOZ em tamanho monumental em diálogo com o pequeno sorriso-segredo de uma Anastácia liberta. Santinhos ficam disponíveis ao lado da obra para serem levados, ecoando assim a imagem (MONUMENTO À VOZ DE ANASTÁCIA. Site Yhuri Cruz, 2019. Disponível em: <<https://yhuricruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/>>. Acesso em 26 dez. 2021).

Ilustração 52 - Anastácia Livre

Fonte: Monumento à Voz de Anastácia via Yhuri Cruz (2019).

A conclusão temporária a que cheguei é que somos o que produzimos, sou enquanto busco ser uma produtora de cuidado, mesmo sem ter essa consciência ou objetivo, apenas vivo através da busca de viver das outras pessoas. E quando essas pessoas são mulheres pretas viventes em comunidades, os laços de preservação da vida são ativados e atualizados em maior parte pela potência de nossas dores. Existe um fluxo ancestral vivo que acompanha as mulheres pretas em seu viver que as direciona, de forma simples e intuitiva no cotidiano coletivo promovendo a permanência nesta vida. O lugar, o tempo disponível tornam-se coadjuvantes no encontro em ato das essências que se intercessora e tornam-se uma.

As produções de conhecimentos existentes e as que estão por vir de mulheres pretas vem confluindo com o fluxo de restituição de equilíbrio em andamento no mundo. Como povo preto, ao termos a nossa história e direitos restituídos, o equilíbrio do planeta vai se fazendo, se reconstruindo de várias maneiras, em paralelo e de diversos níveis, desde o material até o inconsciente. Não é só uma questão de poder e de disputa de narrativa que são importantes, principalmente no âmbito acadêmico. É algo maior, mais profundo, que precisa ser olhado e pensado como fissuras na estrutura social racista e fascista para o bem comum, em preservação e promoção da vida, das existências.

Espero ter produzido cuidado racial e coletivo com a realização dessa pesquisa para além das mulheres pretas e sim para toda sociedade, mesmo que ela ainda não tenha parâmetros para compreendê-la.

Um dos sentimentos nomeados é que essa pesquisa transcende os seus objetivos e transcende-me. Nossas pesquisas pretas são as pedras lançadas hoje por Exu que usa para matar ontem os pássaros. Todo dia é hoje.

Convido aos pesquisadores e pesquisadoras, principalmente, mulheres pretas para além de olharem com mais criticidade as suas travessias, não subestimá-las e criarem tecnologias próprias para permanecerem com saúde mental e física durante o processo acadêmico, assim como, produzir conhecimento a partir de um posicionamento com consciência ancestral, espiritual, cósmica, sulamericana e africana. Inverta o seu mapa mundi.

Tão importante quanto buscar dormir para o restabelecimento das energias, beber água, deixar o sol entrar na mente e o brilho das estrelas no coração durante o processo de pesquisa, é importante, se conectar com a sua ancestralidade, espiritualidade no processo acadêmico e fora dele, incorpore esse fator de realidade visível e invisível no fluxo de seu trabalho de pesquisa. O invisível só é invisível porque o olho espiritual não foi ainda devidamente ativado. Torne a sua ancestralidade e espiritualidade parceira de sua pesquisa.

Sejam pesquisadoras disruptivas e pesquisadores disruptivos, ame, ame-se, ame, ame-se, ame, ame-se, exerça o poder do amor em todos os momentos que for possível, principalmente, em suas pesquisas. Isso nos diferencia e diferencia a construção da egrégora da pesquisa. O amor nos protege.

Muito axé! Muita coragem, oração e banho de ervas! Firmeza na cabeça de vocês. Cabeça erguida, passos fortes, olhar firme no horizonte e sensibilidade na alma!

Que a força de Anastácia Livre nos acompanhe e nos proteja do racismo diário e de todas as forças contrárias a nossa construção de restituição do equilíbrio do planeta a partir da luta por nossos direitos.

Ilustração 53 - Oração a Anastácia Livre

Oração a Anastácia Livre

Festa dias 12 e 13 de Maio.
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO e precisa de AJUDA URGENTE, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

ORAÇÃO

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que **sua luta** te tornou superior, **conquistaste tua voz**, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil a **quem luta por dignidade**.

Anastácia, **és livre**, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Monumento à voz de Anastácia
Yhuri Cruz, 2019

Fonte: Monumento à Voz de Anastácia via Yhuri Cruz (2019).

Chego ao término temporário desta pesquisa, com o desejo de dançar em uma boa gira de pretos velhos, no terreiro do Centro Espírita Vovó Catarina, em Piabetá, Magé, aqui no Estado do Rio de Janeiro, em agradecimento às graças alcançadas com a permissão de Zambi, de Deus, dos Deuses e a colaboração inenarrável dos Orixás, das Entidades e das falanges espirituais que me acompanham, desde o meu pisar neste solo brasileiro.

Deixo o convite a todas e todos os leitores e pesquisadores que buscam construir o seu legado ancestral com amor, engenhosidade e sabedoria. Serão bem-vindos no terreiro de Vovó Catarina.

Que as bênçãos de Vovó Bernardina nos acompanhe e acompanhe você, hoje e sempre! Adorei as almas santas e benditas! Adorei as almas!

*“Ponto de Preto Velho - Adorei as Almas
Adorei as almas
As almas me atenderam
Adorei as almas
As almas me atenderam
Eram as Santas almas
Lá do cruzeiro
Eram as Santas almas”
(Cantiga popular da Umbanda)*

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO A.L., MERHY, E.E. **Formação em saúde e micropolítica**: sobre conceitos ferramentas na prática de ensinar. Botucatu: Interface, 2014.

ABRAHÃO A.L.; MERHY, E.E.; GOMES, M.P.C; TALLEMBERG, C.; CHAGAS, M.S.; ROCHA, M.; SANTOS, N. L. P.; SILVA, E.; VIANNA, L. **O Pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde**. IN: Pesquisadores IN-MUNDO - Um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental - Organizadores: Maira Paula Cerqueira Gomes, Érmerson Elias Merhy - Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014, p.157-158.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma Única História**. Tradução de Jullia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Atlas escolar. **IBGE**. Disponível em: < <https://atlasescolar.ibge.gov.br/a-terra/formacao-dos-continentes>> Acesso em: 17 de out. de 2021.

BAOBÁ – árvore símbolo fundamental das culturas africanas tradicionais. **Portal Geledés**, 15 de julh. de 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-fundamental-das-culturas-africanas-tradicionais/>> Acesso em: 04 de jun. de 2021.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. IN: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-71.

BARROS, Manoel. **Achadouros**. IN: Memórias Inventadas (2006).

BEIGUELMAN, G. **Coronavida: o pós-pandêmico é agora**. N-1 edições, v.86 , 2020.

BENTO, Cida. O que é o Pacto Narcísico da Branquitude?. **Globoplay**, exibição em 7 dez. de 2020 (14 min). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9081632/>> Acesso em: 21 de maio de 2021.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**.1ª ed. São Paulo: Arole Cultural, 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Feminismos Plurais. Coordenação Djamila Ribeiro – São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaia, 2020.

BERTUSSI, D; BADUY, R. S.; FEUERWERKER, L.C.M.; MERHY, E. E. **Viagem Cartográfica: Pelos trilhos e desvios**. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W.F. Caminhos para análise das políticas de saúde, 1. ed. – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015, p.461-486.

BOECHAT, G.; TORRES, H.; GADIOLI, R.; FRANÇA, S.; FERREIRA, G. Belford Roxo: A cidade do amor. **Geografia urbana UFRRJ**, 3 de dez. de 2014. Disponível em: <

<http://geografiaurbanaufrj.blogspot.com/2014/12/belford-roxo-cidade-do-amor.html>> Acesso em: 20 de dez. de 2021.

Boletim epidemiológico Belford Roxo. **Prefeitura de Belford Roxo**, Belford Roxo, 2021. Disponível em: <<https://prefeituradebelfordroxo.rj.gov.br/principal/corona-virus/>> Acesso em: 14 de mar. de 2021.

BONA, Denetem Touam. A arte da Fuga: dos Escravos Fugitivos aos Refugiados. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/507447/D%C3%A9n%C3%A8tem+Touam+Bona+A+Arte+da+Fuga%3A+dos+Escravos+Fugitivos+aos+Refugiado....pdf>> Acesso em: 02 de jan. de 2022.

BRASIL. **Lei Nº 13.185 de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União, Brasília –DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm> Acesso em 26 dez. 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CARVALHO, T. B. G. **O poder transformador da escuta**. TEDx Pedra Do Sal, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IsOb4Bg1ZjY>> Acesso em 05 jun. 2021.

CARVALHO, T. B. G. **O sorriso que abraça de uma alma que brilha: Lia Vieira**. Em: Mulheres Negras Brasileiras: Presença e Poder - da exposição ao livro. Sandra R. Coleman (org.). Curitiba: CRV, 2020, p.84.

CARVALHO, T. B. G., **Não Vim ao Mundo a Passeio**. IN: Mulheres Negras Brasileiras: Presença e Poder – da exposição ao livro / Sandra R. Coleman (organizadora) – Curitiba: CRV, 2020.

COLEMAN, Sandra. **Exposição Mulheres Negras Brasileira: presença e poder**. Nova York, 2020.

COSTA, A. P. & MINAYO, M.C.S. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa qualitativa em ação**. São Paulo: Hucitec Editora, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: CRENSHAW, Kimberlé. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: EDUnifem, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n. 1, p.171-188, 2002. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4123084/mod_resource/content/1/Crenshaw%2020%20revista%20estudos%20feministas.pdf> Acesso em 05 jun. 2021.

CRENSHAW, KIMBERLÉ. Here's What It Means to Her Today. [Entrevista concedida a] Katy Steinmetz. **Time.com**, 20 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://time.com/5786710/kimberle-crenshaw-intersectionality/>> Acesso em: 04 jun. 2021

CRUZ, Kathleen Tereza da. T. **Agires Militantes, produção de territórios e modos de governar: conversações sobre o governo de si e dos outros**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016.

DAVID, Emilliano de Camargo. A saúde mental da população negra importa! Por que precisamos afirmar?. Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Rio de Janeiro: ABRASCO, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Ed. 34. V. 1. Rio de Janeiro:1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1º edição, 2010.

EMICIDA. **Tudo o que nós tem**. Sony Music Brasil, 2019 (5 min).

EVARISTO, Conceição. **A gente combinamos de não morrer**. IN: Olhos d 'água. 1. ed - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Estação plural: depoimentos. **TV BRASIL**, 2017. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/escritora-conceicao-evaristo-e-convidada-do-estacao-plural>> Acesso em: 2017.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira, - Salvador: EDUFBA, 2008.

FEUERWERKER, L.C.M.; Bertussi, D.C.; Merhy, E.E., et al., organizadores. **Da repetição à diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado**. Avaliação compartilhada de saúde. Surpreendendo o instituído nas redes. Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. **Micropolítica e saúde: produção do cuidado e formação/ Org. Laura Camargo Macruz Feuerweker. _** Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 174p. – (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde).

FOX, Lisa L., ed. **Preservation Microfilming: a guide for librarians and archivists**. 2nd. ed. Chicago : American Library Association, 1996.

FRANCO, Divaldo Pereira (pelo Espírito Joanna de Ângelis). **Psicologia da gratidão**. Salvador, BA: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2011.

FRAZÃO, Dilva. Santa Ana. **Ebiografia**, 21 de fev. de 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/santa_ana/ > Acesso em 26 de dez.2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz & Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz & Terra, 1986.

GIL, Gilberto. De onde vem o baião. Palco WMB, 1992 (3'12").

GOMES, M.P.C; MERHY, E.E. “Apresentação”. In: _____(Orgs). **Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreiras em saúde mental**. Porto Alegre: Ed. Rede Unida, 2014. P7-23.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar do negro** / Lélia Gonzalez e Carlos Hasengalg. – Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GOTLIB, Jéssica. Caso Miguel: MP pede a condenação de Sari Corte Real por abandono de incapaz. **Correio Braziliense**, 04 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/12/4968324-caso-miguel-mp-pede-a-condenacao-de-sari-corte-real-por-abandono-de-incapaz.html>> Acesso em: 02 jan. de 2022.

GUARESHI, Pedrinho A. **Relações comunitárias - Relações de dominação**. IN: Psicologia social comunitária: DA solidariedade à autonomia / Regina Helena de Freitas Campos (org). 16.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

Joaquín Torres García. **La Escuela del Sur**. In: Universalismo constructivo. Madrid: Alianza Editorial, 1984

KILOMBA, Grada. **1968 - Memórias da plantação episódio de racismo cotidiano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A humanidade que pensamos em ser**. IN: Ideias para adiar o fim do mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. IN: A vida não é útil / pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

Kulpa S; Baduy RS. **A pesquisa e a construção dos pesquisadores em nós**. In: Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. Organização: Emerson Elias Merhy (et. aL.). 1. ed. Rio de Janeiro : Hexis, 2016.

LARROSA, J. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. **Revista Brasileira de Educação** (Rio de Janeiro), n. 19, p20-28, abr. 2002.

LATOURE, B. **Imaginar os gestos-barreiras contra o retorno da produção anterior à crise**. Artigo N-1, 2020.

LIMA, Fátima. **Protocolo de descarte do lixo, contra-colonialidade(s) e o dia seguinte**. IN: N-1 edições (63), 2020.

LINS, Ivan; SOUZA, Ronaldo Monteiro. Interpretação: Cláudia. **Deixa eu dizer**. Odeon Record Limited, 1973.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUCENA, Francisco. Uma etnografia dos significados e louvação a baobá: sentidos da África no Brasil. **Revista África e Africanidades**, n. 5, 2009.

Mapa da desigualdade região metropolitana do Rio de Janeiro. **Casa Fluminense**, 2020. Disponível em: <https://www.casافلuminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa-da-desigualdade-2020-final_compressed.pdf> Acessado em: 15 de jun. de 2021.

MARQUES, Juracy. **Ecologia do espírito**. Paulo Afonso: Editora da SABEH, 2016.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra** – Lisboa: Antígona, 2014.

MERHY, E. E. “**O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido**”. In: FRANCO, T. B; PERES, M. A. A. (Orgs.). *Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, v. 1, p. 21-45

MERHY, E. E. **Engravitando palavras: o caso da integralidade**. Congresso da Rede Unida. Belo Horizonte: 2005.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do Trabalho Vivo**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MONTELEONE, Joana de Moraes. “Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920)”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, e48913, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/6kxbrTgBwDptJJz9t9RCjRB/?lang=pt>> Acesso em: 01 jan. 2022.

MORIN E. **O método: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Mulheres negras e pandemia: reflexões sobre raça e gênero. **Oxfam Brasil**, 08 de out. de 2020. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/blog/mulheres-negras-e-pandemia/>> Acesso em: 23 mar. 2021.

NGUGI, Wa Thiong’o. **Decolonising the mind: the politics of language in African literature**. Nairobi: EAEP, 1997.

No Brasil, mulheres negras têm maior mortalidade por Covid-19. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/29/no-brasil-mulheres-negras-tem-maior-mortalidade-por-covid-19.htm>>. Acesso em 30 Out. 2021

NOGUEIRA, Renato. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

Organização Mundial de Saúde. World report on violence and health. Summary OMS: **Geneva**, 2002. (On-line). Disponível em <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf> Acesso em 27 de mar. 2021.

Parecer técnico nº 05/GEAS/GGRAS/DIPRO/2021 Cobertura: atenção domiciliar home care, assistência domiciliar, internação domiciliar, assistência farmacêutica domiciliar. **Agência Nacional de Saúde Complementar**. Disponível em: <<https://www.gov.br/ans/pt-br/arquivos/aceso-a-informacao/transparencia-institucional/pareceres-tecnicos-da-ans/2020/parecer-tecnico-no-05-2021-atencao-domiciliar-home-care.pdf>> acesso em 26 de dez. De 2021.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade** – São Paulo: Nóz, 2007.

PINHEIRO, R. Cuidado em saúde. IN: **Dicionário da educação profissional em saúde** - Fiocruz. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/cuisau.html>> Acesso em: 05 jul. 2021.

PINTO, Altair (organizador). **Dicionário da Umbanda - Anexo pequeno vocabulário da língua yorubá**. 6. ed. Editora Eco, 2007.

RAVETTI, G.; ARBEX, M. (organizadoras). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românticas, Faculdade de Letras/UFGM, 2002.

ROCCO, Brenda Couto de Brito. **A preservação de documentos em ambiente digital: contribuições da Teoria Social na ampliação da abordagem técnica**. Tese de doutorado do programa de pós-graduação em Ciência da Informação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

Sankofa: significado desse símbolo. **Dicionário de símbolos**. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>> Acessado em: 19 de maio de 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos - Modos e Significações**. Brasília: INCTI, 2019.

SANTOS, Milton. **O espaço: sistema e objetos, sistemas de ações**. IN: Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Uma necessidade epistemológica: a distinção entre paisagem e espaço.** IN: Milton Santos - A Natureza do Espaço. Editora: Edusp, 4ª edição, 2008.

SOARES, Lissandra Vieira e MACHADO, Paula Sandrine “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. IN: **Psicologia Política.** vol. 17, nº 39, p. 203-219, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf>> Acesso em: 20.mar.2021

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade - Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar.** Editora: Odyseus, 2007.

VELOSO, Zeca. **Todo Homem.** Som Livre, 2018 (3 min).

VIEIRA, L. **Só as mulheres sangram.** Belo Horizonte: Nandyala, 2019, p. 45.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, (nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, documento de identidade) _____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado “É NÓS POR NÓS”: Escrivências dos Encontros de Produção de Cuidado Entre Mulheres Pretas em Belford Roxo, Baixada Fluminense (RJ), cujo objetivo principal é reconhecer os encontros entre as mulheres pretas da Cidade de Belford Roxo, Baixada Fluminense (RJ), como experiência de produção de cuidado.

A minha participação no referido estudo será no sentido de contribuir com a minha trajetória biográfica, experiências e vivências como produtora de cuidado ao encontro com outra mulher preta por meio de formulários e depoimentos abertos que serão gravados pela pesquisadora, cuja informação será transcrita e analisada exclusivamente pela equipe de pesquisa para fins acadêmicos.

Estou ciente que posso compartilhar na entrevista quaisquer objetos, documentos, fotos, imagens, recortes, entre outros tipos, que tenham relação com a minha participação e façam sentido para mim. Este material não ficará em posse do pesquisador e sairei da entrevista com ele e uma cópia ficará para o arquivo da pesquisa.

Minha participação é voluntária e minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Respeitando esta privacidade, autorizo que a pesquisa faça parte de outros estudos desenvolvidos pelo pesquisador, assim como apresentação em seminários, palestras, congressos.

Fui alertado/a de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como o reconhecimento de relações e redes que favorecem a socialização e participação social como produtora de cuidado na Baixada Fluminense.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, se me incomodar ou decidir omitir alguma informação sobre minha condição de produtora de cuidado, sobre minhas relações próximas ou dinâmicas pessoais com a comunidade, eu terei a opção de que sejam omitidas.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Tatiana Brandão Gomes de Carvalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - Eicos/UFRJ, a Professora Orientadora Dra. Kathllen Teresa da Cruz - Programa Eicos/UFRJ, o Coorientador Tiago Braga do Espírito Santo e com eles poderei manter contato pelos telefones (21) 98832-2948 e pelo e-mail tatibrandaococonsultoria@gmail.com.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Ratifico que foi-me entregue uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo, devo ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa (21) 3938-5167 ou mandar um *email* cep.cfch@gmail.com.

Rio de Janeiro, _____ de _____ 2021.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome e assinatura do(s) pesquisador(es)

(responsáveis)

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

BASEADO NAS DIRETRIZES DA RESOLUÇÃO Nº 466 DO MINISTÉRIO DA SAÚDE.

A pesquisa sobre o Título “É NÓS POR NÓS”: Escrevivências dos Encontros de Produção de Cuidado Entre Mulheres Pretas em Belford Roxo, Baixada Fluminense (RJ)” está sendo desenvolvida por Tatiana Brandão Gomes de Carvalho, discente do Programa de pós-graduação em Psicossociologia de comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da UFRJ, sob a orientação da docente Kathleen Teresa da Cruz.

A pesquisa possui como objetivo principal é reconhecer os encontros entre as mulheres pretas da Cidade de Belford Roxo, Baixada Fluminense (RJ), como experiência de produção de cuidado.

Solicita-se, com este documento, sua autorização para participar desta pesquisa através de entrevista. Solicita-se, também, a autorização para a apresentação do conteúdo em eventos acadêmicos e publicações científicas. Em qualquer circunstância, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____

Assinatura do Participante

Contato do Pesquisador (a) Responsável: (21) 98832-2948.

ANEXO III**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, autorizo o uso de minha imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos ou filmes, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho _____.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior pela modalidade de trabalho acadêmico. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Assinatura

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa:

Prédio da Decania do CFCH,
Av. Pasteur, 250, 3º andar, sala 40, Urca,
Rio de Janeiro / RJ - 22290-240
Tel.: (21) 39385167
Email: cep.cfch@gmail.com

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa:

Brasília/DF
Tel.: (61) 33155878
Email.: conep@saude.gov.br

Contato da pesquisadora:

Rua Luciano Vaena, Nº 21
Bairro Vale do Ipê, Belford Roxo/RJ
CEP: 26182-070
TEL.: (21) 988322948
Email: tatibrandaconsultoria@gmail.com

ANEXO IV

BIBLIOGRAFIA DE VÍDEOS CONCEIÇÃO EVARISTO

Anexo para aprofundamento.

#PROGRAMADIFERENTE. **Especial: Conceição Evaristo e a Consciência Negra no #ProgramaDiferente.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VRZqKZsnwjK>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

ALEXANDRE MARCOS. **Depoimento da escritora Conceição Evaristo.** 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=heHftI429U4>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

BIBLIOTECA EREM DOM VITAL. **#23/2020 - Conversa com Escritor(a) recebe Conceição Evaristo (Série Especial "Consciência Negra").** 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FVzbD6341So>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

BONDELÊ. **Bondelê #12: Resenha de Ponciá Vicêncio mais entrevista com a autora.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FyZjFD5liOc>>. Acesso em: 03. nov. 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU – CMFI. **Câmara Entrevista com Conceição Evaristo.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4iy4_WUkzss>. Acesso em: 23. dez. 2021.

CANAL ARTE 1. **Flip 2018 com Conceição Evaristo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ePBQuo8KEbw>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

CANAL BRASIL. **Conceição Evaristo e a mulher negra na sociedade | Espelho.** 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SRI-R27F_o>. Acesso em 03. nov. 2021.

CANAL BRASIL. **Conceição Evaristo, uma entidade da literatura brasileira | A Arte do Encontro.** 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0hzgzoEQp4w>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

CANAL GNT. **Saia Justa: Qual é a importância da história na resistência negra?.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tNy7rwUE_KY>. Acesso em: 03 nov. 2021.

CANAL LEITURAS BRASILEIRAS. **Conceição Evaristo: Escrevivência.** 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

CANAL SAÚDE OFICIAL. **Ciências e Letras: Conceição Evaristo.** 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IMQps4LU0t4>>. Acesso em 23. dez. 2021.

CASA NATURA MUSICAL. **Luedji Luna e Conceição Evaristo | Live | Afetos.** 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U2_i3SyA5V0>. Acesso em: 23. dez. 2021.

CLUBE DE LEITURA. **Mesa especial da II FLICAMP: "Bate-papo com a madrinha Conceição Evaristo"**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bjEmN7OJ7Z0>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

COSTA MONTEIRO SOCIEDADE INDIVIDUAL DE ADVOCACIA. **Roda de Conversa com Conceição Evaristo**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GQKmmuOJio0>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

CULTNE ACERVO. **CULTNE - Conceição Evaristo – Escritora**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZQTX0DdlZLU>>. Acesso em 23. dez. 2021.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. **VÍDEO 1 CONCEIÇÃO EVARISTO**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sII9wJCxLEw&list=PLyke9be3TeCBrYATs0VoBJFgZRTjRBWmL&index=6>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. **VÍDEO 2 CONCEIÇÃO EVARISTO**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tdt9kcWh3jU&list=PLyke9be3TeCBrYATs0VoBJFgZRTjRBWmL&index=5>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. **VÍDEO 3 CONCEIÇÃO EVARISTO**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QRHAWBfCxoY>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. **VÍDEO 4 CONCEIÇÃO EVARISTO**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=78mQ7JvymvE&list=PLyke9be3TeCBrYATs0VoBJFgZRTjRBWmL&index=3>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. **VÍDEO 5 CONCEIÇÃO EVARISTO**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OfLIKcPtAwQ&list=PLyke9be3TeCBrYATs0VoBJFgZRTjRBWmL&index=2>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

ESTAÇÃO MERCADO DO LIVRO. **Conceição Evaristo apresenta Escrevivência**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=luMD6cXGjBg>>. Acesso em 03. nov. 2021.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO UFMG. **Escrevivência e narrativas de si: resistências da negritude**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cJko2yanHus>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

FESTIPOA LITERÁRIA. **Escrevivendo um corpo no mundo: Conceição Evaristo e Luedji Luna. Mediação: Ludmilla Lis**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yofITbVsVxU>>. Acesso em 23. dez. 2021.

FLIP - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. **Mesa 16 | Em busca do jardim, com Alice Walker e Conceição Evaristo - tradução para o português**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VbO5L5JPY8w>>. Acesso em 23. dez. 2021.

FRANCISCO, MÔNICA. **Bate-papo com Conceição Evaristo, Mônica Francisco e Ludmilla Lis**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2xOXP_pYT4>. Acesso em: 24. dez. 2021.

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA RIBEIRÃO PRETO. **20ª FIL | Conferência com Conceição Evaristo #FIL #FILRP. 2021.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BS4LaZB4zgs>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. **VI Conferência Municipal de Cultura | Debate Boaventura e Conceição Evaristo + Show de Dona Jandira.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wG12AFN6TWc>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

INSTITUTO ARTE DE TEAR. **Escrevivência - Episódio 01 da série Ecos da Palavra.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>>. Acesso em 23. dez. 2021.

INSTITUTO ARTE DE TEAR. **Escrevivência - Episódio 02 da série Ecos da Palavra.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dio1yFp2Tvg>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **A Recepção Internacional da Literatura de Conceição Evaristo – Conexões (2017).** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U18AGrIS9e0>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Becos da Memória: Ocupação Conceição Evaristo.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-DEVLDHaRtQ>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Conceição aluna - Ocupação Conceição Evaristo.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3SB8HjjoXKk>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Conceição Evaristo – Encontros de Interrogação (2015).** 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I>>. Acesso em: 03. nov. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Encontro com Conceição Evaristo e Paula Chiziane.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sDzarSvQwJI>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **FLIP 2016 - Parte 1.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **FLIP 2016 - Parte 2.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8Dpo8DrBiVw>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **FLIP 2016 - Parte 3.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R2Vm87otDK8>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **FLIP 2016 – Parte 4.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FZa7tiBHnAc>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **FLIP 2016 – Parte 5.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dFsY72jgLnU>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Maternidade: Ocupação Conceição Evaristo**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=60SnkJrBl0>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **O ponto de partida da escrita**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ITAÚ. **“Azizi, o menino viajante” por Conceição Evaristo**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lvm6hCkY-As>>. Acesso em 23. dez. 2021.

JORNAL DA GAZETA. **Conceição Evaristo, 70, escritora**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sPkDRyJc1jQ>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

LABORATÓRIO FANTASMA. **Programa #ConexãoLAB com @Rashid e @Conceição Evaristo #LabFantasmaTv**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KmAwUAYtkXQ>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

LETRAS PUC-RIO. **Aula Inaugural com Conceição Evaristo**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ygdWl0o8lps>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

LUCINDA ELISA. **4ª PRETA com Conceição Evaristo**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bzA6rBHGJmE>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

METRÓPOLIS. **Metrópolis: Conceição Evaristo**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EbikzbRZQhY>>. Acesso em 23. dez. 2021.

MULHER COM A PALAVRA. **Ano III: Conceição Evaristo e Karol Conká parte 1**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dzUXHvymTHo>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

MULHER COM A PALAVRA. **Ano III: Conceição Evaristo e Karol Conká parte 2**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MIMWTF7bop0>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

MULHER COM A PALAVRA. **Ano III: Conceição Evaristo e Karol Conká parte 3**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rm_OfM6V1iM>. Acesso em: 24. dez. 2021.

MULHERIO UFF. **Escrevivências com Conceição Evaristo**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ehSaZiXLOvY>>. Acesso em 23. dez. 2021.

NOTAS DE ESCURECIMENTO. **NOTAS DE ESCURECIMENTO - Gerações com CONCEIÇÃO EVARISTO**. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8VxVktcgdbY>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

ONU MULHERES BRASIL. **Conceição Evaristo (íntegra) - Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_C6HonpwC8o>. Acesso em: 23. dez. 2021.

PALLAS EDITORA. **Video Olhos dagua**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bbe3gxU97B8>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

PASTOR HENRIQUE VIEIRA. **Utopias da Escrivência, com Conceição Evaristo.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I5QTOB-Q4fQ>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

PAUTA RIO. **Entrevista #1 - Escritora Conceição Evaristo - Pauta Rio.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JpeJ36gaIV8>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

PUCRS. **Ato Criativo | Bate-papo com Conceição Evaristo e Lázaro Ramos.** 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R6SphzeDzVw>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

RÁDIO GUARÁ - A VOZ DE BRUMADINHO. **#NEGRAPOESIA #acordaBrumadinho Convida Conceição Evaristo.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BbEhiSIBgFQ>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

REDE TVT. **Literatura e os desafios das Mulheres Negras.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cKP7LmaH-KQ>>. Acesso em 23. dez. 2021.

REVISTA BRAVO. **A beleza ao criar.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J3eUi1ffrQI>>. Acesso em 23. dez. 2021.

RFI BRASIL. **RFI Convida a escritora Conceição Evaristo.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0YFxFhRXOa8>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

RODA VIDA. **Conceição Evaristo no Roda Viva.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>>. Acesso em: 03. nov. 2021.

SCHWARCZ LILI. **Pílulas literárias | Conceição Evaristo.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XUV1xDo8ZZ0>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

SEDUC_CAMAÇARI. **Escrivência e narrativas de si: resistências da negritude.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NZLdD9gMwNw>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

SEMPRE UM PAPO. **#SempreumPapo Itabira com Conceição Evaristo.** 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=91QJCF8Q_f4>. Acesso em: 23. dez. 2021.

TUTAMÉIA TV. **Tutaméia entrevista Conceição Evaristo.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0fnM-tZZou8>>. Acesso em 03. nov. 2021.

TV APARECIDA. **Conheça a história da Conceição Evaristo.** 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9POX2gtfmFI>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

TV BOITEMPO. **Introdução a Angela Davis com Conceição Evaristo.** 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zoJLG2oB_mE>. Acesso em 23. dez. 2021.

TV BRASIL. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural (programa completo).** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

TV BRASIL. **Mulher na literatura: Conceição Evaristo desafiou o racismo e barreiras sociais.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wg2dR-B20ZE>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

TV BRASIL. **O Trilha de Letras recebe a escritora Conceição Evaristo | Programa Completo.** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

TV NAÇÃO PRETA. **Especial Conceição Evaristo - Episódio 1.** 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=12_Tj1rvyS0>. Acesso em: 23. dez. 2021.

TV NAÇÃO PRETA. **Especial Conceição Evaristo - Episódio 2.** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skp1rVpRqxE>>. Acesso em: 23. dez. 2021.

TV PUC RIO. **TV PUC-Rio: A “escrivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>>. Acesso em 03. nov. 2021.

TV UFMG. **Literafro Entrevista - Conceição Evaristo.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=36eCd7gQpsY>>. Acesso em 23. dez. 2021.

TV UFRB. **Conceição Evaristo - Abertura da Escola Internacional de Feminismo Negro Decolonial 2019.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZHMf0FqqTkk>>. Acesso em: 03. nov. 2021.

TVARHCA1. **Conceição Evaristo poetisa negra.** 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aZGGz8kw51c>>. Acesso em: 24. dez. 2021.

VIDEO SAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ. **Esperança no Brasil: uma conversa entre Conceição Evaristo e Nísia Trindade Lima - 35 anos/Icict.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yKHkH5x-R6g>>. Acesso em 23. dez. 2021.

ANEXO V

BIBLIOGRAFIA ONDE PESQUISEI SOBRE ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

CAMISOLÃO, R. De C. dos S. **Cartografia do Acolhimento: escrituras do estudante negro na UFRGS**. Porto Alegre: 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/210231/001114991.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20.mar.2021.

SOARES, Lissandra Vieira e MACHADO, Paula Sandrine. “Escrituras” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. IN: Psicologia Política. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. – ago. 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf>> Acesso em: 20.mar.2021

RODRIGUES, A.M. **Potências auto-antropológicas: reflexões de uma estudante negra sobre teorias antropológicas contemporâneas**. IN: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas. Organizadores: Míriam Cristiane Alves e Alcione Correa Alves. - 1. ed. - Porto Alegre: Rede Unida, 2020. (Série Pensamentos Negro Descolonial). Disponível em: <<http://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Livro-Epistemologias-e-Metodologias-Negras-Descoloniais-e-Antirracistas-1.pdf>> Acesso em: 12.jul.2021.

Curso on-line **Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas**. ELEEKO Núcleo de Estudos e Pesquisas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LOH-n-gmsXE>> Acessado em: 10 de set. de 2020.

Escritura como metodologia acadêmica | PPG IELA UNILA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iphXcc5eoTw>> Acesso em: 20.mar.202

ANEXO VI

FOTOGRAFIA DA AÇUCENA-DE-ÁGUA DO CAMPO DE SANTANA

Ilustração 54 - Açucena-de-água da Praça da República, o Campo de Santana



Fonte: Tatiana Brandão (2021).

ANEXO VII

ESQUEMA ILUSTRATIVO DA PESQUISA

Ilustração 55 - Esquema Ilustrativo da pesquisa:
"É NÓS POR NÓS": escritivências dos encontros de produção de cuidado entre mulheres pretas vizinhas em Belford Roxo - Baixada Fluminense (RJ)



Fonte: Tatiana Brandão (2022).

ANEXO VIII

FOTOGRAFIAS DOS BAOBÁS E SEUS FRUTOS

Ilustração 56 - Baobás da Praça da República, o Campo de Santana no RJ



Fonte: Tatiana Brandão (2022).

Ilustração 57 - Frutos dos baobás do Campo de Santana, RJ



Fonte: Tatiana Brandão (2022).